

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE VETERINÁRIA E ZOOTECNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA ANIMAL

**KALUNGAS E BOVINO CURRALEIRO PÉ-DURO: contribuições da
pesquisa social**

Elias de Pádua Monteiro

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Clorinda Soares Fioravanti

GOIÂNIA
2013



Termo de Ciência e de Autorização para Disponibilizar as Teses e Dissertações Eletrônicas (TE-DE) na Biblioteca Digital da UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás–UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☐ Dissertação ☒ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor: **Elias de Pádua Monteiro** E-mail: **tiliaomonteiro@hotmail.com**

Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? ☒ Sim ☐ Não

Vínculo Empregatício do autor: **Instituto Federal Goiano** Agência de fomento:

País: **Brasil** UF: **GO** CNPJ: **10.651.417/0001-78** Sigla: **IF Goiano**

Título: **Kalungas e Bovino Curraleiro Pé-Duro: contribuições da pesquisa social** Palavras-chave: **análise de conteúdo, comunidades quilombolas, metodologias qualitativas, pesquisa-ação, projetos sociais**

Título em outra língua: **Kalungas and bovine Curraleiro Pé-Duro: contributions from social research**

Palavras-chave em outra língua: **content analysis, quilombola communities, qualitative methodologies, action-research, social projects**

Área de concentração: **Produção Animal** Data defesa: (dd/mm/aaaa) **13/12/2013**

Programa de Pós-Graduação: **Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal**

Orientador(a): **Maria Clorinda Soares Fioravanti** E-mail: **mariaclorinda@gmail.com**

Co-orientador(1): **Maria Ivete de Moura** E-mail: **medivetemoura@yahoo.com.br**

Co-orientador(2): **Virgílio José Távira Erthal** E-mail: **V_j_t_e@hotmail.com**

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹ ☒ total ☐ parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

[] Capítulos. Especifique:

[] Outras restrições:

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Goiânia 18 de dezembro de 2013

Assinatura do(a) autor(a)

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

ELIAS DE PÁDUA MONTEIRO

**KALUNGAS E BOVINO CURRALEIRO PÉ-DURO: contribuições da
pesquisa social**

Tese apresentada para obtenção do
grau de Doutor em Ciência Animal junto
à Escola de Veterinária e Zootecnia da
Universidade Federal de Goiás.

Área de concentração:
Produção Animal

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Clorinda Soares Fioravanti - UFG

Comitê de Orientação:

Prof^a. Dr^a. Maria Ivete de Moura

Prof. Dr. Virgílio José Tavira Erthal - IFGoiano

GOIÂNIA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

Monteiro, Elias de Pádua.
M775k Kalungas e bovino curraleiro pé-duro [manuscrito]:
contribuições da pesquisa social / Elias de Pádua Monteiro. -
2013.

156 f.: il., figs., tabs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Clorinda Soares Fioravanti;
Coorientadores: Prof^a. Dr^a. Maria Ivete de Moura, Prof. Dr.
Virgílio José Távira Erthal.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás,
Escola de Veterinária e Zootecnia, 2013.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras e tabelas.

1. Comunidades quilombolas – Projetos sociais. 2.
Comunidade quilombolas – Gado – Criação. I. Título.

CDU: 316.334.55

ELIAS DE PADUA MONTEIRO

Tese defendida e aprovada em **13/12/2013** pela Banca Examinadora
constituída pelos professores:



Profa. Dra. Maria Clorinda Soares Fioravanti
(ORIENTADOR (A))



Profa. Dra. Ana Cláudia Gomes Rodrigues Neiva – UFT/TO



Profa. Dra. Maria Lúcia dos Santos - IF Goiano



Prof. Dr. Paulo Hellmeister Filho - EVZ/UFG (memoria)



Prof. Dr. Marco Antônio de Carvalho - IF Goiano

*A minha amada esposa
Vívian de Faria Caixeta,
e aos meus preciosos filhos:
Paulo Felipe Barbosa Monteiro e
Vivianne Caixeta Monteiro.*

A Deus, pela força, coragem e perseverança com que me conduziu.

À minha família pela tolerância e amor a mim dedicados.

À Vívian, minha esposa, que abdicou-se de sua vida social para apoiar-me. Sua paciência notória e seu estímulo incansável foram lenitivos nos momentos difíceis.

Aos meus queridos Filhos Vivianne e Paulo Phelipe por tolerarem os momentos de tensão de um pai estressado com o volume de leitura.

A minha mãe (in memoriam) por um dia ter acreditado em mim!

À Professor a orientadora Dr^a. Maria Clorinda Soares Fioravanti e aos conselheiros Prof. Dr. Virgílio José Távira Erthal e

Prof. Dr. José Ambrósio Ferreira Neto,

pela fonte de inspiração, entusiasmo, alegria, dedicação e competência.

Aos professores do Programa de Pós-graduação da Escola de Veterinária e Zootecnia que sempre me trataram com respeito,

durante o período de realização do curso.

À Médica Veterinária, bolsista de pós-doutorado vinculada a UFG e conselheira,

Dr^a. Maria Ivete Moura pelo apoio e amizade.

Ao Instituto Federal Goiano pelo apoio a mim prestado.

À Embrapa Pantanal e Sebrae pela parceria.

Aos moradores da comunidade Kalunga, verdadeiros protagonistas deste trabalho, não poderia deixar de mencionar, o acolhimento caloroso recebido por todos no decorrer do trabalho de campo.

Aos meus colegas, pela convivência, tolerância e integração, num processo de trocas e buscas comuns, com o mesmo objetivo de se tornarem elementos transformadores da sociedade e agentes da democratização do saber.

Expresso o meu reconhecimento, estima e consideração a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. E peço perdão àqueles a quem não citei nominalmente, mas que tenham a certeza de que a tônica constante em todas as fases de realização deste trabalho foi a sua presença e principalmente, o amor fraterno encontrado em cada um.

*A resposta para a tensão entre igualdade e
diferença é a de defender a igualdade
sempre que a diferença gerar inferioridade, e
defender a diferença sempre que igualdade
implicar descaracterização.*

Boaventura de Sousa Santos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES GERAIS	1
1 Introdução.....	1
2 Comunidades tradicionais e remanescentes de quilombo.....	3
2.1 Aspectos históricos.....	3
2.2 Os remanescentes de quilombo	6
2.3 Os Kalungas	10
3 As ciências sociais	14
4 Bovino Curraleiro Pé-Duro.....	18
5 Objetivos	22
Referências	23
CAPÍTULO 2 - CAMPO DE POSSIBILIDADE E PROJETO DE VIDA DOS KALUNGAS	30
Resumo	30
Abstract	31
1 Introdução	32
2 Material e métodos	33
3 Resultados e discussão	35
3.1 Caracterização da região dos Kalungas.....	35
3.2 Identidade, cultura e socialização das famílias Kalungas	37
3.3 Compreendendo o campo de possibilidade com que contam os Kalungas	42
3.3.1 Políticas públicas	43
3.3.2 Infraestrutura	45
3.3.3 Formas de organização socioeconômica	47
3.3.4 Atividades do grupo familiar	48
3.3.5 Escolaridade	50
3.3.6 Questões fundiárias	52
3.3.7 Turismo	54
3.4 Os Kalungas e seus sonhos	57
4 Considerações finais	58
Referências	60

CAPÍTULO 3 - AVALIAÇÃO QUALITATIVA DO PROJETO ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE NÚCLEOS DE CRIAÇÃO DE GADO CURRALEIRO	65
Resumo	65
Abstract	66
1 Introdução	67
2 Material e métodos	71
2.1 Polo de análise I	71
2.2 Polo de análise II	73
3 Resultados e discussão	74
3.1 Resultados e discussão do polo de análise I	74
3.1.1 Determinação das categorias e subcategorias	74
3.1.2 Sumarização das categorias e subcategorias com suas respectivas operacionalizações	74
3.1.3 Quantificação e interpretação das categorias e subcategorias	82
3.2. Resultados e discussão do polo de análise II	94
3.2.1 Avaliação dos objetivos	94
3.2.2 Avaliação das metas	102
3.2.3 Avaliação dos resultados esperados	103
4 Considerações finais	105
Referências	107
CAPÍTULO 4 A PESQUISA-AÇÃO COMO SUPORTE METODOLÓGICO PARA O PROJETO ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE NÚCLEOS DE CRIAÇÃO DE GADO CURRALEIRO	113
Resumo	113
Abstract	114
1 Introdução	115
2 Revisão da literatura	117
2.1 A pesquisa-ação	117
3 Processo de pesquisa-ação e metodologia	121
4 Discussão dos resultados	123
4.1 Planejamento	124
4.2 A ação	125

4.3 Avaliação da pesquisa-ação	137
5 Considerações finais	139
Referências	140
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
ANEXOS	147

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

FIGURA 1	Localização do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga	11
FIGURA 2	Localização das comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga por município	12
FIGURA 3	Classificação da Ciência.....	15
FIGURA 4	Bovino Curraleiro Pé-Duro, Cavalcante - GO	20

CAPÍTULO 2

FIGURA 1	Visão do relevo da região dos Kalungas	36
FIGURA 2	Dança da Sussa, umas das principais manifestações culturais dos Kalungas	41

CAPÍTULO 3

FIGURA 1	Solenidade de entrega dos lotes de animais (A, B, C). Bovino Curraleiro Pé-Duro encaminhado às famílias da Comunidade Kalunga (D) – Cavalcante-GO, junho/2007	96
FIGURA 2	Evolução do rebanho Curraleiro Pé-Duro reintroduzido no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga – Município de Cavalcante - GO	97
FIGURA 3	Estrutura de currais utilizados para o manejo do bovino Curraleiro na Comunidade Kalunga	99

CAPÍTULO 4

FIGURA 1	Estudantes do Curso Manejo Prático de Gado de Corte em aula prática	126
FIGURA 2	Participantes do Curso Manejo Prático de Gado de Corte com seus respectivos certificados	127

FIGURA 3	Produção de feno para a alimentação de bovinos, a partir de recursos forrageiros regionais e espécies arbóreas presentes no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga..	130
FIGURA 4	Tecnologia de ensilagem adaptada aos Kalungas - silo cincho e suas etapas: corte manual de cana (A), picagem da forrageira (B), prensagem do material (C, D), vedação da massa ensilada (E, F)	131
FIGURA 5	Plantio de Mudas de <i>Cynodon (Jiggs)</i> para formação de banco de mudas (A, B, C); estudantes participantes do segundo curso	132
FIGURA 6	Etapas de preparo e curtimento de couro utilizando tanino contido em extrato vegetal: esfolia (A); lavagem (B, C); descarte e salga (D); caleiro (E); depilação (G) e curtimento (H)	134
FIGURA 7	Artefatos em couro produzidos pelos Kalungas	135
FIGURA 8	Depoimento de um jovem Kalunga estudante do IF Goiano	136
FIGURA 9	Jovens Kalungas estudantes do IF Goiano	137

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 3

QUADRO 1	Sumarização da categoria 1 com suas respectivas subcategorias relacionadas às dificuldades encontradas	75
QUADRO 2	Sumarização da categoria 2 com suas respectivas subcategorias relacionadas à avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro	77
QUADRO 3	Sumarização da categoria 3 com suas respectivas subcategorias relacionadas à importância do projeto para os contemplados	78
QUADRO 4	Sumarização da categoria 4 com suas respectivas subcategorias relacionadas à Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto	79
QUADRO 5	Sumarização da categoria 5 com suas respectivas subcategorias relacionadas ao orgulho dos contemplados em serem Kalungas	80
QUADRO 6	Sumarização da categoria 6 com suas respectivas subcategorias relacionadas ao manejo do bovino Curraleiro Pé-Duro	81
QUADRO 7	Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 1 referente à análise de conteúdo, relacionadas às dificuldades encontradas pelos contemplados com o Projeto	83
QUADRO 8	Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 2 referente à análise de conteúdo, relacionada à avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro	87
QUADRO 9	Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 3 referente à análise de conteúdo, relacionada à importância do Projeto para os contemplados	89

QUADRO 10	Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 4 referente à análise de conteúdo, relacionada à influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto	91
QUADRO 11	Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 5 referente à análise de conteúdo, relacionada à Ser Kalunga	92
QUADRO 12	Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 6 referente à análise de conteúdo, relacionada ao sistema de manejo	93
QUADRO 13	Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Reintrodução gradual de animais da raça Curraleiro Pé-Duro, machos e fêmeas, nas propriedades Kalungas	95
QUADRO 14	Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Estabelecimento de um Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga ...	98
QUADRO 15	Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Caracterização do sistema local de produção bovina	99
QUADRO 16	Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Estabelecimento das tecnologias apropriadas para região, para a criação e manejo de bovinos, considerando os conhecimentos tradicionais da comunidade Kalunga	100
QUADRO 17	Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção	101
QUADRO 18	Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Determinar índices produtivos e reprodutivos bem como parâmetros genéticos e fenotípicos dos bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro	102
CAPÍTULO 4		
QUADRO 1	Diferenças metodológicas entre a pesquisa clássica e a pesquisa-ação	120

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 2

TABELA 1	Características populacionais das famílias entrevistadas	38
TABELA 2	Nível de escolaridade dos Kalungas entrevistados, de acordo com a idade, considerando a frequência (n) e a porcentagem (%)	51

CAPÍTULO 4

TABELA 1	Planilha de custos do Curso de Artefatos em Couro Ecológico com os valores financiados pelos parceiros	132
----------	--	-----

RESUMO

Este trabalho teve como objeto de estudo uma comunidade quilombola e está organizado em capítulos. O primeiro discutiu questões como: comunidades tradicionais e remanescentes de quilombo; os Kalungas; as ciências sociais e o bovino Curraleiro Pé-Duro. O segundo: "Campo de possibilidade e projeto de vida dos Kalungas" analisou como se constrói e implementam seus projetos de vida. O delineamento contou com investigação exploratória; estudo de caso e observação participante. Os Kalungas vêm se tornando sujeitos sociais influenciados na construção de suas identidades e o campo de possibilidades para os projetos de vida futura ocorrem no contexto de uma realidade circunscrita por elementos de políticas públicas, infraestrutura, formas de organização socioeconômica, atividades do grupo familiar, escolaridade, questões fundiárias e turismo. O terceiro: "Avaliação qualitativa do Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro" utilizou metodologias das ciências sociais e buscou demonstrar a importância dessas. A pesquisa foi organizada em dois polos de análise: de conteúdo e documental. O Projeto teve uma avaliação positiva por parte dos contemplados. O quarto: "A pesquisa-ação como suporte metodológico para o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro" analisou a pesquisa-ação participativa como ferramenta capaz de minimizar as dificuldades encontradas pelos contemplados com o Projeto. Foram identificadas uma série de fragilidades e limitações existentes nas comunidades Kalungas. As ações realizadas foram coerentes com as necessidades e a efetivação da pesquisa, destacando que a pesquisa-ação pode colaborar como suporte na ação extensionista e na execução de projetos de desenvolvimento rural.

Palavras-chave: análise de conteúdo, comunidades quilombolas, metodologias qualitativas, pesquisa-ação, projetos sociais

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES GERAIS

1 Introdução

As linhas que traçaram o interesse por estudar os Kalungas surgiram em decorrência do percurso que o pesquisador tomou em sua trajetória de vida, tais como: morar em uma região que se originou de um projeto de colonização, ser neto de ex-colono¹ e por militar em uma instituição de ensino que o fez acreditar na educação como ferramenta de inserção social. Essas motivações foram legitimadas ao se perceber que a diversidade étnica constitui um importante traço da identidade brasileira. Entretanto, a percepção concreta desta diversidade no cotidiano populacional, por meio de ações presentes no dia a dia dos grupos majoritários e minoritários do Brasil, ainda é incipiente.

Essa falta de percepção, em função do desconhecimento do real universo das comunidades marginalizadas, da ausência de políticas públicas adequadas, do reconhecimento dos territórios e da garantia do acesso a direitos sociais, econômicos, ambientais e, ainda, da restrita destinação de recursos, precisam despertar o Estado brasileiro, ou melhor, o brasileiro, a reconhecer uma dívida secular com as classes sociais marginalizadas.

Dentre essas classes encontra-se a população negra, oriunda do tráfico, por meio do Atlântico. Os escravos africanos participaram dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação do sistema econômico mundial. A mão de obra escrava alavancou a economia nacional, movimentando engenhos, fazendas, minas e cidades.

Ainda hoje, muitas comunidades estão intimamente ligadas a uma forma de pobreza rural muito perversa, que mistura dimensões insuficientes da unidade de produção, falta de acesso às condições de plantio, necessidade de

¹ O significado do termo colono aqui pretendido é o de trabalhador de núcleos coloniais estabelecidos pelo governo para introdução de imigrantes, onde eles são proprietários de seus pequenos lotes.

jornada dupla (na própria terra e trabalho como diaristas empregados em outras lavouras) para assegurar as condições mínimas de sobrevivência. Isso tudo sem mencionar os filtros sociais aos quais estão submetidos no seu contato com o entorno (NEIVA, 2009). Entre essas comunidades, teve-se o privilégio de conhecer os Kalungas, os quais registram, constantemente, a luta pela sobrevivência.

Face a isto e, ainda, desafiado pelos conflitos e contradições na academia, regulado no embate sobre a cientificidade das ciências sociais em comparação com as ciências da natureza, percebeu-se a possibilidade de demonstrar um estudo da realidade social dos Kalungas, utilizando métodos qualitativos, com suas dimensões de liberdade e individualidade do ser humano. A intenção passou a ser a de verificar as contribuições dessas metodologias ao modelo positivista de produção de conhecimento, fortemente presente na Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ) da Universidade Federal de Goiás (UFG), no Brasil e no mundo.

Como pano de fundo, apropriou-se da experiência do Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro implementado em 2007, pela UFG, por meio da EVZ; que visava relacionar o bovino Curraleiro e os Kalunga de Cavalcante (GO), na tentativa de resgatar a tradição pecuária da população, com a criação do bovino Curraleiro (FIORAVANTI et al., 2008; FIORAVANTI et al., 2012). Esse Projeto envidou esforços no sentido de fazer chegar aos Kalungas políticas e ações afirmativas que fossem vetores de um desenvolvimento econômico, partindo do reconhecimento e valorização da cultura local.

Para sustentar essa discussão e avançar nesse campo do conhecimento fez-se necessário conhecer o que já foi discutido por outros pesquisadores. Para tanto, textos relacionados ao assunto e ao Projeto foram analisados e elegeram-se alguns temas\conceitos que se julgou necessários para a abordagem do problema em questão. Esses foram discutidos nos tópicos a seguir.

2 Comunidades tradicionais e remanescentes de quilombo

2.1 Aspectos históricos

Ao se falar em escravidão, é difícil não pensar nos portugueses, espanhóis e ingleses que superlotavam os porões de seus navios de negros africanos, colocando-os a venda de forma desumana e cruel por toda a região da América. Porém, a escravidão é bem mais antiga do que o tráfico do povo africano. Ela vem desde os primórdios de nossa história, quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados por seus conquistadores, como exemplo, os hebreus, que foram vendidos como escravos desde os começos da História. Muitas civilizações usaram e dependeram do trabalho escravo para a execução de tarefas mais pesadas e rudimentares. Grécia e Roma são exemplos pertinentes. Essas detinham um grande número de escravos; contudo, muitos de seus escravos eram bem tratados e tiveram a chance de comprar sua liberdade (SANTOS, 2013).

No Brasil, a escravidão teve início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. Os portugueses traziam os negros africanos de suas colônias na África para utilizá-los como mão de obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os comerciantes de escravos portugueses vendiam os africanos no Brasil como se fossem mercadorias. Os mais saudáveis chegavam a valer o dobro daqueles mais fracos ou velhos. O transporte era feito da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros. Amontoados, em condições desumanas, muitos morriam antes de chegar ao Brasil e seus corpos eram lançados ao mar (SANTOS, 2013).

Nas fazendas de açúcar ou nas minas de ouro, a partir do século XVIII, os escravos eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam muito, recebendo apenas trapos de roupa e uma alimentação de péssima qualidade. Passavam as noites nas senzalas, acorrentados para evitar fugas. Eram constantemente castigados fisicamente, sendo que o açoite era a punição mais comum no Brasil Colônia, além de serem proibidos de praticar sua religião de origem africana ou de realizar suas festas e rituais africanos. Eram obrigados a seguir a religião católica, imposta pelos senhores de engenho, adotar a língua portuguesa na comunicação. Mesmo com todas as imposições e restrições, não deixaram a

cultura africana se apagar. Escondidos, realizavam seus rituais, praticavam suas festas, mantiveram suas representações artísticas e até desenvolveram uma forma de luta: a capoeira (CARDOSO, 2008).

A partir da metade do século XIX a escravidão no Brasil passou a ser contestada pela Inglaterra. Interessada em ampliar seu mercado consumidor no Brasil e no mundo. O Parlamento Inglês aprovou a Lei Bill Aberdeen (1845), que proibia o tráfico de escravos, dando o poder aos ingleses de abordarem e aprisionarem navios de países que faziam esta prática. Em 1850, o Brasil cedeu às pressões inglesas e aprovou a Lei Eusébio de Queiróz que acabou com o tráfico negreiro. Em 28 de setembro de 1871 era aprovada a Lei do Ventre Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data. E no ano de 1885 foi promulgada a Lei dos Sexagenários que garantia liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade. Somente no final do século XIX é que a escravidão foi mundialmente proibida. Aqui no Brasil, sua abolição se deu em 13 de maio de 1888 com a promulgação da Lei Áurea, feita pela Princesa Isabel (CARDOSO, 2008).

Treze de maio ou vinte de novembro? Princesa Isabel ou Zumbi? O primeiro marco reporta à interpretação oficial da abolição da escravidão no Brasil, fazendo referência à Lei assinada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, por meio da qual foi declarada extinta a escravidão no Brasil. O segundo, a um movimento vinculado às experiências dos trabalhadores escravos e às disputas em torno dos sujeitos históricos envolvidos no processo de abolição e da consequente necessidade de considerar a importância das formas de luta e resistência dos escravos nesse processo (TURINI, 2003).

Treze de maio ou vinte de novembro? Princesa Isabel ou Zumbi? Acredita-se que o importante é o estabelecimento de relações na tentativa de recuperar experiências e significados do processo de Abolição da Escravidão, uma vez que a exclusão e o racismo ainda são fortes marcas na atualidade. O problema não é mais o reconhecimento de uma data, da existência do racismo ou da ausência de caminhos institucionais que busquem assegurar direitos, mas sim, da descontinuidade histórica de ações políticas por parte do Estado brasileiro visando concluir a abolição decretada em 13 de maio de 1888 (RIBEIRO, 2008).

O negro, também, reagiu à escravidão, buscando uma vida digna. Foram comuns as revoltas nas fazendas em que grupos de escravos fugiam, formando, nas florestas, os famosos quilombos. Esses eram comunidades bem organizadas, onde os integrantes viviam em liberdade, por meio de uma organização comunitária aos moldes do que existia na África. Nos quilombos, podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos. O mais famoso foi o Quilombo de Palmares, comandado por Zumbi (CARRIL, 2006).

A Guerra dos Palmares foi um dos episódios de resistência escrava mais notáveis na história da escravidão do Novo Mundo. Ainda que as estimativas das fontes contemporâneas e dos historiadores sobre o número total de habitantes divirjam bastante, de um mínimo de 6 mil a um máximo de 30 mil pessoas, não há como negar que as comunidades palmarinas, dada à extensão territorial e a quantidade de escravos fugitivos que acolheram, tornaram-se o maior quilombo na história da América portuguesa. Suas origens datam do início do século XVII, mas sua formação como grande núcleo quilombola se deu apenas no contexto da invasão holandesa de Pernambuco, quando diversos escravos se aproveitaram das desordens militares e fugiram para o sul da capitania. As comunidades rebeldes que então se organizaram resistiram a diversas incursões da Companhia das Índias Ocidentais e, após a expulsão dos holandeses, a ataques das tropas luso-brasileiras (MARQUESE, 2006).

Nas décadas de 1670 e 1680, os africanos, crioulos e descendentes alojados em Palmares, eram vistos pelas autoridades metropolitanas como "holandeses de outra cor", por conta da ameaça que representavam à ordem colonial portuguesa na América. Sua derrota pela força das armas só ocorreu em meados da década seguinte, após um conflito secular com dois dos maiores poderes coloniais europeus do mundo moderno. Antes da revolução escrava de São Domingos (1791-1804) e das grandes revoltas abolicionistas do Caribe inglês no primeiro terço do século XIX, o episódio de Palmares só teve equivalente na I Guerra Maroon da Jamaica (1655-1739) e na Guerra dos Saramaca no Suriname (1685-1762). Nesses dois casos, entretanto, os quilombolas conseguiram vencer as tropas repressoras, forçando autoridades e senhores a reconhecerem a liberdade dos grupos revoltosos (MARQUESE, 2006).

2.2 Os remanescentes de quilombo

Atualmente, as comunidades remanescentes de quilombos fazem parte do vasto mosaico étnico, social, ecológico e cultural da estrutura agrária brasileira. A Associação Brasileira de Antropologia as definem como toda comunidade negra rural que agrupa descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado (CREPALDI & PEIXOTO, 2009). Essas comunidades são detentoras de direitos culturais históricos, assegurados pelos artigos 215 e 216 da Constituição Federal que tratam das questões relativas à preservação dos valores culturais da população negra e eleva as terras dos remanescentes de quilombos à condição de Território Cultural Nacional (NERY, 2004).

A palavra "quilombo", que em sua etimologia *bantu* quer dizer acampamento guerreiro na floresta, foi popularizada no Brasil pela administração colonial, em suas leis, relatórios, atos e decretos, para se referir às unidades de apoio mútuo criadas pelos rebeldes ao sistema escravista e às suas reações, organizações e lutas pelo fim da escravidão no País. Essa palavra teve também um significado especial para os libertos, em sua trajetória, conquista e liberdade, alcançando amplas dimensões e conteúdos (SILVA, 2007).

As centenas de insurreições de escravos e as formas mais diversas de rejeição ao sistema escravista no período colonial fizeram da palavra "quilombo" um marco da luta contra a dominação colonial e de todas as lutas dos negros que se seguiram após a quebra desses laços institucionais. A Legislação Ultramarina em sua fase áurea definiu como sendo um quilombo a reunião de mais de cinco negros, tal era o potencial de revolta contido na união dos escravos. Quilombo e liberdade são, portanto, contra faces de uma mesma realidade histórica. De um lado, as situações de força arbitrária e incontestável em que os "senhores" impunham a sua vontade por meio de atitudes explícitas ou dissimuladas, brandas ou violentas. De outro, as reações dos escravos e libertos, explícitas, sutis, violentas ou não, às diversas situações e regimes de autoridade (MATOS et al., 2009).

O termo quilombo surgiu oficialmente no Brasil na Constituição do século XVIII, quando, em 1740, o Conselho Ultramarino valeu-se da definição de

que era: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. A idéia de quilombos está associada à reunião de escravos fugidos que resistiam às tentativas de captura ou morte. Este exemplo poderia ser compreendido na identificação de “grupos de fugitivos que viviam na estrada à custa de roubo às fazendas ou mesmo aos passantes, ou seja, uma espécie de grupo nômade de economia predatória até uma organização complexa” (GOMES, 1996, p.266).

No final do século XIX, com a quebra dos vínculos coloniais e as mudanças decorrentes dos projetos de industrialização no Brasil, o quilombo ampliou-se para outras parcelas da população, indo da voz dos abolicionistas para os movimentos sociais, tornando-se uma parte do projeto político de uma sociedade mais democrática e justa. Principalmente nas áreas rurais de diversas regiões do Brasil, a gênese da formação escravista, que teve o quilombo como sua maior referência, desloca-se pelo período de transição da economia colonial sem uma ruptura ou quebra dos antigos vínculos senhoriais (GARAVELLO, 2008).

A unidade familiar que serviu de suporte ao modo de produção colonial incorpora o processo produtivo de acamponesamento das populações recém-saídas da escravidão. Concomitantemente ao processo de desagregação das grandes fazendas voltadas para a exportação e à diminuição do poder de coerção dos grandes proprietários territoriais, os quilombos passaram a integrar a ordem pós-abolicionista relacionando-se, não sem conflitos, com as estruturas pós-coloniais (SANTOS, 2010).

Atualmente, no Brasil, consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnicos raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. As comunidades remanescentes de quilombos são espaços habitados secularmente por descendentes de mulheres e homens escravizados, ex-escravizados e também de negros livres. Contudo, só a partir da década de 1980, deixaram de ser vistas como comunidades preteridas, devido a ações políticas dos movimentos sociais negros (CREPALDI & PEIXOTO, 2009).

O marco legal, relativo a essas comunidades, se estabeleceu na Constituição Federal de 1988, no Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que garantiu a propriedade dos moradores nas áreas supracitadas. Baseados na Lei, os quilombolas lutam pela emissão dos títulos definitivos de suas terras. Há avanços nas políticas públicas para as áreas de comunidades remanescentes de quilombos, como, por exemplo, o Decreto n. 4.887/2003 que regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o artigo supracitado (SANTOS, 2010).

Este Decreto apresenta um novo caráter fundiário, dando ênfase à cultura, memória, história e territorialidade, uma inovação no Brasil, que é o reconhecimento do Direito Étnico. Nos finais dos anos 90 do século XX, a Fundação Cultural Palmares identificou, por meio de um censo, os antigos sítios das comunidades quilombolas do Brasil. A presença legalmente instituída levou a Fundação supracitada, em 1994, a formular um novo conceito para os quilombos, que passaram a ser vistos como: toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo de uma cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado (ARRUTI, 2002; NERY, 2004).

Em 2009 o governo federal assinou 30 decretos de regularização de territórios quilombolas em 14 estados brasileiros. Inclui-se nesse ato a regularização do território dos Kalungas. Para os remanescentes, esse ato é um marco histórico no reconhecimento legal da regularização fundiária de comunidades quilombolas no País uma vez que repara uma dívida histórica e social. A partir destes decretos é possível dar início aos processos de avaliação dos imóveis que, após a indenização dos proprietários, permitirá que as famílias tenham acesso a todo território e posteriormente tenham o título de domínio definitivo de suas terras, que é coletivo e inalienável. O título coletivo da terra carrega a possibilidade de levar as políticas públicas básicas, como as desenvolvidas pelo Bolsa Família, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), por exemplo, a essas comunidades (IBAMA, 2013).

Os estudos recentes se empenham em entender a complexa rede estabelecida entre os quilombolas e os diversos grupos da sociedade com quem os fugitivos mantinham relações. Essas novas discussões apontam para a interpretação de que esses espaços recebem diferentes nomenclaturas, como: terras de preto, território negro e comunidades de quilombos. Contudo, todas essas denominações são utilizadas por vários autores para denominar uma coletividade camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade (ANJOS, 2005).

Ao se falar de identidade quilombola, essa vem sendo discutida no Brasil a partir da necessidade de lutar pela terra. A consciência em torno da identidade constitui o critério fundamental para o reconhecimento de uma comunidade remanescente de quilombo. Assim sendo, o processo de conscientização da identidade tornou-se um critério essencial na luta pelo reconhecimento jurídico das comunidades (SANTOS, 2010).

O movimento negro prefere utilizar, no momento atual, a denominação comunidades negras rurais, uma vez que essa categoria tem uma significação muito abrangente, podendo ser empregada para indicar qualquer situação social em que os agentes a ela referidos se auto representassem como “pretos” e/ou descendentes de escravos africanos que vivessem em meio urbano ou rural. Tal discussão tem sua origem na crescente organização dos trabalhadores do campo e na ascensão do movimento negro, enquanto movimento político que afirma a identidade étnica inserida no conjunto das lutas dos trabalhadores pela posse da terra.

Por tudo isso, falar dos quilombos e dos quilombolas no atual contexto é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, fazer uma reflexão científica em processo de construção. Esta discussão tenta reparar “a imensa dívida do Estado brasileiro para com a população negra, que sofre a dupla opressão, enquanto camponesa e parte de um grupo racial inserido numa sociedade pluriétnica, mas desigual” (ARRUTI, 2006, p. 98).

Falar de quilombos é tentar fazer uma relação entre presente e passado de um povo que precisa garantir um futuro mais digno, onde todas as discriminações possam ser reparadas numa nova expectativa de hoje. Falar de quilombos é buscar superação na prática da cultura de subsistência e acreditar na

possibilidade de sobreviver respeitando os costumes do passado e os valores ancestrais, procurando estratégias de desenvolvimento sustentável, na perspectiva de garantia de vida digna – cidadania (OCHOA, 2007).

Assim, acredita-se na idéia de quilombo definida por meio da perspectiva que analisa a transição da condição de escravo para a de camponês livre. Nessa vigência, nascem novas esperanças de conquistas de direitos para as pessoas que residem nesses espaços (SANTOS, 2010).

2.3 Os Kalungas

No Estado de Goiás, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga abriga uma comunidade formada por negros remanescentes de quilombo, com uma população em torno de 5.000 pessoas em mais de 30 comunidades da zona rural dos municípios de Cavalcante (GO), Teresina de Goiás e Monte Alegre (GO) (Figura 1). Os Kalungas são agricultores familiares multifuncionais e pluriativos (NEIVA, 2009). Essa multifuncionalidade é definida como o conjunto das contribuições da agricultura a um desenvolvimento econômico e social considerado na sua unidade. É associada à segurança alimentar, aos cuidados com o território, proteção ao meio ambiente, à salvaguarda do capital cultural, à manutenção de um tecido econômico e social rural pela diversificação de novas atividades ligadas à atividade agrícola (MALUF, 2002; ANJOS & CIPRIANO, 2007).

A origem da comunidade Kalunga remonta a 1722, com o movimento migratório das bandeiras em busca de ouro no Estado de Goiás. Junto com os bandeirantes eram trazidos negros escravizados, os quais se tornam a principal mão de obra das minas e que, para muitos, tornou-se o elemento principal que possibilitou a colonização do território goiano, tanto em termos populacionais quanto econômicos. Depois do período aurífero, que perdurou de 1722 a 1820, o processo migratório permaneceu com a busca de terras para a lavoura e pastagem de bovino no Estado de Goiás (BAIOCCHI, 2006).



Figura 1 - Localização do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga
 Fonte: Adaptado de SEPLAN (2012)

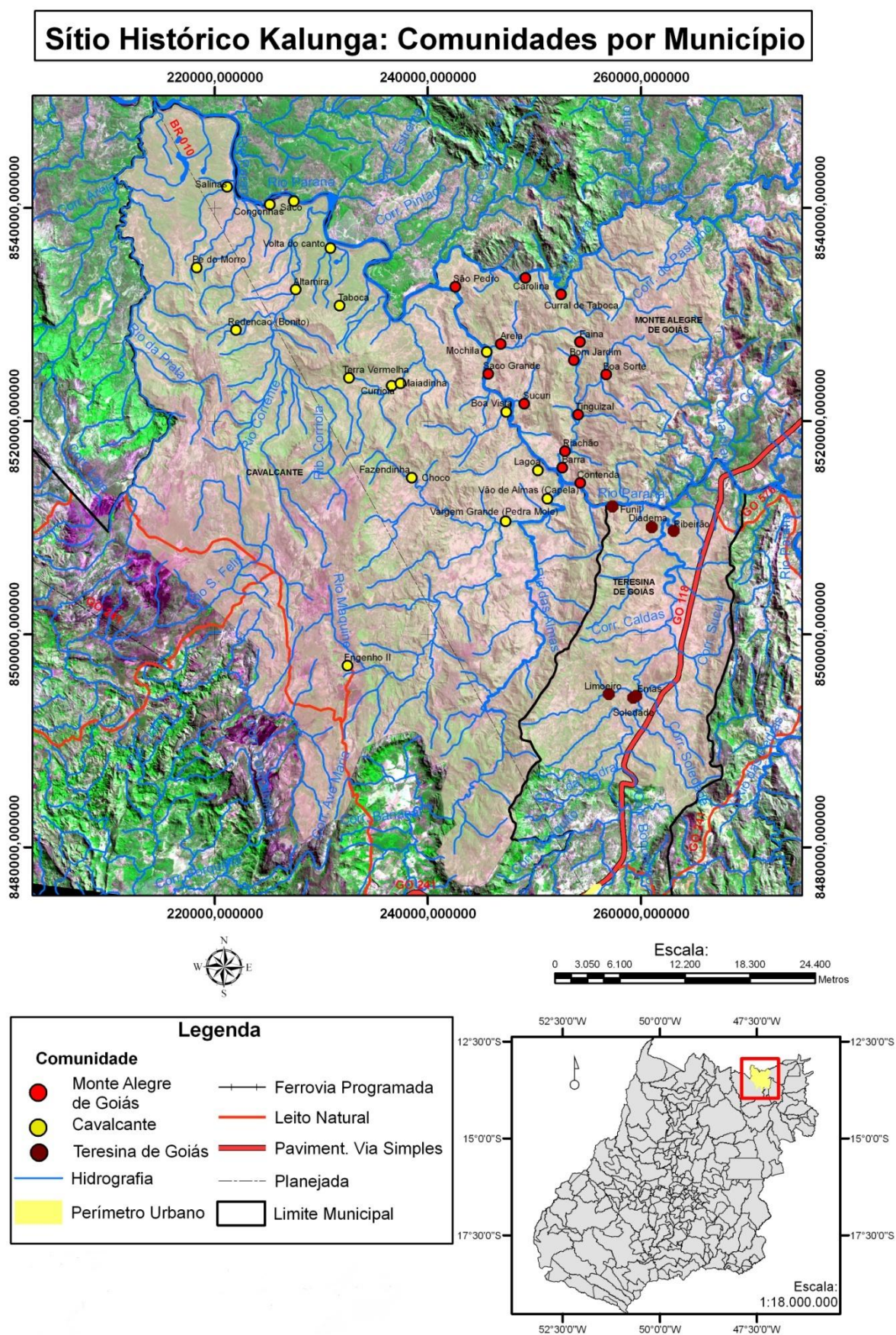


Figura 2 - Localização das comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga por município
 Fonte: Adaptado de SIEG (2013)

Quanto ao termo Kalunga, palavra de origem africana, refere-se a um determinado local à margem do Rio Paranã, no Estado de Goiás. Esse nome era de uso restrito, pois designava originalmente uma pequena parte ou um lugar determinado daquela região chamado de Kalunga no Vão do Kalunga ou da Contenda. Atualmente, esse termo igualmente designa o povo e toda uma microrregião da Chapada dos Veadeiros. Os moradores da Região, também, atribuem o vocábulo Kalunga a uma planta que nunca seca, muito parecida com a lobeira do cerrado, *Simaba ferruginea*, tida como o símbolo de poder e ancestralidade (BAIOCCHI, 2006).

Existe uma outra variante que diz que a palavra teria advindo da África (língua Bantu) e estaria ligada à divindade Bantu que se refere ao mar. Há também uma relação com a idéia de morte. Nesse sentido, percebe-se uma relação semântica com a impressão que os antepassados queriam dar aos senhores das minas ao desaparecerem nas serras e vãos. O termo calungueiro passou a ser utilizado desde 1962 para designar os moradores da região do Calunga (BAIOCCHI, 2006).

A comunidade Kalunga não vivia isolada como atestam alguns autores, nem mesmo antes da abolição da escravatura, pois além do contato social entre seus membros e os indígenas, o território, que ocupavam, era vizinho de grandes fazendas de gado. Como até a década de 1980 não havia estradas na região, apenas trilhas conhecidas somente pelos Kalungas, eram eles quem decidiam quando e quem viajava. Normalmente eram os homens que iam com maior frequência até a cidade, pois precisavam negociar o gado, vender o excedente da produção agrícola e comprar bens que não eram produzidos na comunidade, como roupas, querosene, sal entre outros (MARINHO, 2008).

Os moradores passaram a se autodenominar Kalunga, somente após o início dos trabalhos da antropóloga Mari Baiocchi que coordenou o pioneiro Projeto Kalunga - Povo da Terra, Subprojeto Resgate Histórico dos Quilombos da Universidade Federal de Goiás (UFG). O termo que anteriormente era usado de forma pejorativa começa a ser visto por eles próprios de maneira construtiva. Houve uma mudança no sentido da palavra, de modo que se tornou politicamente vantajoso pertencer a essa comunidade (SIQUEIRA, 2006).

A comunidade Kalunga e todas as comunidades remanescentes de quilombo passaram a ter maior visibilidade no cenário político nacional a partir de 1988, com a promulgação da Constituição Federal, que garantiu a essas populações, o direito de propriedade das terras que ocupavam há séculos. No ano de 1991, a área Kalunga foi reconhecida pelo Governo de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Em 2000 essa comunidade recebeu do Governo Federal, por meio da Fundação Cultural Palmares (FCP), o Título de Reconhecimento de Domínio sobre a área (BAIOCCHI, 2006; ANJOS & CYPRIANO, 2007).

3 As ciências sociais

Ao analisar a etimologia da palavra ciência, observa-se que esta se relaciona com *scientia*, palavra latina, que por sua vez, exprime a idéia de aquisição de conhecimento. Em termos abrangentes, a “ciência é um conjunto de conhecimentos racionais, certos ou prováveis, obtidos de forma metódica, sistematizada e, que permita a verificação, fazendo referência a objetos de uma mesma natureza” (ANDER-EGG, 1978, p. 15).

Ao longo dos anos e, em virtude da multiplicidade de objetos considerados pelas ciências, os estudiosos vêm procurando definir um sistema para classificá-las (Figura 1). Não há uma hegemonia em relação a essa classificação, mas a tendência é de classificar as ciências em duas grandes categorias: factuais, que estudam os objetos empíricos, as coisas e os processos e as formais as quais tratam de entidades ideais e de suas relações. As ciências factuais, por sua vez, podem ser classificadas em sociais e naturais (OLIVEIRA, 2003).

A complexidade e a abrangência das ciências factuais têm gerado profundos debates e reflexões acerca dos múltiplos e diversificados problemas que constituem o seu universo de pesquisa. Para esta pesquisa, essa complexidade se delimita na discussão a respeito da plausibilidade enquanto conhecimento científico. Para tanto, faz-se necessário uma retomada histórica no tocante a consciência filosófica da ciência moderna, que tivera no racionalismo

cartesiano e no empirismo baconiano as suas primeiras formulações e que veio a homogeneizar-se no positivismo. Para a filosofia positivista, só havia duas formas de conhecimento científico: as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas segundo o modelo mecanicista das ciências naturais (GIL, 2008).

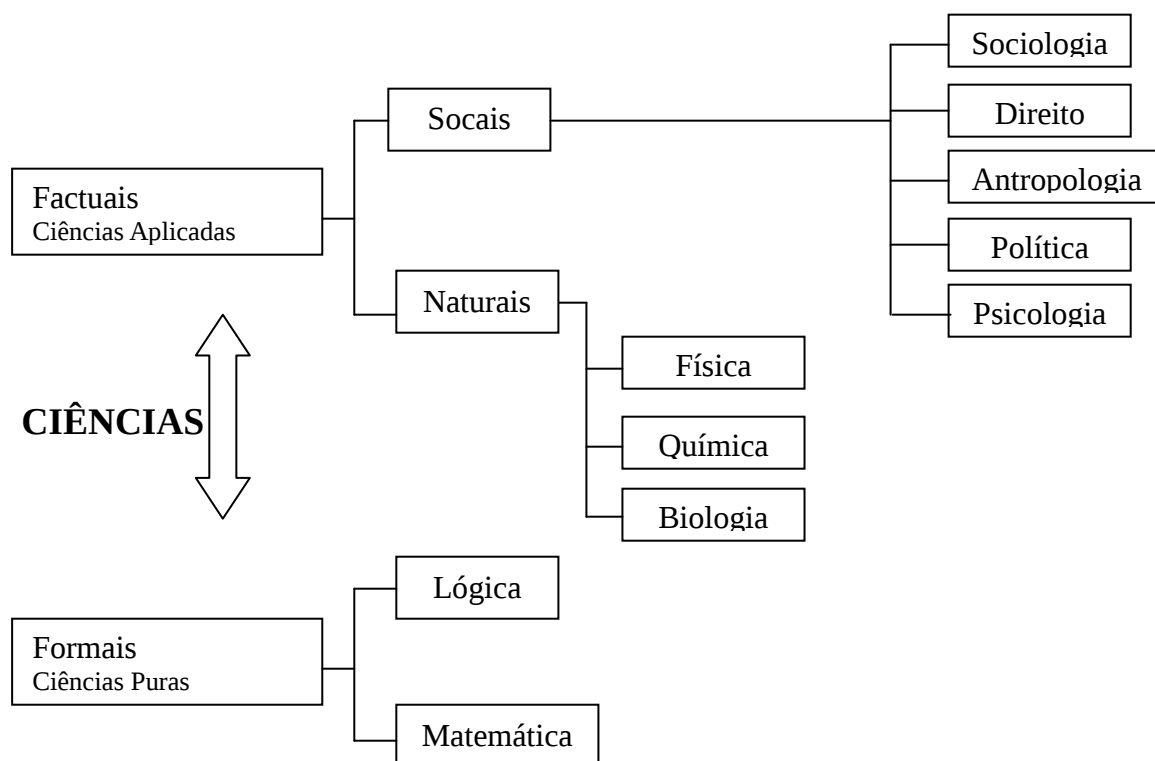


FIGURA 3 – Classificação da Ciência
Fonte: Adaptado de OLIVEIRA (2003, p. 51)

Dessa forma, as ciências sociais assumem um dilema ou duas vertentes principais: a primeira consistiu em aplicar, ao estudo da sociedade, todos os princípios epistemológicos e metodológicos que presidiam ao estudo da natureza desde o século XVII. A segunda, durante muito tempo marginal, mas hoje cada vez mais seguida, consistiu em reivindicar para as ciências sociais um estatuto epistemológico e metodológico próprio, com base na especificidade do ser humano e sua distinção polar em relação à natureza. Essas duas concepções têm sido consideradas antagônicas, a primeira, sujeita ao jugo positivista e, a segunda, liberta dele. Porém as duas reivindicando o monopólio do conhecimento científico-social (MACIEL, 2005).

Os pesquisadores que defendem a segunda vertente adotam uma abordagem qualitativa a qual reivindica para as ciências sociais um estatuto metodológico próprio. Esses defendem que a ação humana é radicalmente subjetiva e o comportamento humano, ao contrário dos fenômenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objetiváveis. Ainda, a ciência social seria sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais e que os fenômenos sociais seriam compreendidos a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem as suas ações. Para tanto, seria necessário utilizar métodos de investigação e critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo e explicativo (MACIEL, 2005).

Foram citados nos parágrafos anteriores os termos abordagem qualitativa e quantitativa. Esses merecem uma explanação para melhor compreensão. As abordagens de pesquisa são condutas que orientam o processo de investigação. São formas ou maneiras de aproximação e focalização do problema ou fenômeno que se pretende estudar, prestando-se à identificação dos métodos e tipos de pesquisa adequados às soluções desejadas. Dependem da natureza do problema e de sua formulação, da teoria de base e referencial teórico-cultural que o sustentam e da proximidade do pesquisador com o objeto de análise (TURATO, 2005).

As abordagens de pesquisa tradicionais são chamadas quantitativas, com natureza empírica. Baseiam-se em métodos lógico/dedutivos, buscam explicar relações de causa/efeito e, por meio da generalização de resultados, possibilitarem replicações. Privilegiam estudos do tipo “antes e depois”, propiciando análises estáticas e instantâneas da realidade, como se fossem fotografias. Têm como características de conduta de investigação, a seleção das amostras, à distância ou a ausência de contato entre o pesquisador e o objeto de estudo. Os relatos dos resultados obtidos devem ser objetivos e primar por descrições externas e metrificadas. Os tipos de pesquisa inerentes às abordagens quantitativas são os levantamentos (*surveys*), os estudos teórico-conceituais, os diagnósticos, as modelagens e simulações, que recriam artificialmente a realidade

mediante dados quantitativos (TURATO, 2005).

As pesquisas de natureza qualitativa buscam aproximar a teoria e os fatos, por meio de descrição e interpretação de episódios isolados ou únicos, privilegiando o conhecimento das relações entre contexto e ação (método indutivo). Por meio de análises fenomenológicas e da subjetividade do pesquisador chegam, geralmente, a resultados particularizados que possibilitam, no máximo, a comparação entre casos. Nessa ótica, a delimitação do problema de pesquisa inclui uma visão de contexto histórico ou de desenvolvimento, enfatizando o processo dos acontecimentos e a sequência dos fatos ao longo do tempo (GÜNTHER, 2006).

A objetividade dá lugar ao subjetivismo do pesquisador, que retrata a realidade do fenômeno por meio da sua dinâmica interna, como se fora um filme ou um objeto tridimensional. A proximidade e o contato do pesquisador com o objeto de análise propiciam a elaboração de relatos e depoimentos que privilegiam aspectos internos e particulares da situação (GÜNTHER, 2006).

A evolução histórica da pesquisa qualitativa, com todas as questões, tensões e inovações crescentes, tem suas raízes a partir do final do século XIX quando alguns antropólogos, como o americano, Lewis Henry Morgan (1818-1881); o alemão, Franz Boas (1858-1942); e o polonês, Bronislaw Malinowski (1884-1942) realizaram diversos estudos sobre as sociedades tradicionais, buscando estudar como viviam, no local onde viviam e como davam sentidos as suas práticas e coesão grupal (CHIZZOTTI, 2003).

No começo do século XX, em 1910, um grupo de pesquisadores da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, desenvolveu uma metodologia para estudar o “outro” baseado no convívio com os fatos e as pessoas e nos relatos que elas faziam de suas experiências vividas. Essa universidade acabou tornando-se o principal centro de estudos de pesquisas sociológicas da época. A Escola de Chicago criou um método interpretativo realista a partir das narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisadores. Distinguiu-se pela produção de conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos, os quais, a Cidade de Chicago enfrentava (CHIZZOTTI, 2003; ALMEIDA & CRUZ, 2010).

A fase áurea da pesquisa qualitativa se deu nos anos 70 a qual consolidou novos conceitos de objetividade, validade e fidedignidade, com o intuito de definir a formalização e análise rigorosas dos estudos qualitativos, ainda inspirados no discurso positivista. Esses foram revestidos de argumentos pós-positivistas, admitindo-se o princípio de falseabilidade, onde a ciência produziria teorias mais verificáveis que podem ser falseadas por novos fatos (CHIZZOTTI, 2003).

Com a expansão dos investimentos públicos e privados na pesquisa, na década de 70 e 80, surgem novas orientações e novos paradigmas que refletiam uma mudança de visão sobre a natureza da pesquisa e sua contribuição para a política e a prática, gerando iniciativas, métodos e técnicas de pesquisa em todas as áreas do conhecimento. As certezas positivistas são postas em questão como únicas nas pesquisas humanas (CHIZZOTTI, 2003).

4 Bovino Curraleiro Pé-Duro

As raças bovinas brasileiras locais, também denominadas naturalizadas ou crioulas, originaram-se de um longo processo de seleção natural, com diferentes pressões impostas pelo clima, enfermidades, disponibilidade de alimento, além de critérios estabelecidos pelo homem. Tais raças caracterizam-se pela rusticidade, adaptabilidade e resistência; aspectos fundamentais para sobreviverem nos ambientes com as particularidades edafoclimáticas nos quais se estabeleceram (EGITO et al., 2002; EGITO et al., 2011; FELIX et al., 2013). Em função disso, constituem um importante recurso genético para sistemas de produção pecuária sustentáveis nas diversas regiões brasileiras, atendendo aos aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais.

No Brasil, a introdução do rebanho bovino iniciou-se com a chegada dos colonizadores ibéricos. Os portugueses os trouxeram com a finalidade de fornecer alimento para os colonos. Relatos indicam que o primeiro rebanho bovino desembarcou em São Vicente - SP, em 1534. Ainda, que o bovino português foi introduzido em três épocas e locais diferentes: Recife - PE, 1534/1554; São Vicente - SP, 1534/1538 e Salvador - BA, em 1550. Esses três núcleos: São Paulo

ao sul, Bahia ao centro e Pernambuco ao norte, constituíram-se, basicamente, nas zonas importadoras de gado de origem portuguesa que se reproduziria livremente no Brasil (MIRETTI et al., 2004; MARIANTE & CAVALCANTE, 2006).

De São Vicente - SP, os bovinos foram levados pelos colonizadores para os campos sulinos, para Goiás, para o Vale do São Francisco, alcançando os campos do Piauí e Ceará. Já os que desembarcaram em Pernambuco e na Bahia emigraram para os sertões nordestinos, norte de Minas, oeste da Bahia, onde encontraram os rebanhos originários de São Vicente (EGITO et al., 2007).

Após muitos anos de seleção natural, essas populações adaptaram-se ao ambiente particular de cada região e ao clima tropical. Desenvolveram características que as permitiram sobreviver a uma escassez de alimentos e, juntamente com os eventos recorrentes da miscigenação destas raças, levaram ao desenvolvimento de raças adaptadas a uma ampla gama de ambientes com níveis excepcionais de variabilidade fenotípica e melhor adequação às condições locais (EGITO et al., 2007).

As raças bovinas existentes no Brasil podem ser classificadas em dois grupos: bovinos locais e bovinos exóticos. Os bovinos locais compreendem uma população isolada em determinada região ou regiões, de modo a apresentar características próprias de adaptação à influência do meio, moldadas pela seleção natural. Essa seleção, provavelmente, trouxe perda da diversidade genética, bem como concentração e fixação de características específicas, uma vez que a adaptação ao novo ambiente ocasionou mudanças no comportamento e em aspectos físicos e morfológicos dos bovinos (MARIANTE et al., 2008).

Os bovinos exóticos abrangeriam animais, tanto zebuínos quanto taurinos, importados nos últimos 50 a 100 anos, em decorrência da pressão do agronegócio de carne no Brasil. Essa introdução seria resultado de uma demanda cada vez maior por alimentos de origem animal, levando a aquisição de animais oriundos de programas de melhoramento, visando o aumento da produtividade. Hoje, as raças exóticas compõem a maior parte das populações comerciais. Essas foram selecionadas em países de clima temperado com o objetivo de diluir o germoplasma das raças locais que apresentavam menor produtividade. Como consequência, houve o quase desaparecimento das raças bovinas brasileiras locais (EGITO et al., 2002; FELIX et al., 2013).

Dentre as raças brasileiras locais encontra-se o bovino Curraleiro Pé-Duro (*Bos taurus taurus*). É conhecido em alguns estados como Pé-Duro (Piauí e Maranhão) ou Curraleiro (Goiás e Tocantins). O nome Pé-Duro originou-se da analogia com a dureza do casco, uma vez que os animais do sertão nordestino andam sobre pedras, ambiente onde animais de casco mole não conseguem sobreviver (CARVALHO et al., 2010). A raça é formada por animais (Figura 3) extremamente rústicos; de menor peso; que ao longo dos séculos adaptaram-se à seca; ao calor; a pastagens de baixa qualidade; à escassez de alimentação e à falta de manejo sanitário (MARIANTE & CAVALCANTE, 2006; FELIX et al., 2013).



FIGURA 4 – Bovino Curraleiro Pé-Duro, Cavalcante - GO

As pelagens do bovino Curraleiro Pé-Duro variam do vermelho ao preto em suas diversas diluições e particularidades. Todavia, a maioria dos animais são de pelagem alaranjada. Os animais dessa raça são de porte pequeno, o que se deve, portanto, à ação da seleção natural em condições precárias e bem adaptados ao ambiente onde são criados (BRITTO, 1998). Os bovinos adultos apresentam características morfológicas como: peso médio de 395 kg para os

machos e 253 kg para as fêmeas e altura média de 1,13 m para os machos e 1,17 m para as fêmeas. A cabeça é de tamanho médio, consistência leve e perfil retilíneo. Os chifres são médios e em forma de coroa e as orelhas apresentam pontas ligeiramente arredondadas (BARBOSA et al., 2004; FIORAVANTI et al., 2012).

A introdução das raças zebuínas trouxe consequências negativas para os bovinos Curraleiro Pé-Duro. Os sistemas comerciais de produção concorrem para padronizar o uso de umas poucas raças ou linhagens, que atendam, principalmente, a critérios de elevada produtividade. Em decorrência dessa tendência, ao longo do século XX, as raças brasileiras locais foram substituídas por animais, principalmente, da raça Nelore, levando a redução drástica dos demais rebanhos (MARIANTE et al., 2009). Nesse cenário, o valioso patrimônio genético, representado por raças brasileiras locais, tende a desaparecer. A perspectiva de extinção levou a criação de alguns centros de conservação.

O objetivo desses centros é a conservação do patrimônio genético, uma vez que pode se constituir instrumento para melhorar a rusticidade de bovinos de alta produtividade, mas de baixa capacidade de adaptação. Neste contexto, a extinção dessas raças pode acarretar a perda de importantes características de interesse para produção (EGITO et al., 2002; EGITO et al., 2007).

A conservação das raças brasileiras locais é reconhecidamente importante para a biodiversidade. Atualmente a conservação, manutenção e caracterização genética dessa população é objeto de trabalho da Rede de Recursos Genéticos Animais (RGAs) da Plataforma de Recursos Genéticos da EMBRAPA e de seus parceiros (EGITO et al., 2011). O levantamento dos plantéis da raça Curraleiro Pé-Duro iniciou no ano de 1998 por meio da Associação Brasileira de Criadores de Curraleiro (ABCCurraleiro), sendo que a partir de 2005 a Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG promoveu a atualização e expansão desse levantamento.

Foram identificadas e registradas 49 (quarenta e nove) fazendas em cinco estados brasileiros: Goiás, Tocantins, Bahia, Pará e Piauí que seus rebanhos eram compostos por bovinos Curraleiros Pé-Duro dando um total de 3.692 animais (FIORAVANTI et al., 2011). Existem, ainda, três núcleos de

conservação *in situ* do bovino Curraleiros Pé-Duro, totalizando 360 (trezentos e sessenta) animais, localizados no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no município de Cavalcante em Goiás; no município de Planaltina no Distrito Federal e no município de São João do Piauí no Estado do Piauí (FIORAVANTI, 2010).

Ainda, como o objetivo de estabelecer uma rede inter-regional e interdisciplinar de pesquisas e transferência de conhecimento, com a finalidade de caracterizar tais raças em risco de extinção e de gerar dados para subsidiar o desenvolvimento de um modelo de exploração pecuária para o Cerrado e Pantanal, em 2011 foi instituída a Rede Pró-Centro Oeste para caracterização, conservação e uso das raças bovinas locais brasileiras: Curraleiro e Pantaneiro. Fazem parte dessa Rede, entre outros, sete universidades, centros da Embrapa e associações. (ROMANI, 2012).

Em dezembro de 2012, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento reconheceu a raça bovina denominada como Curraleira Pé-Duro e concedeu à Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Curraleiro Pé-Duro o direito de registro genealógico dos animais dessa raça.

5 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa foi o de verificar as contribuições das metodologias sociais ao modelo positivista de produção de conhecimento. Além desse capítulo, mais quatro compõem este trabalho. O segundo capítulo: "Campo de possibilidade e projeto de vida dos Kalungas" objetivou averiguar as condições materiais e sociais que contam os Kalungas para construir seus projetos de vida e analisou como eles idealizam e constroem os seus projetos de vida para o futuro. O terceiro capítulo: "Avaliação qualitativa do Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro" objetivou avaliar o Projeto, utilizando metodologias qualitativas, demonstrando sua importância e robustecendo o debate acadêmico a respeito do *status* "científico" das ciências sociais.

O quarto capítulo: "A pesquisa-ação como suporte metodológico para o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro" teve como objetivo analisar a metodologia pesquisa-ação participativa como ferramenta capaz de minimizar as dificuldades encontradas pelos contemplados com o Projeto, bem como verificou-se a indissociabilidade entre pesquisa e a própria ação extensionista, assim como a aplicabilidade, vantagens e limitações como delineamento de pesquisa, na execução de projetos de desenvolvimento rural e, ainda, tentou verificar como a pesquisa-ação poderia contribuir para escolhas e decisões mais consistentes e pertinentes para a consecução do Projeto. Por fim, no último capítulo, apresentam-se as considerações finais do trabalho.

Refêrencias

1. ALMEIDA, D. R.; CRUZ, A. D. A. O Brasil e a segunda revolução acadêmica. **Interface da Educação**. Paranaíba, v. 1, n. 1, p. 53-65, 2010.
2. ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social**: para trabajadores sociales. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978. 108p.
3. ANJOS, R. S. A. **Territórios das comunidades quilombolas no Brasil**: segunda configuração espacial. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005. 92 p.
4. ANJOS, R. S. A.; CIPRIANO, A. (Org.). **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2007. 206 p.
5. ARRUTI, J. M. A. As comunidades negras rurais e suas terras: a disputa em torno de conceitos e números. **Dimensões**, Vitória, n. 14, p. 243-269, 2002.
6. ARRUTI, J. M. A. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006. 370 p.

7. BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga**: povo da terra. Goiânia: UFG, 2006. 132 p.
8. BARBOSA, V.; IRION, R. F.; FIORAVANTI, M. C. S.; MAGNABOSCO, C. U.; MADUREIRA, A. C. Caracterização fenotípica e medidas corporais de bovinos da raça Pé-Duro - resultados preliminares. CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOTECNIA. 14., 2004. Brasília. **Anais...**, Brasília, 2004. 4 p.
9. BRITTO, C. do M. de C. **Citogenética do gado Pé-Duro**. Teresina: EDUFPI, 1998, 94p
10. CARDOSO, A. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia sócia. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 80, p. 71-88, 2008.
11. CARRIL, L. de F. B. Quilombo, território e geografia. **Agrária**, São Paulo, n. 3, p. 156-171, 2006.
12. CARVALHO, G. M. C.; ALMEIDA, E, M. J. O.; AZEVÊDO, D. M. M. R.; NETO, R. B. A.; LEAL, T. M.; MONTEIRO, F. C.; FROTA, M. N. L.; NETO, A. F. L. **Origem, formação e conservação do gado Pé-duro, o bovino do Nordeste brasileiro**. Documentos 208. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2010. 25f. Disponível em: http://www.cpamn.embrapa.br/publicacoes/documentos/2010/Doc%20208_Origem%20formacao%20e%20conservacao%20pe%20duro.pdf. Acesso em: 14 out. 2012.
13. CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
14. CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by Quilombolas as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, Amsterdã, n. 19, p. 37-60, 2009.

15. EGITO, A. A.; MARIANTE, A. S.; ALBUQUERQUE, M. S. M. Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos Animais. **Archivos de Zootecnia**, Córdoba, v. 51, p. 39-52, 2002.
16. EGITO, A. A.; PAIVA, S. R.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; MARIANTE, A. S.; ALMEIDA, L. D.; CASTRO, S. R.; GRATTAPAGLIA, D. Microsatellite based genetic diversity and relationships among ten Creole and commercial cattle breeds raised in Brazil. **BMC Genetics**, London, v. 8, n. 83, p. 1-14, 2007.
17. EGITO, A. A.; FIORAVANTI, M. C. S.; GRATTAPAGLIA, D.; RAMOS, A. F.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; MARIANTE, A. S. Origem e diversidade genética materna de populações de bovinos da raça curraleira de diferentes regiões do Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal**, Córdoba, v. 1, p. 110-113, 2011.
18. FELIX, G. A.; PIOVEZAN, U. JULIANO, R. S.; SILVA, C.; FIORAVANTI, M. C. S. Potencial de uso de raças bovinas locais brasileiras: Curraleiros Pé-Duro e Pantaneiro. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer. Goiânia, v.9, n, 16, p.1715, 2013.
19. FIORAVANTI, M. C. S.; SERENO, J. R. B.; NEIVA, A. C. G. R.; ABUD, L. J.; LOBO, J. R.; ANDRADE, D. F.; CARDOSO, W. S.; SILVA, F. X. da; MACHADO, J. R. L. Reintrodução do gado Curraleiro na comunidade quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: resultados parciais. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE SAVANAS TROPICAIS E II SIMPÓSIO NACIONAL DO CERRADO, 2008, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: EMBRAPA, 2008.
20. FIORAVANTI, M. C. S. **Bovino Curraleiro: Proposta para a conservação e utilização no cerrado brasileiro**. 2010. 136p. Relatório Técnico (Pós Doutorado) - Universidade de Córdoba – Espanha, Córdoba.

- 21.FIORAVANTI, M. C. S.; JULIANO, R. S.; COSTA, G. L.; ABUD, L. J.; CARDOSO, V. S.; CARPIO, M. G.; OLIVEIRA e COSTA, M. F. Conservación del bovino Curraleiro: cuantificación del censo y caracterización de los criadores. **Animal Genetic Resources**, Roma, v. 48, p. 109-116, 2011.
- 22.FIORAVANTI, M. C. S.; NEIVA, A. C. G. R., MOURA, M. I.; COSTA, F. O.; MONTEIRO, E. P.; SERENO, J. R. B. **Kalungas e Curraleiro Pé-Duro: o resgate de uma tradição**. **Revista UFG**, Goiânia, v. 1, n. 13, p. 100-112, 2012.
- 23.GARAVELLO, M. E. P. E. Artesanía con fibra de banano en la perspectiva de la multifuncionalidad en comunidades quilombolas. **Interciencia**, Caracas, v. 33, n. 1, p. 34-40, 2008.
- 24.GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008. 207p.
- 25.GOMES, F. S. Quilombos do Rio de Janeiro do Século XIX. In: REIS, J. J.; GOMES, F. S. (Orgs.): **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- 26.GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 83-90, 2006.
- 27.IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **INCRA na mídia: decretos regulariza territórios quilombolas**, 2009. Disponível em: <http://www.incra.gov.br> . Acesso em: 03 jun. 2013.
- 28.MACIEL, M. L. Ciência, tecnologia e inovação: idéias sobre o papel das ciências sociais no desenvolvimento. **Parcerias estratégicas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 21, p. 33-44, 2005.
- 29.MALUF, R. S. Produtos agroalimentares, agricultura multifuncional e desenvolvimento territorial no Brasil. In: MOREIRA, R. J.; COSTA, L. F. C. **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002, p.241-261.

30. MARIANTE, A. S.; CAVALCANTE, N. **Animais do descobrimento: raças domésticas da história do Brasil**. Brasília, DF, 2. ed. EMBRAPA, 2006, 274p.
31. MARIANTE, A. S.; EGITO, A. A.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; PAIVA, S. R.; RAMOS, A. F. Managing genetic diversity and society needs. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, v. 37, n, 19, p. 127-136, 2008.
32. MARIANTE, A. S.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; EGITO, A. A.; McMANUS, C.; LOPES, M. A.; PAIVA, S.R. Present status of the conservation of livestock genetic resources in Brazil. **Livestock Science**, Amsterdam, v. 120, p. 204–212, 2009.
33. MARINHO, T. A. **Identidade e territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque**. 2008. 208 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
34. MARQUESE, R. B. A dinâmica da escravidão no Brasil. Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 74, p.107-123, 2006.
35. MATOS, M. A. D.; REIS, N. R. S.; KOZLOWSKI, A. G.; TELES, S. A.; MOTTA-CASTRO, F.; MELLO, S. G.; MARTINS, R. M. B. Epidemiological study of hepatitis A, B and C in the largest Afro-Brazilian isolated community. **Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene**, London, v. 9, n. 103, p. 899-905, 2009.
36. MIRETTI, M. M.; DUNNER, S.; NAVES, M.; CONTEL, E. P.; FERRO, J. A. African derived mrDNA in Spanish (*Bos taurus*) is identical to the predominant African - derived mtDNA haplotype in Caribbean and Brazilian cattle. **Journal of Heredity**, Oxford, v. 95, p. 450-543, 2004

- 37.NEIVA, A. C. G. R. **Caracterização socioeconômica da comunidade quilombola Kalunga e proposta de reintrodução do bovino Curraleiro como alternativa de geração de renda**. 2009. 138f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- 38.NERY, T. C. S. Saneamento: ação de inclusão social. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 313-321, 2004.
- 39.OCHOA, R. Versions of the dead: Kalunga, cuban-kongo materiality, and ethnography. **Cultural Anthropology**, California, v. 22, n.4, p. 473-500, 2007.
- 40.OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 2003. 198p.
- 41.RIBEIRO, M. Dossiê 120 anos de abolição. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 879-885, 2008.
- 42.ROMANI, A. F. Investigação soropidemiológica e molecular de brucelose e leptospirose em núcleos de conservação de gado Curraleiro Pé-Duro e Pantaneiro. 2012. 93 f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiânia, Goiânia.
- 43.SANTOS, Y. L. Escravidão, moradia e resistência. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2010. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org /58448>. Acesso em: 25 maio 2013.
- 44.SANTOS, J. B. Território, direito e identidade: uma análise da comunidade quilombola da Olaria em Irará, Bahia. **Antíteses**, Londrina, v. 3, n. 5, p. 221-245, 2010.

45. SEPLAN. **Goiás em dados 2012**. Goiânia: SEPLAN, 2012. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 15 nov. 2013.
46. SIEG. Sistema Estadual de Geoinformação. **Superintendencia de Geologia e Mineração - SIC**. AGUIAR, V. G. Imagem Landsat TM 5. Disponível em: www.sieg.go.gov.br/downloads/SIC. Acesso em: 15 dez. 2013.
47. SILVA, J. A. N. Condições sanitárias e de saúde em Caiana dos Crioulos, uma comunidade Quilombola do Estado da Paraíba. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 16 n. 2, p. 111-124, 2007.
48. SIQUEIRA, R. C. M. **Instrumentos jurídicos para a organização das atividades agrárias da Comunidade do Engenho II**. 2012. 195f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiás.
49. SIQUEIRA, T. T. de. **Do tempo da sussa ao tempo do forró, música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás**. 2006. 135f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia/Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.
50. TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Saúde Pública**, v. 39, n.3, p. 507-514, 2005.
51. TURINI, L. A. Pontas de *icebergs* na reflexão sobre as experiências dos trabalhadores escravos no Brasil. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 135-149, 2003.

CAPÍTULO 2

CAMPO DE POSSIBILIDADE E PROJETO DE VIDA DOS KALUNGAS

Resumo

As trajetórias e biografias dos Kalungas estão situadas em contextos socioculturais específicos. Dessa forma, o projeto individual não se constrói pleno de possibilidades, mas referido à contingência de um contexto privativo de oportunidades. Assim, objetivou-se com este trabalho analisar como se constrói e se implementam os projetos de vida dos Kalungas, bem como ponderar sobre o campo de possibilidade que os Kalungas contam e como se dá o processo de construção de suas identidades. O delineamento da pesquisa contou com: investigação exploratória; estudo de caso e observação participante. Os dados utilizados foram obtidos de fonte primária, por meio de realização de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas a 34 informantes Kalungas escolhidos por conveniência e disponibilidade. Os Kalungas vêm se tornando sujeitos sociais influenciados na construção de suas identidades, devido à “diluição” das fronteiras do rural-urbano. O campo de possibilidades com o qual os Kalungas contam para elaborarem seus projetos de vida futura ocorrem no contexto de uma realidade circunscrita por elementos de políticas públicas, infraestrutura, formas de organização socioeconômica, atividades do grupo familiar, escolaridade, questões fundiárias e turismo. Seus sonhos concentram-se nas estratégias de sobrevivência pessoal e/ou familiar e elaboram planos que vão ao encontro das expectativas de terem um futuro menos penoso. Pesam em suas trajetórias as desigualdades sociais e econômicas que se traduzem em falta de oportunidades, impossibilitando a realização de suas expectativas.

Palavras-chave: trajetória de vida, identidade, vulnerabilidade social, remanescente de quilombo

FIELD OF POSSIBILITIES AND PROJECTS OF THE *KALUNGAS*' LIFE

Abstract

The trajectories and biographies of the *Kalungas* take place in specific socio-cultural contexts. In this way, individual projects are not erected full of possibilities, but related to the contingency of a particular context of possibilities. Therefore, this study aimed at analyzing how the projects of life of the *Kalungas* are built and implemented, as well as examining the field of possibilities the *Kalungas* count on and how the process of construction of their identities occurs. The outlining of the research consisted of: exploratory investigation; case study and participant observation. The data assessed was obtained from primary sources, by carrying out semi-structured interviews and applying questionnaires composed of opened and closed questions to 34 *Kalunga* informants chosen by convenience and availability. The *Kalungas* are turning into social subjects whose construction of their identities has been influenced by the “dilution” of rural-urban frontiers. The field of possibilities which the *Kalungas* count on to develop their projects of future takes place in the context of a reality circumscribed by elements of public policies, infrastructure, forms of socioeconomic organization, activities carried by the familiar group, schooling level, land property issues and tourism. Their dreams are focused on strategies of personal and/or familiar survival and they formulate plans which meet their expectations of less hard times. Their trajectories are hardly affected by social and economic inequalities which are translated into lack of opportunities, making the consummation of their expectations impossible.

Keywords: trajectories of live, identity, social vulnerability, remainder of *quilombos*

1 Introdução

Parece ser clara a mudança que está acontecendo em muitos dos parâmetros socioeconômicos e culturais que, há anos, embasam a compreensão dos acontecimentos no Brasil, inclusive com o recuo de alguns pontos percentuais da taxa de pobreza (IBGE, 2007). Nesse contexto, insere-se a região Nordeste de Goiás. Porém, a impressão que se tem é que essa mudança não alcança alguns redutos de pobreza. No caso específico deste trabalho, cita-se como exemplo as comunidades quilombolas do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, que podem ser inscritas na trajetória histórica das desigualdades sociais.

As diferentes políticas existentes no território (saúde, educação, desenvolvimento econômico, assistência social, transporte, cultura etc.) que deveriam enfrentar as vulnerabilidades sociais, a desigualdade, a pobreza e serem constituídas sob a égide dos direitos humanos, não conseguem alcançar essas comunidades e quando o fazem, são geralmente estabelecidas com uma concepção clientelista e geradora de dependência. Assim posto, a situação das comunidades rurais negras, os Kalungas, gira em torno da necessidade de todas as políticas públicas destinadas ao povo brasileiro, com destaque para a saúde e educação. Essa ausência do Estado impõe, aos Kalungas, a necessidade de buscar estratégias familiares alternativas, que permitam a sobrevivência e a manutenção da cultura.

Algumas ações pontuais têm rompido com essa estagnação. Dentre as poucas, cita-se a iniciativa da Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro que procurou, dentre outras, agregar mecanismos de promoção ao desenvolvimento local sustentável, a partir de ações que possibilitassem o aumento da capacidade produtiva e a elevação da renda, visando à melhoria da qualidade de vida dos Kalungas.

Todo esse contexto despertou o interesse do pesquisador em verificar as condições materiais e sociais que contam os Kalungas para construir seus projetos de vida e analisar como eles idealizam e constroem os seus projetos de vida para o futuro. Os estudos realizados por BAIOCCHI (2006) demonstram que

os Kalungas têm buscado mudanças que não se restringem apenas aos aspectos econômicos, mas que visam redefinir o próprio sistema cultural e a construção de suas identidades, vivendo conflitos advindos do processo de desintegração dessas. As tradições familiares e comunitárias no meio rural são confrontadas com a identidade “urbana/moderna” (CARNEIRO, 1999).

Sendo assim, o objetivo geral deste capítulo foi o de analisar como se constrói e se implementam os projetos de vida dos Kalungas e, paralelamente, os seguintes objetivos específicos: analisar o campo de possibilidade que os Kalungas contam para construir os seus projetos de vida e analisar como se dá o processo de construção de suas identidades.

2 Material e métodos

A pesquisa que permitiu a análise foi realizada no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, localizado na microrregião Chapada dos Veadeiros, nordeste do Estado de Goiás, distante 600 km de Goiânia e 330 km de Brasília. O Sítio ocupa localidades distribuídas em 253,2 mil hectares de terra denominadas: Vão da Contenda, Vão do Kalunga, Vão das Almas, Vão do Moleque e Ribeirão dos Negros ou dos Bois; distribuídas em três municípios no Estado de Goiás: Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre.

Para o delineamento desta pesquisa utilizou-se de uma investigação exploratória, uma vez que, para o pesquisador, era escasso o conhecimento prévio sobre a comunidade Kalunga. Essa visou proporcionar uma visão geral acerca da situação e da caracterização da comunidade; procurando descrever em termos históricos, espaciais, econômicos, produtivos, culturais e políticos os Kalungas. Envolveu levantamento bibliográfico, seleção e arquivamento de informações a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na internet (TRIVIÑOS, 2009).

Ainda, para compor o delineamento, adotou-se o estudo de caso, uma vez que é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais e consiste num estudo profundo e descritivo sobre determinado objeto, realidade ou população, onde se tem a finalidade de proporcionar “a descrição mais

abrangente possível da comunidade tentando determinar as inter-relações lógicas dos seus vários componentes” (BABBIE, 2005, p. 73). Assim, buscou-se apreender o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões, evidenciando o seu contexto social.

Outro método utilizado foi o da observação participante com registro etnográfico no caderno de campo. Procurou-se observar, registrar e muitas vezes vivenciar o cotidiano dos entrevistados, participando de eventos onde eles estavam presentes, como festas, cursos, almoços, reuniões, visitas técnicas e outros. Ao participar desses eventos, o pesquisador levou apenas uma máquina fotográfica e um caderno para rápidas anotações, visto que não se almejava realizar entrevista nesses momentos, mas apenas observar para se entrar em uma situação de pesquisa (MACEDO, 2006).

Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram: questionário (Anexo I), com perguntas abertas e fechadas, entrevistas semiestruturadas (Anexo II), diário de campo e diálogos informais (GIL, 2008). Os instrumentos foram utilizados no mês de abril de 2011 por ocasião de uma visita técnica promovida pela Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás - UFG aos contemplados pelo Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. Em junho e outubro de 2011 quando membros da comunidade Kalunga estiveram no Instituto Federal Goiano - Câmpus Ceres participando de capacitação técnica por meio de cursos. Em agosto de 2012 na Comunidade Kalunga Engenho II, Cavalcante – GO, em capacitação técnica e, em setembro de 2011 e novembro de 2012, por ocasião da realização do I e II Kalunga Cidadão promovido pela UFG.

Participaram da pesquisa 34 informantes escolhidos por conveniência e disponibilidade. Desses, 12 eram os patriarcas das famílias contempladas com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro e 22 participantes dos cursos de capacitação técnica oferecidos pelo Instituto Federal Goiano. Os informantes se identificaram como oriundos das comunidades: Engenho II; Vão de Almas; Vão do Moleque e Prata.

As identidades das pessoas pesquisadas foram preservadas, sendo identificadas neste trabalho pelo sexo e idade (LAKATOS & MARCONI, 2004). As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e nelas

procurou-se obter as informações sobre as condições sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais dos Kalungas. Logo no início das entrevistas foi esclarecido para os participantes o objetivo da pesquisa e, principalmente, sobre o sigilo de seus nomes na mesma, não os vinculando nominalmente a sentimentos e percepções que afloraram durante todo o processo. Todos autorizaram a gravação de suas falas bem como o registro das entrevistas por meio de fotografias e filmagens. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) do Instituto Federal Goiano, conforme parecer consubstanciado referente ao projeto de pesquisa, protocolado no CEP sob n. 007/2011.

Os dados levantados foram analisados a partir da técnica da triangulação a qual tem por objetivo básico a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Essa técnica busca verificar as percepções do sujeito por meio de entrevistas, questionários e os comportamentos, ações do sujeito, mediante a observação livre e dirigida e os processos e produtos construídos pelo sujeito mesmo. Para tanto, partiu-se do princípio de que é impossível conceber de forma isolada um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais dentro de um contexto maior de dada realidade social (TRIVIÑOS, 2009).

3 Resultados e discussão

3.1 Caracterização da região dos Kalungas

A região compreende a superfície às margens do Rio Paranã, afluente do Rio Tocantins. A área (Figura 1) é caracterizada por relevo acidentado, que dificulta o acesso a essas populações e das comunidades locais até os centros urbanos. Essa situação foi favorável para manter os Kalungas isolados, preservando a identidade do grupo e os protegendo de ataques dos brancos. A rede hidrográfica é bastante densa e caudalosa e sofre grandes cheias na temporada de chuvas, inundando planícies e campos de plantações. Essas

enchentes desempenham importante papel na deposição de material orgânico nos vales e planícies, trazendo uma adubação natural. Porém, o inverno é bastante seco levando a escassez de água em algumas localidades. A área agricultável corresponde a 30% do território Kalunga, além das pastagens naturais que propiciam a criação de gado no sistema extensivo (BAIOCCHI, 2006).



FIGURA 1 - Visão do relevo da região dos Kalungas

A região compreende as coordenadas geográficas de 13°20' a 13°27' de latitude sul e de 47°10' a 47°20' de longitude oeste de Greenwich. O acesso às comunidades se faz por rodovia asfaltada (GO-118), pela via fluvial (Rios Paranã

e Almas) e por estradas não pavimentadas. A altitude máxima da região não ultrapassa os oitocentos metros e as menores altitudes na ordem de trezentos metros. Essa microrregião mineralógica abriga depósitos auríferos, depósitos secundários de manganês, de cristal de rocha e de mica, além da cassiterita e tantalita que se destacaram como responsáveis pela intensa atividade garimpeira da década de 1980. No território ainda se exploram o calcário e a brita, atraindo empresas mineradoras para a região. (BAIOCCHI, 2006).

3.2 Identidade, cultura e sociabilidade das famílias Kalungas

O conceito de identidade na modernidade é visto como móvel, múltiplo, pessoal, auto reflexivo, sujeito a mudanças, não podendo ser interpretado como um processo acabado, mas em construção e cheio de tensões (HALL, 2002). Para CIAMPA (2002), a identidade é entendida como um processo de construção, de representação de si, considerando o contexto social e a historicidade, pois não existem identidades que não passaram por mudanças ao longo dos anos e, quando isso ocorre, elas mudam influenciadas pela forma como se é visto e interpretado pelos outros. Assim, a construção da identidade é um fenômeno social, relacional, uma vez que é no contexto das relações sociais que se configura e se metamorfoseia.

CASTELLS (2000, p. 22) relata que a identidade é:

(...) um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. (...) As identidades constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individuação.

Isso torna toda e qualquer identidade resultante de uma construção, que tem como objetivo organizar significados que se mantenham ao longo do tempo, em um determinado espaço e em um contexto social e político fortemente marcado por relações de poder. Nesta perspectiva, faz-se necessário a análise de seus espaços de trabalho, de socialização e alternativas de lazer que fazem parte do seu cotidiano, mesmo que essas práticas sejam limitadas pela falta de recursos.

Os Kalunga reconhecem a herança cultural e o local de vivências com suas características naturais, como definidores de seu grupo social e de sua identidade territorial (ALMEIDA, 2010). Para eles, o território representa uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra enquanto constrói sua identidade cultural. Essa é composta por elementos que formam um todo integrado representado pela língua, a história, o território, os símbolos, as leis, os valores, as crenças e outros elementos tangíveis. Essa herança cultural é perpetuada, nos filhos, por meio da oralidade, o que faz com que a vivência tenha especial importância na preservação de sua cultura.

É importante ressaltar que as comunidades Kalungas, abrangidas na pesquisa, apresentam variações consideráveis (Tabela 1). Para que se possam fazer generalizações, torna-se necessário agrupá-las em pelo menos dois blocos de afinidades. Um onde os eventos da tecnologia moderna já são uma realidade, representado pela comunidade do Engenho II e outro caracterizado pelo modo de vida pautado em costumes seculares, mais presente nas comunidades do Prata, Vão de Almas e Vão do Moleque.

TABELA 1 - Características populacionais das famílias entrevistadas

Características	Total	Porcentagem
Atributos Gerais		
Número de entrevistados	34	100%
Número de pessoas residentes	123	100%
Residente por domicílio	3,4	
Proporção de homens	65	52,8%
Proporção de mulheres	58	46,2%
Idade		
De 15 a 19 anos	3	9%
De 20 a 29 anos	10	29,5%
De 30 a 39 anos	6	17,5%
De 40 a 49 anos	7	20,5%
De 50 a 59 anos	8	23,5%
Residência		
Engenho II	18	53%
Prata	2	6%
Vão de Almas	8	23,5%
Vão do Moleque	6	17,5%

A comunidade do Engenho II configura-se como um agrupamento concentrado e tem experimentado um processo dinâmico e acelerado de transformações espaciais. Recebeu diversos projetos do governo federal como energia elétrica, água encanada, construção de casas e sanitários, montagem de um telecentro e implementação de hortas comunitárias. Possui melhor acesso a direitos básicos de cidadania, especialmente a educação, onde seus jovens podem frequentar a Escola Joselina Francisco Maia até o nono ano do Ensino Fundamental. São assistidos por uma técnica em enfermagem e recebem a visita de um médico semanalmente.

As comunidades do Prata, Vão de Almas e Vão do Moleque possuem acesso por estradas irregulares, quase sempre precárias. Em consequência disso e, ainda, por estarem mais longe das cidades, são mais nítidos os problemas relacionados à falta de serviços básicos e de infraestrutura, como transporte, esgoto, educação e saúde.

Ressaltar essas características das comunidades estudadas faz-se necessário porque os Kalungas vêm se tornando sujeitos sociais muito afetados na construção de sua identidade, devido à “diluição” das fronteiras do rural-urbano. Para tanto, não é possível olhar para as comunidades estudadas como um espaço alheio às transformações do mundo globalizado. Em maior ou menor escala há um impacto sobre as condições de vida dessas comunidades. Suas práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas, dos impactos tecnológicos, das mudanças nas leis e nos costumes, enfim, em decorrência das inovações socioculturais e das transformações nas relações econômicas e do mundo do trabalho.

Nas comunidades estudadas, a primeira constatação foi a de que, devido à proximidade com o urbano e a permeabilidade das fronteiras entre o campo e a cidade, os Kalungas e, principalmente os jovens do Engenho II, têm experimentado uma vivência rural-urbana no seu cotidiano e isso vem interferindo nos seus hábitos, modo de pensar e de agir. Essa mesma constatação foi observada por CARNEIRO (2005), em um estudo com jovens rurais.

Esse estreitamento das fronteiras foi percebido logo nos primeiros contatos, onde, aparentemente, não se observou diferenças nítidas de comportamentos entre a população das cidades circunvizinhas com os Kalungas

da Comunidade Engenho II em termos do seu jeito de vestir, falar, suas expressões corporais, bem como em suas diversões. Essas semelhanças se explicam no fato dos mesmos terem acesso a uma comunicação via televisão, internet e, principalmente, rádio, que produz uma homogeneização dos gostos e comportamentos, transparecendo a sensação de que todos fazem parte de um mesmo sistema.

Durante a semana aqui a noite, quase não tem nada pra fazer. Então gosto de assistir televisão. Tenho celular. Só que uso pouco porque aqui no Engenho o sinal fraco e também porque tá caro. Quando tem festa, ponho minha roupa nova. Uma calça jeans, camiseta e tênis. (Informante de 24 anos – Engenho II).

Infelizmente a Comunidade Engenho II, com todas as suas privações, constitui uma exceção às demais estudadas. A exclusão social dos sujeitos que moram nas comunidades do Prata, Vão de Almas e Vão do Moleque é uma constante, implicando em privação, falta de recursos ou, de uma forma mais abrangente, ausência de cidadania. É nesse cenário que muitos laços de identidade se manifestam e os Kalungas constroem um modo de vida próprio, se “enraizando” no território, permeado pela cultura.

Cultura esta que tem na solidariedade uma forte característica, baseando a economia muito na troca, no escambo. As famílias se organizam em grupos por afinidades e objetivos em comum. Nos finais de semana, esses grupos se reúnem para festas (Figura 2) de casamentos, aniversários, rezas, orações e jogo de cartas. Nos dias de verão vão às cachoeiras para tomar banho. O jogo de futebol no campinho de terra batida é a diversão mais citada pelos informantes como atividade de diversão mais frequente para os homens nos finais de semana.

Ah! Nois planta a roça pra comer mesmo, dar pro vizinho, pra ter fartura. Isso é bom. É bom ter algo pra agradar. A gente leva uma rama de mandioca um dia, ganha um pouco de carne de porco quando o compadi mata um capado e a sim a vida passa (Informante 58 anos – Engenho II).

Os Kalungas entrevistados reconhecem-se, na sua maioria, como católicos (n = 27; 79,4%) e as festas e romarias tradicionais da comunidade são um momento muito significativo para a vida comunitária. Para os entrevistados, algumas festas são típicas de cada localidade, como a comemoração alusiva a Santo Antônio e São João no mês de junho, no Engenho II. Já no Vão de Almas,

acontece no mês de agosto a Festa do Império de Nossa Senhora d'Abadia e no Vão do Moleque, o Império de Nossa Senhora do Livramento.

Um homi sem Deus não é nada, não e mesmo. Aqui nois somos quase tudo católicos, devotos de São Pedro, São João e da Nossa Senhora da Abadia que é a nossa protetora (Informante de 44 anos – Vão de Almas).



FIGURA 2 - Dança da Sussa, umas das principais manifestações culturais dos Kalungas

Os Kalungas se mostraram muito orgulhosos e, sobretudo, satisfeitos com o estilo de vida que levam, apesar de demonstrarem em sua grande maioria a necessidade de modernização em alguns aspectos da comunidade. Além disso, demonstraram muito interessados na inserção e, respectivo desenvolvimento de atividades que proporcionem uma melhoria na qualidade de vida da comunidade, proporcionando condições para perpetuarem a cultura local e o fortalecimento de sua identidade.

Sou Kalunga com orgulho! Olha, é assim, preservar algumas coisa. Porque seu dizer que acho bom preservar os costume, mas o sofrimento ninguém merece. Lá não tem estrada, lá não tem energia, não tem água encanada não tem posto de saúde, ninguém merece uma coisa dessa né. A gente ta convivendo ali porque ali é o lugar da gente (Informante de 44 anos – Vão de Almas).

Percebe-se, ainda, um interesse dos entrevistados por se identificarem, cada vez mais, pelo ícone quilombola, por uma identidade cultural específica. Admitem, em certo grau, o passado de escravidão, aproximando-se da categoria do negro. Acredita-se que essa postura seja motivada pela luta, tanto por visibilidade e reconhecimento quanto por redistribuição de recursos favoráveis a um desenvolvimento social justo. Segundo SOVIK (2007), essa busca vem acompanhada de uma disposição performativa pelos agentes que elegem a cultura como recurso qualificativo para o reconhecimento.

3.3 Compreendendo o campo de possibilidade com que contam os Kalungas

Nas definições de VELHO (2008), há uma estreita relação entre projeto de vida e campo de possibilidades. O projeto é pensado como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, o que, por sua vez, não quer dizer que a realização pessoal dependa somente da vontade do indivíduo. Pelo contrário, deve-se levar em consideração que “os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 2008, p. 26). Essas experiências se apresentam de diferentes formas em cenários específicos que, no caso dos Kalungas, contribuem para que eles elaborem seus projetos individuais. Por sua vez esses estão imbricados com os projetos coletivos, sejam eles familiares ou comunitários e exigem negociações.

Impõe-se, ainda, outra observação baseada em VELHO (2008), que afirma que o indivíduo possui um potencial de transformação, por experimentar um campo de possibilidades diante da coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo, alterando diversas esferas como a vida privada, as relações de trabalho, as relações e processos de produção de conhecimento e de ensino-aprendizagem. Essas transformações ocorrem em uma sociedade, a qual ele denomina de sociedade complexa², marcada pela fluidez e pela “heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, contribuindo para a extrema

² Para MELUCCI (1999) as sociedades complexas estão vivenciando processos permanentes e acelerados de transformações tecnológicas acompanhados de uma crescente apropriação social.

fragmentação e diferenciação de domínios e papéis, dando um contorno particular à vida psicológica individual.” E na discussão sobre a relação entre indivíduo e sociedade desenvolve dois conceitos que foram importantes para a compreensão das relações sociais do: projeto e metamorfose (VELHO, 2008, p. 17).

Esse turbilhão vivenciado pelos Kalungas influencia a construção de suas identidades, formação e perspectiva de futuro, principalmente no tocante à manutenção, consoante ao seu projeto de vida. Como tal, esse projeto de vida acontece dentro de um campo sócio-histórico de possibilidades, dentro do qual se dão as escolhas e identificações inscritas nas trajetórias dos Kalungas que posicionam seus projetos de vida. Esse campo de possibilidades, que aparece como um horizonte para as opções pessoais e está relacionado a um conjunto de elementos que compõem o repertório das alternativas possíveis para a ação (CARNEIRO, 2005).

Elementos esses que, ao serem combinados, desestruturados, reestruturados, relacionados de diferentes formas, indicam as ações possíveis na realidade. Tais elementos são sempre combinados entre as dimensões da subjetividade e do meio (político, social, cultural) e que, neste trabalho, ocorrem no contexto de uma realidade circunscrita por elementos de políticas públicas, infraestrutura, formas de organização socioeconômica, atividades do grupo familiar, escolaridade, questões fundiárias e turismo. Ainda que outros aspectos componham o campo de possibilidades foram eleitos esses como norteadores das investigações e análises, por serem os percebidos pelos entrevistados como os que, de uma forma direta ou indireta, influenciam nas opções que eles fazem ao elaborar seus projetos de vida futura.

3.3.1 Políticas públicas

As políticas públicas direcionadas às comunidades quilombolas e, por analogia, aos Kalungas, são recentes e estão em diferentes momentos de implementação. Apresentam problemas como excesso de burocracia, desorganização administrativa e falta de articulação governamental, com interesses políticos desconexos nos diferentes níveis e, ainda, sobreposição de

ações e falta de conhecimento sobre a real competência de cada instituição (VALENTE, 2007; NEIVA, 2009).

Outra constatação está relacionada ao não reconhecimento, por parte dos entrevistados, de serem alcançados por políticas públicas. Ainda, não conseguem citar quem são os responsáveis por assisti-los no tocante ao acompanhamento dessas políticas. Porém, nas entrevistas, confirmaram que são atendidos por algumas políticas públicas de transferência de rendas como Bolsa Família, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Dos entrevistados, 19 (56%) relataram que pelo menos uma pessoa no seu domicílio era contemplada como o Programa Bolsa Família (PBF). Segundo Brasil (2013a), esse é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza em todo o País. Apesar do recebimento mensal em pecúnia pelos beneficiados, na Comunidade Kalunga existe uma situação de insegurança alimentar, nas suas quatro dimensões: quantidade, qualidade, regularidade e dignidade. Os programas sociais não exigem contrapartida e quando o fazem estas não são acompanhadas/monitoradas, transformando-se em políticas assistencialistas (VALENTE, 2007).

Uma das grandes dificuldades mencionadas pelos entrevistados, no tocante a conformação de seus campos de possibilidades, é a falta de acesso ao sistema de crédito e a carência de assistência técnica ou assessoria para fomentar e conduzir projetos de produção. Uma alternativa de apoio às atividades produtivas seria o PRONAF “B”, já que as novas regras não exigem das comunidades quilombolas a comprovação do título da terra e nem a observância dos quatro módulos fiscais, fator que, teoricamente, facilita o acesso ao crédito para esse público.

Dos 34 entrevistados, somente quatro (11,5%) utilizaram do financiamento do PRONAF em sua linha de crédito “B”, que oferece aos agricultores familiares três tipos básicos de financiamento: para custeio da produção, para investimento e para a comercialização. De um modo geral, os entrevistados elegeram como principal dificuldade na aplicação dos recursos financeiros a falta de projetos técnicos e, quando os tinham, eram baseados em um tipo de ação extensionista descontínua, pontual, pouco participativa. Ficou

clara, por parte dos entrevistados, a insatisfação por não terem orientação de um técnico nas suas tarefas cotidianas, uma vez que esses consideram a assistência técnica importante para instruí-los de forma correta quanto às atividades desenvolvidas na propriedade.

Depreende-se que o crédito do PRONAF é um importante instrumento que os Kalungas poderiam utilizar para melhorar sua exploração e conseguir melhores rendas, mantendo ou ampliando sua capacidade de produção sustentável. Entretanto, essa linha de financiamento não tem conseguido alcançá-los, de forma satisfatória, principalmente pela falta de apoio da assistência técnica. Os Kalungas entrevistados demonstram dificuldade em listar instituições que sistematizem uma forma de acompanhamento de suas atividades. A única organização reconhecida por eles que faz isso é a Agência Goiana de Assistência Técnica, Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária (EMATER).

3.3.2 Infraestrutura

Outro quesito que influencia no campo de possibilidade dos Kalungas é a infraestrutura. A água, segundo 21 dos entrevistados (61,5%), é captada de córregos e nascentes sendo utilizada sem qualquer tratamento prévio. Treze entrevistados (38,5%), todos residentes na comunidade do Engenho II, relataram que suas residências são abastecidas por água potável. Não há saneamento básico e o lixo é descartado individualmente, sendo deixado a céu aberto, queimado ou enterrado. Em decorrência da falta de infraestrutura básica, são frequentes as doenças infectocontagiosas, principalmente, nas crianças e os Kalungas encontram dificuldades para o acesso à assistência médica e sanitária.

Comigo hoje mora só eu. Eu tenho nove filhos, mas não mora com eu. O meu banheiro é uma enxada, um enxadaozinho que fica na porta e a água é da mina. Aqui não tem energia. Rum! Uso lamparina. Acho mais fácil. Quando preciso ir na rua fazer uma comprinhas, cumprica. Nada de estrada, só de mula mesmo. Daqui no Engenho é 15Km. Eu preciso campear meus animais. Saiu cedo, nas aguadas e olho os rastos. Eles são mansinhos. Como ficam na larga, se não encontro, tenho que irapé mesmo. Acho até bão, porque no Engenho não tem pasto e fico com dó deles ficar amarrado o tempo todo. (Informante 58 anos – Vão de Almas)

A topografia do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é montanhosa e servida por estradas de terras em condições que dificultam a movimentação dos Kalungas. São poucas as estradas de acesso às comunidades localizadas na periferia do território, onde o transporte só é feito a pé, no lombo de mula ou cavalo. Algumas comunidades ficam isoladas em épocas de chuvas quando os córregos transbordam e as estradas ficam intransitáveis.

Os Kalungas não estão alheios às mudanças que, atualmente, se processam na sociedade brasileira. Eles almejam moradias dignas e se sentem compelidos a lutarem para a realização desses projetos. Acreditam que um lugar confortável para morar poderia aumentar a esperança, a segurança e a autoestima, contribuindo para a realização de seus projetos de vida.

A comunidade Kalunga tem sido alcançada por benefícios advindos do Governo Federal em alguns aspectos, como por exemplo, novas moradias de alvenaria substituindo as antigas feitas com adobe e palha, rede elétrica, entre outros. Mesmo assim, ainda é muito comum a presença dessas casas antigas, pois muitos ainda não foram contemplados nas etapas de construção que já foram executadas e outros mantiveram a antiga casa para utilizá-la de outras formas.

Ainda em relação à moradia, dos 34 entrevistados, 12 (35%) dispõem de eletrodomésticos (geladeira, fogão a gás, liquidificador, tanquinho de lavar roupa, ferro elétrico, televisão) e três (8%) entrevistados possuem antena parabólica. Em relação aos meios de comunicação, todas as famílias entrevistadas possuem rádio, sendo este o principal meio de acesso à informação externa. Por meio de programas de rádio os Kalungas obtêm informações sobre acontecimentos nacionais e também informações relacionadas às suas práticas diárias, inclusive programas que promovem debates sobre a cultura Kalunga, práticas ligadas à agropecuária, empreendedorismo etc. Essas “informações” também contribuem para a ampliação do campo de possibilidades de inserção social dos Kalungas.

Uma ocorrência interessante suscitada durante as entrevistas, é o fato de sete famílias (20,5%) manterem duas residências, uma na área urbana e outra no Sítio Kalunga, revezando e estendendo as relações da comunidade para a “rua” e vice-versa. Passam, em média, três meses na cidade e um na “roça”,

variando de acordo com as necessidades de cada um. Cada família possui uma motivação diferente, alguns migraram procurando melhor educação para os filhos, outros dependem de tratamento médico-hospitalar contínuo, outros ainda fugiram da precariedade e solidão da vida no Vão, mas todos relatam que sentem falta da vida na roça, esperando um dia poder retornar de vez.

3.3.3 Formas de organização socioeconômica

Outro fator que amplia o campo de possibilidade de inserção social dos Kalungas é a organização da Comunidade sob a forma de associação, o que representa um grande avanço, uma vez que é uma tentativa de realização coletiva dos interesses, no tocante à conservação dos seus hábitos culturais e sua permanência na terra (SIQUEIRA, 2012). Dos entrevistados, 11 (32%) são representados de forma coletiva pela Associação Kalunga de Cavalcante (AKC). Essa associação é vista pelos associados entrevistados como uma forma para a realização de suas necessidades básicas junto ao Estado e a sociedade em geral.

A AKC foi fundada em agosto de 2004, caracterizando-se como pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Cavalcante (GO). Para o presidente da AKC em 2011, sua criação facilitou a realização de convênios com órgãos públicos e entidades do terceiro setor, além de fomentar a assinatura de contratos com empresas e parceiros comerciais. Porém ao ser provocado a listar algumas ações da AKC, o presidente não conseguiu mencionar nenhum convênio firmado, nem contratos, destacando, inclusive, a dificuldade de auferir as contribuições mensais de seus associados.

Me chamaram pra fazê parte de uma tar de associação. Perguntei logo se tinha que pagar alguma coisa. Falaram também que ela iria trazê muita coisa pra nois. Acabei que aceitei. Menino, to vendo é nada disso. As estradas continua ruim. Nem um dotô eles consegue trazê aqui. Parei de pagá! (Informante 42 anos – Engenho II)

O depoimento do entrevistado sugere que o papel da AKC tem sido confundido com o do governo e as necessidades da comunidade, como estrada, educação e saúde, são transferidas à Associação, como se a mesma pudesse resolver. Essa interpretação tem levado os associados a pararem de contribuir, uma vez que não estavam vislumbrando “resultados”. Queixaram ainda da

difficuldade de honrar as mensalidades em decorrência da escassez de recursos financeiros das famílias.

Os entrevistados citaram, ainda, a Associação do Quilombo Kalunga conhecida, também, como Associação Mãe a qual atende as comunidades Kalungas dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre. Dentre as ações desenvolvidas está o Projeto Kalunga Sustentável, patrocinado pela Petrobrás, por meio do Programa Desenvolvimento & Cidadania. O projeto tem como objetivo melhorar a capacidade profissional e gerar novas e melhores oportunidades de trabalho para os Kalungas.

Em visita ao *site* do projeto, verificaram-se várias ações ligadas à capacitação dos Kalungas, bem como investimento em infraestrutura como: Curso de Cozinha Rural; Cursos de Primeiros Socorros em Vão de Almas; Curso de Ecoturismo; Curso de Panificação no Engenho II, Curso de Inglês; Curso de Ecoturismo e Educação Ambiental; Construção do Centro de Atendimento ao Turista no Engenho II, Usina de Beneficiamento de Frutos do Cerrado para Alimentos, dentre outros.

3.3.4 Atividades do grupo familiar

Existe uma estreita relação entre o trabalho do grupo familiar e a ampliação do campo de possibilidade dos Kalungas. Para tanto, faz-se necessário à análise das atividades do grupo familiar. Os entrevistados vivem da agricultura de subsistência e da criação de gado. Dos entrevistados, 29 (85%) fazem uso comunal familiar da terra, utilizando as áreas mais adequadas ao cultivo e à criação de bovino. Essas áreas comunitárias são distribuídas de acordo com a ancestralidade de cada tronco familiar, a qualidade da terra e a proximidade da água (VELLOSO, 2007; UNGARELLI, 2009). Porém, mudanças na ocupação espacial dessas comunidades tem sido percebidas, uma vez que cinco (25%) dos entrevistados afirmaram que possuem uma gleba de terra separada e cercada.

As famílias da comunidade desenvolvem diversas atividades para melhor aproveitamento dos recursos naturais disponíveis na região, onde combinam a prática da agricultura de subsistência, pecuária e extrativismo

vegetal. As principais lavouras cultivadas pelas famílias são milho, mandioca, abóbora, arroz e feijão. A atividade da roça envolve um grupo de pessoas, geralmente, de um mesmo núcleo familiar. A agricultura não é mecanizada e nenhum entrevistado fez referência à utilização de fertilizantes e agrotóxicos. Os principais instrumentos utilizados são a enxada e a foice.

Em relação à produção animal, as famílias criam bovinos para produção de leite, galinhas e suínos que se destinam principalmente para o autoconsumo. A principal atividade econômica reconhecida por 28 (82%) entrevistados é a bovinocultura de corte. Dos entrevistados, 12 (35%) foram beneficiados pelo Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação do Gado Curraleiro desenvolvido pela Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás.

Esse projeto visava, dentre outros objetivos, reintroduzir os animais desta raça originalmente criados pelos Kalunga e estabelecer o Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, tendo como premissa a valorização do modo de vida e identidade das pessoas da comunidade e ao mesmo tempo contribuir para a preservação do Cerrado e conservação de um importante recurso genético animal brasileiro que é a raça bovina local Curraleiro Pé-Duro (MOURA et al., 2011).

As relações tradicionais de produção não atendem às necessidades dos Kalungas no que diz respeito à ocupação e renda, sendo necessário adotar outras estratégias econômicas, como por exemplo, o trabalho externo. Além disso, uma parcela da população Kalunga vive em situação de pobreza e em alguns casos, devido à irregularidade das chuvas e baixa fertilidade da terra, pode-se dizer que a quantidade de alimentos produzida não é suficiente para alimentar a família.

A estrutura da renda das famílias é composta, pelos rendimentos obtidos com a venda de produtos agropecuários, aposentadorias, salários das esposas, programas sociais e outras rendas provenientes de atividades temporárias desenvolvidas fora da unidade familiar (NEIVA, 2009). A fonte de renda³ da maioria das famílias é proveniente de atividades agrícolas. Para 10

³ Para auferir a renda, foi perguntado quantos salários mínimos que a família recebe no final de um mês. O salário mínimo em agosto de 2012 era de R\$ 622,00.

(29,5%) dos entrevistados, a renda das atividades agropecuárias é complementada pela renda proveniente da aposentadoria.

A média salarial dos entrevistados é de um salário mínimo. Se forem excluídos os rendimentos provenientes da aposentadoria, a média salarial cai para 0,7 salário mínimo. Para 19 (56%) dos entrevistados, a renda familiar era oriunda exclusivamente de atividades agrícolas. Somente um (3,%) entrevistado afirmou que não auferia nenhuma renda e que sobrevivia com o auxílio do Governo Federal via programas de transferência de renda e ajuda dos filhos que moram na cidade.

3.3.5 Escolaridade

Todos os entrevistados acreditavam que a escolarização amplia o campo de possibilidades dos Kalungas, mesmo sendo o índice de analfabetismo ($n = 5$, 14,7%). Vêem os estudos como condição de qualificação para o trabalho, necessidade da vida cotidiana atual e condição de existência social mais digna, defendendo que não se deve parar de estudar.

Rapaz, o primeiro passo é a educação. Eu só sei ler e escrever o nome, mas da minha parte é o seguinte: não existia na minha época professora pra chegar mais alto. No caso tinha que ir pra cidade. Meus pai diziam assim não tenho condições de por ozeis na cidade,. Tem que ir pra casa do zotro e coisa e tal. E também acho que eles não achava importante e na época era assim né. Agora, já os meus fio eu mandei pra cidade causo que se não sofre muito! (Informante 35 anos – Vão de Almas).

Entre os entrevistados mais novos (15 a 29 anos), não há analfabetos e possuem uma maior escolaridade do que os mais velhos. Ao se considerar uma escolaridade inferior a quatro anos, 20 (58,8%) são analfabetos funcionais⁴. O baixo nível de escolaridade dos entrevistados (Tabela 2) mostra uma situação que é comum no meio rural brasileiro. A ausência de escolas nas comunidades há alguns anos, afetou principalmente as pessoas mais velhas, onde se encontra os analfabetos (NEIVA, 2009; KHAN & SILVA 2007).

⁴ Analfabeto funcional pode ser definido como o indivíduo maior de quinze anos e que possui escolaridade inferior a quatro anos (IBGE, 2007).

TABELA 2 – Nível de escolaridade dos Kalungas entrevistados, de acordo com a idade, considerando a frequência (n) e a porcentagem (%)

Nível de escolaridade	15 a 29 anos		30 a 49 anos		50 a 59 anos	
	n	%	n	%	n	%
Analfabetos	0	0%	2	15,4%	3	37,5%
Ensino Fundamental 1ª fase	4	30,8%	6	46,2%	5	62,5%
Ensino Fundamental 2ª fase	3	23%	3	23%	0	0%
Ensino Médio	6	46,2%	2	15,4%	0	0%
Graduação	0	0%	0	0%	0	0%
TOTAL	13	100%	13	100%	8	100%

Ao serem indagados sobre os motivos que os levaram a não estudarem ou terem interrompido os estudos, elencaram dificuldades no tocante às grandes distâncias que as crianças e jovens têm que percorrer a pé para chegar à escola, a ausência de escolas de ensino fundamental e a qualidade do ensino oferecido nas escolas existentes. Para eles, essa situação leva a um índice alto de evasão escolar e faz com que os jovens tenham que migrar para a sede dos municípios ou para grandes centros, principalmente Brasília e Goiânia, para dar continuidade aos estudos.

Nas comunidades estudadas, as crianças têm acesso a escolas fixadas na zona rural. Entretanto, o ensino possui algumas deficiências, pois as escolas são precárias e geralmente carentes de profissionais qualificados e material que não considera as especificidades culturais da população. Elas oferecem ensino do primeiro ao quinto ano e os professores possuem, normalmente, apenas o Ensino Médio. Excepcionalmente, na comunidade Engenho II funciona a Escola Joselina Francisco Maia que oferece aos seus alunos até o Ensino Médio.

3.3.6 Questões fundiárias

Os remanescentes de quilombos no Brasil foram se estabelecendo de forma relativamente autônoma em relação à sociedade nacional, tendo culturas, costumes e formas de organização próprias. Essas comunidades, até então invisíveis ao Estado, protagonizam um processo de mobilização reivindicando seus direitos fundamentais, com ênfase especial no reconhecimento de seus territórios. As situações de posse e uso coletivo da terra geraram um amplo cenário de violência no campo, levando a organização de movimentos camponeses em defesa de suas terras, bem como impunham ao cenário político um posicionamento do Estado (SOUZA, 2008).

Esse cenário favoreceu a criação do artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, da Constituição Federal promulgada em 1988, que trouxe significativo avanço na conquista dos direitos fundamentais, prevendo o reconhecimento sobre a identidade das comunidades remanescentes de quilombo e o direito de propriedade das terras por elas ocupadas, devendo o Estado “emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 2013b)”.

Porém, o direito territorial das comunidades remanescentes de quilombo, enquanto dispositivo constitucional é sequenciado por um intervalo de quinze anos até a publicação do Decreto 4.887 de 2003 que regulamenta o artigo 68 da Constituição Federal de 1988. Nesse interstício a política de reconhecimento dessas comunidades ganhou visibilidade e popularizou os debates sobre as possíveis formas de sua regulamentação, mas não se efetivou em uma normatização de aplicação do direito disposto no artigo 68 do ADCT. Ressalta-se que é a partir desse Decreto que se propõe critérios que considera fundamental a consciência da identidade étnica ou tribal para a auto-identificação dos grupos para efeitos declaratórios (LEITE, 2008).

Para CHIANCA (2010), mesmo com a visibilidade adquirida pela causa quilombola nos últimos tempos, a titulação dos territórios e a implementação das políticas andam a passos lentos em consequência, principalmente: da demora nos procedimentos administrativos de identificação e demarcação dos territórios; da escassez de recursos financeiros para o pagamento das indenizações; da carência de recursos humanos no INCRA – órgão competente para a demarcação

e titulação; bem como as dificuldades do referido órgão em efetivar uma política fundiária distinta dos procedimentos de desapropriação e assentamento para fins de reforma agrária.

No tocante aos Kalungas, esses tiveram decretado a área da comunidade como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga pela aprovação da Lei Estadual nº 11.409 de 1991. Demarcou-se a área de 237.000 hectares, não contemplando a Comunidade Engenho II e uma região do Vão de Almas. Somente em março de 2000 o novo perímetro de 253.200 hectares foi estabelecido e a comunidade recebeu, então, o Título de Reconhecimento de Domínio da Fundação cultural Palmares, inaugurando uma nova fase de ações coletivas centradas nas reivindicações pela titulação e regularização fundiária do território (PARÉ et al., 2007; FRANCO, 2012).

As metas de obtenção da terra e a retirada de não quilombolas estão em fase de execução e as avaliações das fazendas quanto a sua produtividade e o cumprimento de sua função social estão acontecendo de forma morosa, uma vez que o INCRA necessita de um decreto desapropriatório para cada propriedade rural. Esse procedimento tem se tornado um entrave para a regularização do Quilombo Kalunga. Diante desse cenário, ter-se-ia maior celeridade se fosse promulgado um decreto único desapropriatório que abrangesse todos os imóveis rurais do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (CHIANCA, 2010).

Acreditou-se, enfim, que a espera havia se concluído com a assinatura em 20 de novembro de 2009 do Decreto, pela Presidência da República, que declarava de interesse social, para fins de desapropriação, os imóveis abrangidos pelo Território Quilombola Kalunga. Porém, pela regra constante no artigo 3º da Lei nº 4.132 de 10 de setembro de 1962, o expropriante teria o prazo de dois anos, a partir da decretação da desapropriação por interesse social, para efetivar a aludida desapropriação e iniciar as providências de aproveitamento do bem expropriado, o que não aconteceu. Em síntese, passado 25 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988, os Kalungas continuam reivindicando o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores considerados em sua especificidade.

Das entrevistas, depreende-se que a defesa do território tornou-se elemento unificador dos Kalungas enquanto grupo étnico e, portanto, detentores de uma territorialidade, mesmo que não reconhecida como tal. Esse fato tem contribuído para uma conduta de afirmação territorial que também funciona como fonte de uma identidade sociocultural.

Antigamente eu não gostava que me chamava de kalunga não. É porque eu passei a saber que não é uma coisa prejudicial e agora sei que kalunga é coisa simples e eu sô simples. Nois precisa muito da terra. Depois do projeto do sitio histórico teve uma união grande de nois Kalunga pra pode defender a nossa terra. Aumentô mesmo porque a gente junto tivemos mais força pra brigar proquê é nosso. ô simples. ! (Informante 47 – Vão do Moleque)

É perceptível a preocupação dos entrevistados quanto à continuidade dos seus modos de vida. Não que essa exclua a apropriação de elementos externos para o crescimento e fortalecimento das práticas tradicionais Kalungas, mas que essa apropriação influencie por demais na reprodução sociocultural do grupo. A ausência do reconhecimento da propriedade definitiva tem sido enumerada, juntamente com a migração dos jovens para fins de escolaridade como uma ameaça da reprodução sociocultural.

Defendem o reconhecimento do direito fundiário como um instrumento de fortalecimento do processo de afirmação do espaço político dos Kalungas. Para os entrevistados a posse territorial se apresenta como uma condição para a continuidade da vida social, estabelecendo uma relação direta entre território e cultura e, ainda, reduziria os conflitos entre fazendeiros e moradores da comunidade, em função da utilização das áreas para plantio e criação dos animais.

3.3.7 Turismo

O quadro de mudanças sociais, econômicas, ambientais e culturais ocorridas no meio rural brasileiro tem contribuído, de modo significativo, para a constituição de uma nova realidade, um "novo rural", caracterizado por uma diversidade de ocupações, serviços e novas funções não exclusivamente produtivas e que antes existiam apenas no meio urbano. O novo rural brasileiro expressa a idéia de que não se pode mais caracterizar o meio rural como

exclusivamente agrícola. Além de poder oferecer ar, água, turismo, lazer, bens de saúde, também, possibilita no espaço local-regional a combinação de novos postos de trabalho com pequenas e médias empresas prestação de serviços e comércio os quais estão compondo a nova dinâmica ocupacional do rural (GRAZIANO DA SILVA, 2004).

O meio rural passa atualmente por uma profunda transformação. Conforme ABRAMOVAY (2000), das funções exercidas anteriormente como espaço produtor de alimentos para as áreas urbanas e fornecedor de insumos para a indústria, o espaço rural converteu-se, também, em um espaço para ser consumido. Neste contexto, cresceu a importância da atividade turística em áreas rurais e, com isto, ocorreram novas percepções sobre este tipo de espaço e, conseqüentemente, surgiram novos parâmetros para a sua compreensão e valorização.

Segundo TULIK (2010) o turismo rural e o turismo no espaço rural são fenômenos recentes, que ainda encontram divergências conceituais. Contudo, defende que o turismo no espaço rural não necessariamente apresenta produção agropecuária nas propriedades que desenvolvem a atividade, enquanto que o turismo rural deve relacionar-se, de alguma forma, com as práticas agropecuárias existentes na propriedade onde está sendo inserido.

Os Kalungas aproximam-se, conceitualmente, do turismo no espaço rural. Exibem tendência a cultivarem um tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em comunidade, na expectativa de promover a melhoria da qualidade de vida, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. Essa forma de promover o turismo é chamada por BARTHOLO et al. (2009) como turismo de base comunitária.

A vocação turística dos Kalungas se expressa nos seus inumeráveis atrativos naturais, entre os quais se destacam as cachoeiras, especialmente a Santa Bárbara e a Capivara na Comunidade do Engenho II, cuja visita é facilitada pelas estradas que ligam o município de Cavalcante a Colinas do Sul, caminho que corta o povoado, sem asfalto, mas tornando o acesso a esta comunidade mais fácil que nas demais. Apesar da estrada, o acesso é difícil na região, sobretudo na estação chuvosa, pois é cortada por riachos que na época da cheia dificultam ou impossibilitam a travessia.

Os Kalungas recorrem ao seu patrimônio cultural para atrair os turistas e, simultaneamente, preocupam-se em valorizar e em transmitir suas heranças. Eles têm procurado ampliar suas atrações divulgando as festas religiosas e a dança da Sussa, considerada como um resíduo das manifestações festivas dos quilombos. Usam o turismo como uma estratégia da visibilidade e do desenvolvimento local, além de se constituir uma forma de valorização do território.

Dos entrevistados, cinco (14,7%) reconhecem e fazem uso da atividade turística como uma oportunidade de obtenção de renda extra sem deixar as atividades agrícolas ou a pecuária em segundo plano. Esses relataram que fizeram um curso sobre guia turístico oferecido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e recebem para acompanhar os turistas nas visitas às cachoeiras do Sítio. Somente três (8,8%) entrevistados não demonstraram interesse em trabalhar com o turismo junto à sua comunidade. Destacaram, porém, a necessidade de investimento em infraestrutura na comunidade uma vez que essa condição é quase inexistente.

Os entrevistados demonstraram algumas preocupações em relação à atividade, como a ocorrência de mudanças muito bruscas nas tradições das comunidades mais envolvidas com o turismo, bem como um aumento na incidência de transtornos sociais – prostituição, brigas, jogos e consumo de bebidas alcoólicas. Demonstraram descontentamento no tocante ao alcance dos benefícios econômicos, atribuindo a poucos os privilégios advindos da atividade e receio que essa prática possa significar fragilidades e desequilíbrios ambientais.

Logo, infere-se que o turismo no espaço rural ou o turismo de base comunitária surge como indubitável instrumento de desenvolvimento para os Kalungas e emergente alternativa para a valorização da sua cultura. Porém, pelo menos para os entrevistados, não se constitui, ainda, uma alternativa de diversificação de renda que influencie no campo de possibilidade da comunidade.

3.4 Os Kalungas e seus sonhos

Falar de projeto de vida ou sonhos dos Kalungas é algo complicado. Todos os entrevistados possuem baixo poder aquisitivo, o que os empurra a se concentrarem, unicamente, nas estratégias de sobrevivência pessoal e/ou familiar. Os mais jovens se vêem compelidos a exercer a procura por uma ocupação rentável fora dos limites do grupo familiar, movidos pela pouca expressão financeira das atividades executadas no espaço da produção doméstica ou da dificuldade dos pais em suprir as necessidades individuais de lazer, vestimentas etc.

Para VELHO (2008), o projeto de vida é a conduta organizada para atingir finalidades específicas, mediante a escolha de oportunidades existentes em um “campo de possibilidades”, que pode ser entendido como um espaço socioeconomicamente constituído que oportuniza e restringe a implementação dos projetos individuais.

Os Kalungas passam por distintos processos socioculturais em suas histórias de vida. Pesam em suas trajetórias, sobretudo, as desigualdades sociais e econômicas que se traduzem em falta de oportunidades, impossibilitando a realização de suas expectativas. Por via de consequência, as experiências cotidianas, os relacionamentos vividos, a cultura e hábitos enraízam seus projetos de vida que são mais ou menos independentes, individuais ou coletivos, comprometidos com o grupo e/ou com a família a depender dos papéis sociais que cada indivíduo tem com o grupo familiar e, ainda, dentro de uma mesma localidade, há diferenciações quanto às condições de reprodução das famílias. Em cada uma delas os filhos enfrentam diferentes possibilidades de realizar seus projetos quanto ao futuro.

As expectativas de 16 entrevistados (37%), refletem suas frustrações e indicam ou reforçam projetos de vida onde a possibilidade de uma vida melhor vem do estudo. Como, geralmente, são analfabetos ou estudaram muito pouco, apenas o ensino fundamental; acreditam que por meio do estudo os filhos possam “ir mais longe”. Por terem vivenciado as dificuldades encontradas pelos pais e familiares no trabalho diário pela sobrevivência no Sítio, por não serem remunerados, nem terem o seu trabalho reconhecido como trabalho pelos pais,

mas, antes, visto como ajuda, três (9%) jovens manifestaram certa recusa à condição de agricultor, acirrando o movimento em direção à cidade em busca de oportunidades de trabalho ou mesmo de acesso a níveis superiores de educação. Dos entrevistados, 15 (44%) demonstraram falta de perspectiva e motivação para elaborar seus projetos individuais, centrando suas prioridades no trabalho, objetivando, exclusivamente, sanar suas necessidades básicas relacionadas à sobrevivência.

Por fim, os Kalungas entrevistados demonstraram dificuldades em expressar seus projetos de vida e seus sonhos, como se a relevância do que eles querem e desejam não fosse prática usual. Como se a realidade vivida e o descaso da população circundante e de vários outros atores, inclusive o poder público, tornassem quase impossível a capacidade de pensar no amanhã.

Demonstraram-se surpresos com o interesse do pesquisador e suas respostas, simples, quando indagados sobre seus sonhos, traduzem séculos de opressão, mas que por alguns instantes, traduziam cenários diferentes. Como exemplos de respostas: "meu sonho é ter saúde e comida na mesa"; "é ver meus curraleirinhos mantiúdos"; "é ter energia aqui na roça"; "um pouco de gado e comida"; "uai, assim, que meus fios tenha uma vida mió do que eu"; "tendo saúde eu e minha veinha e comida pra alimentar tá bom"; "tenho sonho de viver bão e que meus fios possam estudar e viver mió do que nois"; "oh, assim, isso aqui ninguém merece, que miore um pouco pra nois"; "queria ter uma casa de tijolo, com cama, sofá e luz, também gostaria de um pouco de gado e aumentar a lavoura e com o resultado adquirir uma casa na cidade, ah! que os meus filhos estudem e pelo menos um seja formado"; "o meu sonho é que aqui tenha melhor estradas".

4 Considerações finais

Procurou-se, neste capítulo, compreender como se constrói e se implementam os projetos de vida dos Kalungas. Para tanto, buscou-se identificar o campo de possibilidade que esses têm para a implementação de seus projetos, em um contexto de mobilidade entre o rural e o urbano. Os Kalungas transitam

por diferentes realidades e investem em seus projetos de vida visando uma ascensão social, o que eles denominam de “mudar a sua condição de vida”.

Os questionamentos, as expectativas e as reivindicações que surgem das representações dos Kalungas colidem com os problemas estruturais de suas comunidades. Dificuldades essas que podem ser representadas pela falta de infraestrutura, pela ausência de políticas públicas voltadas especificamente para os Kalungas e pela falta de oportunidades para o exercício de atividades produtivas e/ou profissionais, que propiciem independência econômica no Sítio. Essas condições empurram os Kalungas e, principalmente, os jovens a construírem seus projetos fora do Sítio, seja numa atitude definitiva, seja como complemento das atividades realizadas nas unidades produtivas.

A situação fundiária continua não regularizada carecendo ainda de titulação, permanece a presença de fazendeiros e grileiros esperando por indenizações. A infraestrutura social básica, como energia elétrica, transporte, estradas, comunicações, saneamento básico permanecem precárias. Há um baixo nível de escolaridade e alto índice de analfabetismo e precariedade dos serviços de saúde.

A criação das associações é um indicativo de organização das lideranças. Por meio delas tem sido possível angariar recursos e projetos junto às universidades, organizações não governamentais e órgãos estatais. Diversos projetos na área de desenvolvimento sustentável e de promoção da identidade Kalunga estão sendo implementados graças à mediação das associações e dos líderes da comunidade.

Independentemente da renda familiar, a maioria dos Kalungas entrevistados demonstra interesse pela localidade, principalmente como um lugar de tranquilidade e descanso. Reconhecem a difícil realidade de suas famílias e elaboram estratégias que vão ao encontro das expectativas de terem um futuro menos penoso, por meio de outras atividades fora da comunidade. Muitos vão para a cidade em busca de trabalhos que não exijam uma maior especialização.

Referências

1. ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. 37p.
2. ALMEIDA, M. G. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2010. 182 p.
3. BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 519 p.
4. BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga: povo da terra**. Goiânia: UFG, 2006. 132 p.
5. BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 297.
6. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) Bolsa Família. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em 28 mar. 2013a.
7. BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** [online], Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 11 fev. 2013b.
8. CARNEIRO, M. J. **O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: TEIXEIRA, S. F. C; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. (orgs.). **Mundo Rural e política: ensaios interdisciplinares**. Ed. Campus/Pronex, 1999.

9. CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
10. CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.
11. CHIANCA, P. P. **Nas vias do reconhecimento: emergência étnica e territorialização Kalunga**. 2010. 110f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.
12. CIAMPA, A.C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2002. 248 p.
13. FIORAVANTI, M. C. S.; SERENO, J. R. B.; NEIVA, A. C. G. R.; ABUD, L. J.; LOBO, J. R.; ANDRADE, D. F.; CARDOSO, W. S.; SILVA, F. X. da; MACHADO, J. R. L. Reintrodução do gado Curraleiro na comunidade quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: resultados parciais. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE SAVANAS TROPICAIS E II SIMPÓSIO NACIONAL DO CERRADO, 2008, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: EMBRAPA, 2008.
14. FRANCO, R. D. **A desapropriação e a regularização dos territórios quilombolas**. 2012. 196f. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiás.
15. GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008 p.
16. GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Revista Campinas: Unicamp, São Paulo, 2002. 128 p.
17. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 102 p.

- 18.IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007. Disponível em: [www.ibge.gov.br/busca /search ?q=sintese+d+in dicadores+ sociais+2007& spell](http://www.ibge.gov.br/busca/?q=sintese+d+indicadores+sociais+2007&spell). Acesso em: 17 set. 2013.
- 19.KHAN, A. S.; SILVA, L. M. R. Eficácia e evolução dos indicadores socioeconômicos de famílias beneficiadas pelo programa de combate à pobreza rural: Projeto São José no Estado do Ceará. **Revista Brasileira de Sociologia e Economia Rural**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 1037-1053, 2007.
- 20.LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Metodologia de trabalho científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004. 243 p.
- 21.LEITE, I. B. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 424-436, 2008.
- 22.MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica e etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006. 179 p.
- 23.MELUCCI, A. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia**. Centro de Estudios Sociológicos. El Colégio de México, 1999. Disponível em: < 00371/Accion-Colectiva-vida-cotidiana-y-democracia> Acesso em 13 set. 2013.
- 24.MOURA, M. I.; TORRES, T. F.; MONTEIRO, E. P.; NEIVA, A. C. G. R.; CARDOSO, W. S.; FIORAVANTI, M. C. S. Evolução de um rebanho de bovino Curraleiro reintroduzido em cerrado nativo na região norte do Estado de Goiás, Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservacion Animal**, v. 1, p. 123-126, 2011.
- 25.NEIVA, A. C. G. R. **Caracterização socioeconômica da comunidade quilombola Kalunga e proposta de reintrodução do bovino Curraleiro como alternativa de geração de renda**. 2009. 138f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

26. PARÉ, M. L.; OLIVEIRA, L. P. de; VELLOSO, A.D. A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga de Engenho II (GO). **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 215-232, 2007.
27. SIQUEIRA, R. C. M. **Instrumentos jurídicos para a organização das atividades agrárias da Comunidade do Engenho II**. 2012. 195f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiás.
28. SOUZA, B. O. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.
29. SOVIK, L. Cultura & Identidade: teorias do passado e perguntas para o futuro in: NUSSBAUMER, G. M. (org): **Teorias & Políticas** da Cultura: visões multidisciplinares. Salvador: Edufba. 2007. p.149-153.
30. TRIVIÑOS N. S. A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2009. 174 p.
31. TULIK, O. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias. In: SANTOS, E. O. S. M. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. cap 3, p. 2-22.
32. UNGARELLI, D. B. **A Comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes**. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS, Universidade de Brasília, Brasília.
33. VALENTE, A. L. E. F. Segurança alimentar em Território Kalunga. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais...** Recife: SBS, 2007. p. 1-12.

- 34.VELHO, G.. **Individualismo e cultura**. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 149 p.
- 35.VELLOSO, A. D. **Mapeando narrativas: Uma análise do processo histórico espacial da comunidade do Engenho II - Kalunga**. 2007. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília.

CAPÍTULO 3

AVALIAÇÃO QUALITATIVA DO PROJETO ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE NÚCLEOS DE CRIAÇÃO DE GADO CURRALEIRO

Resumo

A adoção de práticas de avaliação de projetos e programas sociais nas instituições tem sido indicada para racionalizar a alocação de recurso público, subsidiar o planejamento e formulação das intervenções necessárias ao acompanhamento de sua implementação; para reformulações e ajustes; assim como balizador das decisões sobre a manutenção ou interrupção das ações. Sendo assim, objetivou-se avaliar o Projeto "Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro". Foram utilizadas metodologias das ciências sociais e a pesquisa foi organizada em dois polos de análise. O primeiro foi um delineamento de caráter exploratório, considerando aspectos qualitativos oriundos de entrevistas semiestruturadas, realizada com 17 participantes contemplados no projeto, utilizando técnicas da análise de conteúdo. Do processo de análise emergiram seis categorias: dificuldades encontradas na consolidação do Projeto; avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro; importância do Projeto para os Kalungas; influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto; ser Kalunga e sistema de manejo. O segundo polo de análise foi a pesquisa documental, onde buscaram-se informações no Relatório Técnico apresentado ao Ministério da Integração Nacional. A avaliação do Projeto foi positiva em relação aos resultados. Dos seis objetivos específicos, quatro foram alcançados com gradação alta; um com gradação média e, somente um, não foi contemplado. As três metas foram atingidas e dois resultados esperados não se consolidaram, sugerindo uma avaliação positiva do Projeto. Reconheceu-se a relevância das ciências naturais e a pouca importância da separação entre as abordagens quantitativa e qualitativa na pesquisa científica, acreditando na compatibilidade entre esses dois focos metodológicos.

Palavras-chave: análise de conteúdo, avaliação, metodologias qualitativas, projetos sociais

QUALITATIVE ASSESSMENT THE ESTABLISHMENT AND MAINTENANCE OF CORRALLED CATTLE RAISING NUCLEI PROJECT

Abstract

The adoption of project and social programs assessment practices within the institutions has been indicated to rationalize the allocation of public resources, to subsidize the planning and formulation of interventions necessary to follow its implementation, to conduct reformulations and adjustments, as well as to delimit decisions on the maintenance or interruption of actions. Accordingly, this study aimed at assessing the "Establishment and Maintenance of Corralled Cattle Raising Nuclei" Project. Methodologies from social sciences have been applied and the research was organized in two poles of analysis. The first one consisted of an exploratory-like outlining, which took into account qualitative aspects arising from semi-structured interviews, carried out with 17 participants in the project, through the application of content analysis techniques. Six categories emerged from the process of analysis: difficulties to consolidate the Project; assessment of the *Curraleiro Pé-Duro* bovine species; importance of the Project to the *Kalungas*; influence of local infrastructure in the consolidation of the Project; being *Kalunga*; and management system. The second pole of analysis consisted of documentary research, through which information was collected in the Work Plan submitted to the Ministry of National Integration. The assessment of the Project's results was positive: four out of the six specific objectives were achieved to a high degree; one to an intermediate degree and only one could not be attained. All the three proposed targets were achieved and two expected results could not be consolidated, suggesting a positive assessment of the Project. The relevance of natural sciences and the little importance of the separation between quantitative and qualitative approaches within scientific research were acknowledged, leading us to believe in the compatibility between these two methodological foci.

Keywords: content analysis, assessment, qualitative methodologies, social projects

1 Introdução

Um projeto é um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo. Nasce do desejo de transformar determinada realidade. É o produto inicial de uma ideia para solucionar uma questão específica e vislumbra possibilidades reais de obter os resultados esperados. A sua natureza temporária indica um início e um término definidos, onde o término é alcançado quando os objetivos tiverem sido atingidos ou quando se concluir que esses objetivos não serão ou não poderão ser atingidos e o projeto for encerrado, ou mesmo quando o projeto não for mais necessário. (XAVIER, 2009).

No meio rural, o momento histórico em que os projetos passaram a se constituir em importante ferramenta de transformação da realidade social tem como marco inicial o período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. A intenção era identificar os locais de atraso e levar o desenvolvimento à sociedade. Grande parte das ações que ganharam expressão nas últimas décadas estava definida em projetos que visavam melhorar determinada situação social e concorriam para obter recursos junto a instituições financiadoras públicas ou privadas (BRACAGIOLI NETO et al., 2010).

BRACAGIOLI NETO et al. (2010) fazem uma caracterização interessante dos diferentes formatos de projetos, apontando algumas particularidades que diferenciam os projetos de pesquisa, projetos agropecuários e projetos de desenvolvimento rural. Para esses autores, o projeto de pesquisa é aquele formulado por agentes integrados a alguma instituição que desenvolve pesquisas científicas (universidades, centros de pesquisas, ONGs etc.). Trata-se de um projeto cujo objetivo imediato não é a promoção de uma intervenção com vistas a mudar uma realidade e sim avançar o conhecimento acerca de determinado assunto.

Os projetos agropecuários, por sua vez, visam promover uma intervenção na realidade em que será implantado. No entanto, está diretamente relacionada à dimensão produtiva de determinada propriedade rural, tendo caráter mais técnico e mais pontual com relação às mudanças sugeridas. Seus limites ficam circunscritos a uma Unidade de Produção Agrícola (UPA) e podem vir

conjugados a um projeto de desenvolvimento rural. Os objetivos específicos dos projetos agropecuários podem ser:

implantar um sistema de produção; propor alternativas produtivas; aumentar a produtividade; expandir o tamanho do negócio agrícola; trabalhar a modernização da matriz produtiva; propor a diversificação da propriedade; ou simplesmente projetar a manutenção da atual configuração produtiva da propriedade (BRACAGIOLI NETO et al., 2010).

No caso específico desta pesquisa, o recorte recai sobre projetos de desenvolvimento rural que se inserem dentro de uma modalidade de projetos chamados sociais. Esses, por sua vez, são formulados para solucionar uma diversidade de problemas sociais. Trata-se de uma ação social planejada, estruturada em “objetivos, resultados e atividades baseados em uma quantidade limitada de recursos (humanos, materiais e financeiros) e de tempo” (ARMANI, (2003, p. 18).

Rural é aqui entendido como um local de relações sociais e econômicas e que requer um tipo de atuação específica, com projetos específicos, distintos das ações e projetos adotados no meio urbano. Rural não é sinônimo de agrícola, mas com possibilidades econômicas agrícolas e não agrícolas e dinâmica orientada por relações sociais (OLIVEIRA, 2004).

Faz-se necessário destacar que o conceito de desenvolvimento aqui entendido transcende o sinônimo de crescer e perpassa pela dimensão social. Nesse caso, evidencia-se a qualidade de vida das populações, associado à qualidade de sustentável, como resposta à necessidade de se incorporarem às dimensões econômicas e sociais as preocupações contemporâneas com o meio ambiente. Em suma, falar de desenvolvimento rural significa promover uma ação que vise “melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem nesse meio, incorporando as preocupações relativas ao cultural, ao social, ao econômico e ao ambiental” (BRACAGIOLI NETO et al., 2010, p. 14).

Sanadas algumas questões conceituais e retomando aos projetos de desenvolvimento rural, esses evoluíram muito e continuam sendo os principais instrumentos para promover processos de melhoria econômica e socioambiental. Da mesma forma, os instrumentos de controle da eficácia e eficiência acompanharam essa evolução. De uma visão restrita ao aspecto custo/benefício, para uma perspectiva voltada a processos multidisciplinares, participativos e com

ênfase na aprendizagem. Tal evolução fez com que se adquirissem maior observância a elaboração de projetos, especialmente nos quesitos relativos a instrumentos de monitoramento e avaliação.

Em se falando de avaliação de projetos e programas sociais nas instituições de ensino, a necessidade de adoção de práticas sistemáticas de avaliação tem se firmado como um dever ético; uma necessidade para melhorar a alocação de recurso público, uma vez que pode subsidiar o planejamento e formulação das intervenções necessárias, para o acompanhamento de sua implementação; para reformulações e ajustes; assim como balizador das decisões sobre a manutenção ou interrupção das ações. A avaliação consolida-se como um instrumento importante para a melhoria da eficiência do gasto público, da qualidade da gestão e do controle sobre a efetividade da ação da instituição, bem como para a divulgação de resultados.

O evidenciado é que a avaliação em projetos sociais/desenvolvimento rural é debatida e pouco aplicada em sua essência. Quando aplicada, limita-se a controlar investimentos financeiros realizados ou simplesmente servir como relatório das atividades desenvolvidas, não refletindo em efetividade para atribuir valor ou mérito da ação social, pautando apenas em quesitos considerados importantes sob a lógica da objetividade: economia, eficiência e eficácia.

Faz-se necessário discorrer sobre o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro, promovido pela EVZ, que visava a preservação e utilização do gado Curraleiro Pé-Duro com a reintrodução dos animais no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga e o estabelecimento de um núcleo de criação bem como, dentre outros, representar uma alternativa viável de geração de renda para as famílias Kalungas que sobrevivem com extrema dificuldade. O Projeto surgiu a partir da demanda dos próprios Kalungas que manifestaram a vontade de retomar o modelo tradicional de exploração pecuária, uma vez que muitos produtores criavam o Curraleiro Pé-Duro, mas com a entrada do gado Nelore na região, assistiram à redução drástica do rebanho de Curraleiro (FIORAVANTI et al., 2008; NEIVA, 2009; MOURA et al., 2011).

Em 2007, foram adquiridos 86 bovinos, machos e fêmeas de diversas idades. Esses foram divididos em lotes de seis bovinos, sendo cinco fêmeas e um macho e foram entregues às famílias contempladas, sugeridas pela Associação

Kalunga de Cavalcante. Ao final de cada ano, a progênie dos animais seria dividida ao meio, onde metade passaria a ser de propriedade do criador e a outra do Projeto, para a formação de novos lotes. No ano de 2008 foram reintroduzidos mais 73 bovinos, contemplando outras sete famílias. Cada uma recebeu entre seis e sete animais. Além disso, houve reposição para as famílias que perderam animais em 2007 (FIORAVANTI et al., 2008; NEIVA, 2009; MOURA et al., 2011).

Os contemplados com o Projeto assinaram um termo de responsabilidade pelo rebanho. Nesse termo, dentre outros, constava que o contemplado precisava estar em dia com as obrigações em relação a AKC; garantir o cumprimento dos critérios estabelecidos a qualquer tempo e, no caso de impossibilidade de cumprimento de qualquer deles, devolver o lote (FIORAVANTI et al., 2008; NEIVA, 2009; MOURA et al., 2011).

Então, intenciona-se integrar métodos em um único estudo avaliatório que procure identificar "as sensibilidades para revelar os múltiplos significados expressos pelas partes interessadas" (KENDALL et al., 2006, p. 427), que associadas a critérios objetivos, como eficácia, buscam examinar de forma mais complexa como essas diferenças podem ser ligadas. Nesse sentido, almeja buscar resultados mais reais, ricos e profundos, levando a significados importantes e não alcançáveis em uma abordagem objetiva (ASSUMPÇÃO & CAMPOS, 2011).

Ainda, o campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições. Como exemplo dessa contradição, cita-se o grande embate sobre cientificidade das ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza. Diante do exposto, objetivou-se, neste capítulo, avaliar o Projeto "Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro", utilizando metodologias qualitativas, demonstrando sua importância e robustecendo o debate acadêmico a respeito do *status* "científico" das disciplinas da área das ciências sociais, considerando que o comportamento humano pode ser submetido a um estudo "científico" tão legitimamente quanto às demais ciências da natureza.

2 Material e métodos

Para melhor apresentar os processos metodológicos realizados durante a análise dos dados, a pesquisa foi organizada em dois pólos de abordagem nos quais foram evidenciados, objetivamente, as etapas e procedimentos cumpridos na pesquisa qualitativa bem como na quantitativa, além das exigências da análise de conteúdo segundo BARDIN (2010).

2.1 Polo de análise I

A pesquisa obedeceu a um delineamento de caráter exploratório, considerando aspectos qualitativos oriundos de entrevistas semiestruturadas realizadas no mês junho e outubro de 2011 quando membros da comunidade Kalunga estiveram no Instituto Federal Goiano - Campus Ceres participando de capacitação técnica por meio de cursos. Em agosto de 2012 na Comunidade Kalunga Engenho II, Cavalcante (GO), em capacitação técnica e em setembro de 2011 e novembro de 2012, por ocasião da realização do I e II Kalunga Cidadão promovido pela UFG.

Participaram da pesquisa 17 informantes escolhidos por conveniência e disponibilidade, uma vez que eram os patriarcas das famílias contempladas com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e nelas procurou-se captar a visão/avaliação dos contemplados sobre o Projeto.

Logo no início das entrevistas, foi esclarecido para os participantes o objetivo da pesquisa e, principalmente, sobre o sigilo de seus nomes na mesma (LAKATOS & MARCONI, 2004), não os vinculando nominalmente a sentimentos e percepções que afloraram durante todo o processo. Todos autorizaram a gravação de suas falas bem como o registro das entrevistas por meio de fotografias e filmagens. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) do Instituto Federal Goiano, conforme Parecer Consubstanciado Referente ao Projeto de Pesquisa, Protocolado no CEP sob n. 007/2011.

Para a orientação no processo de análise dos dados, tomou-se BARDIN (2010) como referência principal. Baseou-se em um conjunto de técnicas da análise de conteúdo, adotando, como ponto de partida, as entrevistas registradas por meio de gravação em áudio, transcritas na íntegra e autorizadas pelos participantes. Os textos passaram por pequenas correções linguísticas, que não eliminaram o caráter espontâneo das falas.

Para o tratamento dos dados a técnica de análise temática ou categorial foi utilizada. De acordo com BARDIN (2010), essa técnica baseia-se em operações de desmembramento do texto em unidades, em diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação e, posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias. Para tanto três etapas sugeridas pelo autor foram seguidas: pré-análise; exploração do material ou codificação; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira etapa, realizou-se uma leitura da transcrição das entrevistas, com a ajuda de dois juízes pedagogos, objetivando verificar a compreensão das unidades de sentido relatadas pelos entrevistados. As informações que não puderam ser compreendidas foram desconsideradas e a transcrição passou a compor um texto único no *Word*, constituindo os *corpus* a serem analisados.

Na segunda etapa, as informações foram separadas no *corpus* pelo símbolo barra (/), no qual as sentenças e/ou palavras localizadas entre duas barras foram consideradas um “recorte” e definidas como unidades de contexto elementar (UCEs), neste trabalho representada pela frase. As informações consideradas pelos juízes como passíveis de serem omitidas foram substituídas por três pontos (...). Os recortes (UCEs) foram aglomerados em grupos temáticos semelhantes, dando origem às categorias, que puderam ser divididas em subcategorias primárias, secundárias. Após esta etapa de categorização, foi realizada a quantificação das UCEs - porcentagem (%) e frequência (f) - incluindo as subcategorias.

Buscou-se, na terceira etapa, colocar em relevo as informações fornecidas pela análise, utilizando a quantificação simples (frequência) e atribuição de significados aos resultados finais por meio de análise qualitativa dos dados. Nas interpretações e inferências, houve a participação de dois juízes, com

experiência em análise de conteúdo, os quais contribuíram no estabelecimento de relações e aprofundamento das ideias. A nomeação das categorias e subcategorias surgiu da classificação progressiva dos elementos, realizada a *posteriori*.

2.2 Polo de análise II

A pesquisa documental norteou essa etapa do trabalho. Buscaram-se informações no Plano de Trabalho apresentado à Fundação de Apoio à Pesquisa - FUNAPE e no Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI, Centro de custo - 11.116, Área: Conservação de espécies e ecossistemas; desenvolvimento sustentável, apresentado ao Ministério da Integração Nacional, por ocasião de conclusão do Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. A pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos. A riqueza de informações que deles pode-se extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural (CELLARD, 2008).

Dentre as bases ideológicas, predileções metodológicas e atribuição de valor que norteiam os processos de avaliações em projetos sociais/desenvolvimento rural optou-se pela avaliação centrada em objetivos, concentrando-se na especificação das metas e objetivos e na determinação da medida em que esses foram atingidos, no período de tempo previsto. A abordagem quantitativa de coleta e análise de dado, baseou-se no racionalismo encontrado em ferramentas e conceitos modelados nas ciências naturais de tradição positivista e cujos resultados se assentam em critérios especificados e objetivos (KENDALL et al., 2006).

A avaliação tentou correlacionar os dados que formataram o Projeto: objetivos / metas / estratégias / público-alvo, metas propostas / atingidas e os resultados alcançados, objetivando conhecer o grau de cumprimento das metas e explicar *post-facto* as causas das discrepâncias entre as metas projetadas e as obtidas.

3 Resultados e discussão

3.1 Resultados e discussão do polo de análise I

A constituição do *corpus* contou com 815 UCEs. Algumas UCEs não puderam ser agrupadas por não fazerem menção ao objeto de estudo ou por não serem decodificadas pelos juízes. Deste modo, 74 UCEs (9%) foram desconsideradas. São exemplos de UCEs desconsideradas: a culpa do projeto ruim é dos políticos / Quero mexer com gado não / Tem que arrepiar pra fica mió. As demais 741 UCEs (91%) foram submetidas aos procedimentos de codificação, classificação e categorização.

3.1.1 Determinação das categorias e subcategorias

Do processo de análise emergiram seis categorias: 1) Dificuldades encontradas na consolidação do Projeto, constituída por 27,8% do total das UCEs; 2) Avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro pelos contemplados com o Projeto, constituída por 18,2% das UCEs; 3) Importância do Projeto para os Kalungas, constituída por 15,9% das UCEs; 4) Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto, constituída por 13,2% das UCEs; 5) Ser Kalunga, constituída por 13,2% das UCEs e; 6) Sistema de manejo, constituída por 11,62% das UCEs.

3.1.2 Sumarização das categorias e subcategorias com suas respectivas operacionalizações

A) Categoria 1

A Categoria 1 " Dificuldades encontradas na consolidação do Projeto" é constituída por quatro subcategorias primárias: Recursos financeiros; Recursos humanos; Recursos naturais e Políticas públicas (Quadro 1).

QUADRO 1 - Sumarização da categoria 1 com suas respectivas subcategorias relacionadas às dificuldades encontradas

Categoria 1: Dificuldades encontradas, pelos contemplados, na consolidação do Projeto	
Subcategoria primária	Subcategoria secundária
Recursos financeiros	Construção de cercas
	Formação e manejo de pastagem
	Ampliação do Projeto
Recursos humanos	Melhoria na gestão do Projeto
	Capacitação dos contemplados com o Projeto
	Assistência técnica
Recursos naturais	Condições edafoclimáticas
	Predadores naturais
Políticas públicas	Regularização fundiária

A primeira subcategoria primária, "Recursos financeiros", diz respeito às dificuldades encontradas pelos contemplados que dependiam de aporte financeiro. Essa subcategoria subdivide-se em três subcategorias secundárias: 1) Construção de cercas. Exemplos de UCEs: Já soltei eles do curral e eles sumiram / Outro problema é a cerca / Faltou fazer mais cerca; 2) Formação e manejo de pastagem, relacionada à dificuldade dos contemplados em disponibilizar comida aos animais no período da seca. Exemplos de UCEs: Na época da seca eles passam fome / Sem pasto não tinha como criar / O capim acaba / Morre por fraqueza mesmo, de fome; 3) Ampliação do Projeto o que, para os contemplados, contemplaria mais famílias e recomporia os lotes nos quais houve perda. Exemplos de UCEs: O projeto precisa ampliar mais / Ampliar os lotes que morreu muito / Tem muito neguim querendo Curraleiro e não tem.

A segunda subcategoria primária, "Recursos humanos" está subdividida em três subcategorias secundárias que fazem menção às dificuldades encontradas na consolidação do Projeto que dependiam de técnicos para serem dirimidas. 1) Melhoria na gestão do Projeto, uma vez que, para os contemplados, ficou a desejar o acompanhamento do mesmo e, ainda, a cobrança da contrapartida dos contemplados. Exemplos de UCEs: As coisas tá meio desorganizadas / Ninguém tá seguindo os critérios do projeto / Assinamos no termo de responsabilidade / O resto tá bagunçado. 2) Capacitação dos

contemplados com o Projeto. Exemplos de UCEs: Queria aprender mais sobre a pecuária / Eu precisava saber mais sobre doença / A gente aprender a mexer com os animais. 3) Assistência técnica para reduzir a mortalidade do bovino. Exemplos de UCEs: Não tem ninguém pra vacinar / Tem hora que não sei o que fazer / Eu curo o umbigo só quando dá bicheira.

A terceira subcategoria primária, "Recursos naturais", diz respeito às dificuldades advindas dos intempéries naturais, bem como da localização e topografia da região. Essa subcategoria subdivide-se em duas subcategorias secundárias: 1) Condições edafoclimáticas. Exemplos de UCEs: Na época da seca, lá não tem água nem pra gente / Lá tem aquela erva cafezinho / A região é muito acidentada e as vezes caem no buraco e a gente não arranja modo de tirar e acaba morrendo; 2) Predadores naturais envolvendo o ataque aos bovinos por onça. Exemplo de UCEs: Já aconteceu de as onças comerem os bezerros todinhos / Ano passado a onça comeu quase tudo / De 15 cabeças a onça comeu 12.

A quarta e última subcategoria primária da categoria 1 "Políticas públicas", refere-se às dificuldades dos contemplados no tocante a regularização das terras. Exemplo de UCEs: Ficamos um pouco com as rédeas presas / Nós temos um lugar bom, mas não pode por gado / Não indenizaram ainda os fazendeiros.

B) Categoria 2

A Categoria 2 "Avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro pelos contemplados com o Projeto" demonstra as características positivas e negativas do bovino Curraleiro Pé-Duro atribuídas pelos contemplados. É constituída por duas subcategorias primárias: Avaliações positivas e Avaliações negativas (Quadro 2).

QUADRO 2 - Sumarização da categoria 2 com suas respectivas subcategorias relacionadas à avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro

Categoria 2: Avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro pelos contemplados com o Projeto	
Subcategoria primária	Subcategoria secundária
Avaliações positivas	Baixo custo de produção
	Adaptabilidade
	Docilidade
	Utilizar vegetação nativa na alimentação
	Maior resistência a parasitas/rusticidade
	Carne saborosa
Avaliações negativas	Dificuldade de manter os animais cercados
	Baixa produção de leite
	Desenvolvimento lento

A primeira subcategoria primária, "Avaliações positivas" subdivide-se em seis subcategorias secundárias: 1) Baixo custo de produção. Exemplo de UCEs: É um gado que não precisa de muito pasto para sobreviver / No mais, é capim mesmo / O gado fica só no pasto / O buquinho é pequeno. 2) Adaptabilidade. Exemplo de UCEs: Fica mais forte durante a seca / Ele já nasce duro / É um gado bom pra cá. 3) Docilidade. Exemplo de UCEs: Assim, mansinho / O bicho não é atentado / Um garotinho de seis, sete anos; ele mesmo pia a vaca e tira o leite dela. 4) Utilizar vegetação nativa na alimentação. Exemplo de UCEs: Na seca eles comem, por exemplo um coco / Comem piaçava / O Curraleiro como muita folha / O Curraleiro come árvore. 5) Maior resistência a parasitas/rusticidade. Exemplos de UCEs: Gado que tem muita resistência / O gado nem berne dá / Ele é mais mantido / Um gado mais sadio. 6) Carne saborosa. Exemplos de UCEs: Boa carne / Diz que a carne é mais boa / Gosto da carne.

A segunda subcategoria primária, "Avaliações negativas" subdivide-se em três subcategorias secundárias: 1) Dificuldade de manter os animais cercados. Exemplos de UCEs: A cerca, eles não pára / Essa gado anda demais /

Atentadinho / vão parar na roça. 2) Baixa produção de leite. Exemplos de UCEs: Não é de muito leite / As curraleiras até hoje, só tem uma que dá dois litros de leite / Não dá leite, mas o bezerro é bonitinho. 3) Desenvolvimento lento. Exemplos de UCEs: Aquilo não cresce não / Mirradinho.

C) Categoria 3

A Categoria 3 "Importância do Projeto para os Kalungas" contempla as áreas que foram impactadas e para que serviu o Projeto. É constituída por duas subcategorias primárias: Importância financeira e Aspectos culturais (Quadro 3).

QUADRO 3 - Sumarização da categoria 3 com suas respectivas subcategorias relacionadas à importância do Projeto para os contemplados

Categoria 3: Importância do Projeto para os contemplados	
Subcategoria primária	Subcategoria secundária
Importância financeira	Trazer benefícios
	Fonte de renda
	Visibilidade
	Turismo
Aspectos culturais	Satisfação pessoal
	Desejo de resgatar a tradição de criar Curraleiro

A primeira subcategoria primária, "Importância financeira", diz respeito às consequências financeiras oriundas da realização do Projeto. Essa subcategoria subdivide-se em quatro subcategorias secundárias: 1) Trazer benefícios. Exemplos de UCEs: O Projeto trouxe muitos benefícios pra nois / Trouxe ação à saúde pessoal / Os cursos, também temos que agradecer ao Projeto / Gerar progresso. 2) Fonte de renda. Exemplos de UCEs: Peguei esse eu ganhei mais dinheiro / Um ponto forte para dar um pertapé / Foi um princípio. 3) Visibilidade, referindo-se a divulgação da comunidade via Projeto. Exemplos de UCEs: O Projeto deu clareza ao nosso povo / Trouxe muita gente aqui / Mostrou nois pra lá fora. 4) Turismo. O Projeto é visto como uma oportunidade de agregar valores ao turismo local. Exemplos de UCEs: O gado como uma curiosidade do

turismo / Quem não conhece o gado, conhecer com o turismo / Forte turismo aqui, mais o Curraleiro.

A segunda subcategoria primária, "Aspectos culturais", aborda o nível de satisfação dos contemplados em relação ao Projeto bem como a vontade de resgatar a tradição de criar o bovino Curraleiro Pé-Duro. Essa subcategoria subdivide-se em duas subcategorias secundárias: 1) Satisfação pessoal. Exemplos de UCEs: Fui contemplado com o projeto e achei muito bom / Fiquei muito alegre com isso acontecer / Pra mim, foi muito ótimo. 2) Desejo de resgatar a tradição de criar o bovino Curraleiro Pé-Duro. Exemplo de UCEs: Tinha vontade de ter um gado Curraleiro / Minha mãe contava que o avô dela tinha / Um grande desempenho para estar resgatando.

D) Categoria 4

A Categoria 4 "Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto" é constituída por duas subcategorias primárias: Infraestrutura da região de responsabilidade do Estado e Infraestrutura da unidade de produção (Quadro 4).

QUADRO 4 - Sumarização da categoria 4 com suas respectivas subcategorias relacionadas à Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto

Categoria 4: Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto	
Subcategoria primária	Subcategoria secundária
Infraestrutura da região de responsabilidade do Estado	Vias de acesso
	Energia elétrica
	Saúde
Infraestrutura da unidade de produção	Condições de moradia
	Aspectos sanitários

A primeira subcategoria primária, "Infraestrutura da região de responsabilidade do Estado", subdivide-se em três subcategorias secundárias: 1) Vias de acesso que faz referência à dificuldade de locomoção na região. Exemplos de UCEs: As estradas estão em situação ruim / A maior dificuldade de

morar lá é transporte / A não ser é no lombo do cavalo / Lá só vai de mula ou a pé. 2) Energia elétrica. Exemplos de UCEs: A energia não chegou lá não / Tendo energia, tem outras coisas / É lamparina. 3) Saúde. Exemplos de UCEs: Quando adocece, tem que vir pra cidade / Tenho medo de adoecer.

A segunda subcategoria primária, “Infraestrutura da unidade de produção”, subdivide-se em duas subcategorias secundárias: 1) Condições de moradia. Exemplos de UCEs: A casa que moro é de piaçava e enchimento / Não digo que lá falta tudo, porque a terra tá lá / A casa que moro é de taipa e palha. 2) Aspectos sanitários. Exemplos de UCEs: Lá é no mato mesmo / O banheiro é no céu aberto / A água é de mina.

E) Categoria 5

A Categoria 5 "Ser Kalunga", aborda a manifestação, não estimulada, dos contemplados no tocante ao orgulho de pertencerem à comunidade. É constituída por duas subcategorias primárias: Aspectos culturais e Dificuldades dos remanescentes de quilombo (Quadro 5).

QUADRO 5 - Sumarização da categoria 5 com suas respectivas subcategorias relacionadas ao orgulho dos contemplados em serem Kalungas

Categoria 5: Ser Kalunga	
Subcategoria primária	Subcategoria secundária
Aspectos culturais	Manter a tradição
	Valorização da terra
Dificuldades dos remanescentes de quilombo	Perpetuação do sofrimento

A primeira subcategoria primária, “Aspectos culturais”, diz respeito ao sentimento dos contemplados relacionados à valorização da tradição e ao sentimento de pertence à terra. Subdivide-se em duas subcategorias secundárias: 1) Manter a tradição. Exemplos de UCEs: Temos que levar a vida como a gente aprendeu desde criança / Acho importante a preservação dos costumes / Algumas coisas que a gente não pode deixar acabar / Acho a tradição importante. 2)

Valorização da terra. Exemplos de UCEs: Eu tenho orgulho de ser e não abandono minha terra / Eu gosto muito de morar no Engenho / É a defesa da terra da gente.

A segunda subcategoria primária, "Dificuldades dos remanescentes de quilombo" aborda a necessidade de mudança em algumas áreas na comunidade. Subdivide-se em uma subcategoria secundária: 1) Perpetuação do sofrimento. Exemplos de UCEs: Tem algumas coisas que precisam ser mudadas / Os antepassados da gente foi muito sofrido, tem que miorá / Não posso preservar o sofrimento / As coisas na roça são difíceis.

F) Categoria 6

A Categoria 6 "Sistema de manejo", retrata as formas de manejo do bovino Curraleiro Pé-Duro adotada pelos contemplados. É constituída por duas subcategorias primárias: Manejo sanitário e Utilização dos saberes locais (Quadro 6).

QUADRO 6 - Sumarização da categoria 6 com suas respectivas subcategorias relacionadas ao manejo do bovino Curraleiro Pé-Duro

Categoria 6: Sistema de manejo	
Subcategoria primária	Subcategoria secundária
Manejo sanitário	Vacinação contra manqueira
	Vacinação contra aftosa
	Vacinação contra brucelose
	Suplementação mineral
	Vacinação contra raiva
Utilização dos saberes locais	Desverminação

A primeira subcategoria primária, "Manejo sanitário", retrata quais práticas são adotadas. Subdivide-se em cinco subcategorias secundárias: 1) Vacinação contra manqueira. Exemplos de UCEs: Vacinamos contra manqueira / Vacino fofo dos quartos / O maior problema é o quarto fofo, eu vacino. 2) Vacinação contra aftosa. Exemplos de UCEs: vacinamos contra febre aftosa / Eu

vacinei o ano passado contra aftosa / Vacinemos nosso gadinho de aftosa. 3) Vacinação contra brucelose. Exemplos de UCEs: Vacina contra brucelose / vacinemos nosso gado gadinho contra brucelose / Brucelose). 4) Suplementação mineral. Exemplos de UCEs: Damos sal mineral que a Clorinda levou / De vez em quando, damos sal / Dô pra eles só sal. 5) Vacinação contra raiva. Exemplos de UCEs: Vacinemos nosso gado contra raiva / Raiva / E as vacinas também é necessário, vacinemo contra raiva.

A segunda subcategoria primária, "Utilização dos saberes locais", aborda a utilização de conhecimento local no manejo do gado. Subdivide-se em uma subcategoria secundária: 1) Desverminação. Exemplos de UCEs: A gente soca a raspa de sicupira e põe no sal / Meu pai fala que é vermífico / O gado limpa o pelo / Eu dô quina.

3.1.3 Quantificação e interpretação das categorias e subcategorias

Segundo BARDIN (2010) a frequência de aparição das unidades de significação, neste trabalho denominadas de UCEs é, geralmente, a medida mais utilizada, caso se siga o postulado de que a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de sua aparição e, ainda, que todas as aparições possuem o mesmo peso e os elementos, uma importância igual. Sendo assim, por meio da quantificação simples, passa-se a análise a partir de uma lógica impressa pelo pesquisador, expressando uma intencionalidade de avaliar, segundo a ótica dos contemplados, o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. Nesse sentido, as informações configuradas em categorias e subcategorias primárias e secundárias apresentaram os seguintes dados:

A) Dificuldades encontradas, pelos contemplados, na consolidação do Projeto

Essa categoria foi formada por 27,8% de todas as UCEs do *corpus*, sendo que, das 206 UCEs identificadas, emergiram quatro subcategorias primárias e oito subcategorias secundárias representadas pela porcentagem de frequência dentro desta categoria (Quadro 7).

QUADRO 7 - Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 1 referente à análise de conteúdo, relacionadas às dificuldades encontradas pelos contemplados com o Projeto

Categoria 1: Dificuldades encontradas, pelos contemplados, na consolidação do Projeto				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	f	% Subtotal	% Total
Recursos financeiros	Construção de cercas	46	22,3%	27,8%
	Formação e manejo de pastagem	30	14,6%	
	Ampliação do Projeto	8	3,9%	
Recursos humanos	Melhoria na gestão do Projeto	24	11,6%	
	Capacitação dos contemplados com o Projeto	20	9,7%	
	Assistência técnica	10	4,9%	
Recursos naturais	Condições edafoclimáticas	32	15,5%	
	Predadores naturais	22	10,7%	
Políticas públicas	Regularização fundiária	14	6,8%	
Subtotal		206	100%	

A subcategoria secundária: "Construção de cercas" foi tomada pelos contemplados como a mais mencionada. Uma possível explicação pauta-se no fato de que o Projeto orientava, dentre outras, que as fêmeas da raça Curraleiro Pé-Duro não poderiam cruzar com reprodutores de outra raça (MOURA et al., 2011). Os contemplados manifestaram grande dificuldade em cumprir a referida recomendação uma vez que possuíam pequenas áreas cercadas ou nenhuma e quando as tinham eram de péssima qualidade.

Outro destaque está relacionado ao manejo alimentar do rebanho. As condições favoráveis da região como umidade, temperatura e luminosidade são contrapostas pelas terras do Cerrado ácidas e pobres em nutrientes e, ainda, pelo longo período de estiagem e a carência de água em algumas regiões, acarretando dificuldade no tocante a disponibilização de alimentos para o rebanho na época da seca. As áreas de pastagens cultivadas são pequenas e, na maioria das vezes, o gado é criado solto, utilizando-se de pastagem nativa em extensas áreas, justificando o aparecimento das UCEs relacionadas à formação e manejo de pastagem (14,6%).

O Projeto prevê que no final de cada ano, a progênie dos animais seria dividida ao meio, ficando parte com o criador e parte entregue a novos criadores (MOURA et al., 2011). Essa ação garantiria a ampliação do mesmo e está acontecendo. A frustração é que a procura por animais pelos Kalungas está bem maior do que a capacidade de ampliação dos lotes, levando à manifestação de UCEs relativas à ampliação do Projeto (3,9%).

Segundo MIRANDA et al. (2007), para que um projeto seja bem-sucedido, o gerenciamento precisa ser uma ação imprescindível. Defende que gerenciar um projeto é assumir a liderança das atividades, atuando durante todo o seu ciclo de vida, buscando atingir os objetivos inicialmente propostos e obedecendo ao que foi planejado e previamente estabelecido. Ainda, o processo de gerenciamento de projetos requer envolvimento, comprometimento e condições ambientais e estruturais para a realização das atividades. Em 11,6% das UCEs identificadas houve manifestação, por parte dos contemplados, de algum nível de descontentamento no tocante a gestão do Projeto.

O Brasil, apesar de possuir um alto grau de especialização, tecnologia e métodos avançados, voltados para a produção agrícola, conta com grandes contrastes, pois, se por um lado, grandes produtores utilizam um alto grau de tecnologia, por outro, temos pequenos produtores, sendo mais específicos, os Kalungas, ainda com métodos artesanais (BATALHA et al., 2005).

Logo, a qualificação profissional deve ser vista como fator determinante para o futuro daqueles que estão buscando êxito em qualquer projeto, sendo ainda, de suma importância aos que buscam manter a expansão de qualquer empreendimento, alimentando chances reais de crescimento. É notório que os contemplados com o Projeto (9,7%) reconhecem a necessidade de algumas práticas simples de manejo, como o controle zootécnico do rebanho, gestão do rebanho, atenção com a reprodução, monta controlada, além de práticas de manejo de solo e pastagens (MELO & TAQUES, 2009; RAMOS et al., 2009).

Diversos estudos e análises mencionam a importância da assistência técnica como uma dimensão constitutiva da viabilidade econômica e social dos pequenos produtores rurais e da própria agricultura familiar. Ao mesmo tempo, esses estudos e análises ressaltam os impasses e as dificuldades enfrentadas pelos serviços de assistência técnica e extensão rural (ABRAMOVAY, 2007). No

caso específico do Projeto analisado, pesa o fato de que as demandas de assistência técnica (4,9%) surgidas com a implantação do mesmo, foram contempladas, em parte, mas deixou a desejar, principalmente, na periodicidade de suas realizações (BAIOCCHI, 2006).

As condições edafoclimáticas foram suscitadas pelos contemplados (15,5%). A fitofisionomia típica em toda área do Projeto é a do Cerrado, que é representado pelos campos limpos, campos sujos e veredas acompanhadas de Matas Ciliares. Os campos limpos são, essencialmente, cobertos por gramíneas, enquanto os campos sujos apresentam-se semeados de pequenas árvores de tronco rugoso e retorcido, recobertas de folhas largas e, as veredas cobertas da palmeira buriti (*Mamita flexuosa*), que acompanham lugares úmidos, desde as nascentes prosseguindo por veredas e cursos d'água. O clima que predomina é o tropical, apresenta duas estações bem definidas: uma chuvosa, entre outubro e abril, e outra seca, entre maio e setembro. O solo da região é relativamente pobre e raso, com alguns trechos de maior profundidade às margens dos rios (PELÁ & CASTILHO, 2010).

Nesse bioma, os contemplados encontram dificuldade na condução do Projeto, principalmente na estação da "seca", quando são impulsionados a manejar o bovino em grandes áreas. Torna-se comum, nesse período, ouvir dizer que um boi, uma vaca ou um cavalo "morreu de erva". Isto significa que sua morte foi causada por uma planta tóxica ou venenosa, atribuída pelos contemplados ao cafezinho (*Palicourea marcgravii*), muito comum nessa região (PEREIRA & PEREIRA, 2005).

Estudos realizados por SERODIO (2013) com o bovino Curraleiro Pé-Duro demonstraram que a raça é mais resistente a intoxicação pelo cafezinho do que outras raças. Na referida pesquisa, os bovinos foram intoxicados, experimentalmente, por via oral e 50% dos bovinos Curraleiros Pé-Duro sobreviveram enquanto todos os demais animais envolvidos na pesquisa morreram, sugerindo uma maior resistência dessa raça em comparação aos bovinos Nelore e Pantaneiro.

Fogo e a presença de predadores naturais, principalmente, onça (10,7%), também foram dificuldades apontadas pelos contemplados. Nos últimos anos tem-se visto um aumento nos problemas causados por felinos no Brasil por

vários fatores entre os quais destaca-se a expansão da fronteira agropecuária e a redução do *habitat*. São grandes as perdas causadas pela predação, com histórias narradas pelos contemplados que chegam ao comprometimento de 86% do rebanho de um criador. Para PALMEIRA (2004) a predação é influenciada pela categoria dos bovinos (idade e sexo) e pelo período de nascimentos de bezerros, sugerindo estratégias de manejo para minimizar os efeitos da predação.

Além dessas dificuldades apontadas pelos criadores, outra, também observada durante o período da entrevista, foi o problema da não regularização fundiária (6,8%) pelo qual passam os contemplados. Defendem o reconhecimento do direito fundiário como uma condição para a continuidade da vida social, estabelecendo uma relação direta entre território e cultura e, ainda, a possibilidade de utilização das melhores áreas da região, hoje nas mãos de fazendeiros, para a criação de animais.

B) Avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro pelos contemplados com o Projeto

Essa categoria foi formada por 18,2% de todas as UCEs do *corpus*, sendo que, das 135 UCEs identificadas, emergiram duas subcategorias primárias e nove subcategorias secundárias representadas pela porcentagem de frequência dentro desta categoria (Quadro 8).

Os criadores demonstraram uma avaliação positiva do bovino Curraleiro Pé-Duro, ressaltando oito características dos animais. A mais citada refere-se ao baixo custo de produção (23,7%), interpretada pela capacidade da raça conseguir passar por períodos de restrição alimentar com escore corporal melhor do que outras raças; na não exigência de grandes investimentos em infraestrutura na propriedade; além de apresentar a peculiaridade de responder rapidamente às mudanças de melhorias ambientais, natural ou artificialmente, proporcionando ganho de peso compensatório elevado. Apesar de perder peso no período da seca, consegue recuperá-lo quando as condições voltam a ser favoráveis sem a necessidade de suplementação alimentar (FIORAVANTI et al., 2008).

QUADRO 8 - Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 2 referente à análise de conteúdo, relacionada à avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro

Categoria 2: Avaliação do bovino Curraleiro Pé-Duro pelos contemplados com o Projeto				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	f	% Subtotal	% Total
Avaliações positivas	Baixo custo de produção	32	23,7%	18,2%
	Adaptabilidade	28	20,6%	
	Docilidade	18	13,3%	
	Utilizar vegetação nativa na alimentação	14	10,3%	
	Maior resistência a parasitas/rusticidade	8	6,0%	
	Carne saborosa	8	6,0%	
Avaliações negativas	Dificuldade de manter os animais cercados	18	13,3%	
	Baixa produção de leite	8	6,0%	
	Desenvolvimento lento	1	0,8%	
Subtotal		135	100%	

A capacidade de adaptação (20,6%) foi outra característica destacada. Para os entrevistados, os animais oriundos do Projeto adaptaram-se gradativamente às pastagens de baixa qualidade, às condições de baixa umidade, ao calor e outros fatores adversos, além de utilizarem de vegetação nativa na alimentação (10,3%). São dóceis (13,3%) o que é, para os criadores, um atributo de grande importância em decorrência da atividade ser realizada pelo grupo familiar e as crianças lidarem bem com esse bovino, contribuindo na diminuição do tempo de manejo e, principalmente, dos riscos de acidente.

Acreditam que os animais são mais resistentes aos carrapatos (6,0%), com capacidade de eliminá-los naturalmente. Embora existam várias raças com níveis variados de resistência dentro dos principais grupos criados nos trópicos (zebus, indianos e africanos, sanga e crioulo), nenhuma das raças é totalmente resistente aos carrapatos, mas a literatura apresenta trabalhos mostrando que existem raças mais resistentes (SANTOS & VOGEL, 2012).

A principal desvantagem do bovino Curraleiro Pé-Duro apresentada pelos criadores foi a dificuldade de manter os animais dentro dos cercados. As cercas constituem um investimento considerável numa propriedade agrícola e, por

isso, devem ser construídas com material de boa qualidade, com mourões de madeira de lei, utilizando-se arame farpado ou liso. Nas propriedades dos contemplados pelo Projeto, em sua maioria, são de péssima qualidade construídas com madeira retorcidas e sem qualquer tratamento. As áreas de pastagens cultivadas são pequenas e a pressão de pastejo força os animais a procurarem alimentos culminando no inconveniente apresentado.

Outras desvantagens suscitadas fazem referência à baixa produção de leite (6,0%), que depende principalmente da alimentação, mineralização e cuidados básicos de manejo e ao desenvolvimento lento (0,8%). Os criadores comercializam, anualmente, os bezerros machos. Relatam que recebem visita de um comprador denominado por eles de "boiadeiro" e esse, geralmente, refuga o bezerro de Curraleiro Pé-Duro ou pagam menos por ele. A possível causa centra-se no fato de que os criadores não conseguem agregar valor às crias, vendendo-as como reprodutores em decorrência de serem oriundas do cruzamento do Curraleiro Pé-Duro com outra raça criada por eles, fazendo com que o porte pequeno reduza seu valor econômico.

Ainda, segundo EGITO (2007) o rebanho Curraleiro Pé-Duro habitou todo o território nacional e contribuiu para a formação das raças Caracu, Mocho Nacional e Junqueira. A raça Caracu e o Curraleiro Pé-Duro são bastante semelhantes, só que o Curraleiro Pé-Duro não sofreu melhoramento genético, enquanto que a Caracu já foi melhorada para o corte e leite (BRITTO, 1998).

C) Importância do Projeto para os contemplados

Essa categoria foi formada por 15,9% de todas as UCEs do *corpus*, sendo que, das 118 UCEs identificadas, emergiram duas subcategorias primárias e seis subcategorias secundárias representadas pela porcentagem de frequência dentro desta categoria (Quadro 9).

QUADRO 9 - Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 3 referente à análise de conteúdo, relacionada à Importância do Projeto para os contemplados

Categoria 3: Importância do Projeto para os contemplados				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	f	% Subtotal	% Total
Importância financeira	Trazer benefícios	32	27,0%	15,9%
	Fonte de renda	26	22,0%	
	Visibilidade	8	7,0%	
	Turismo	8	7,0%	
Aspectos culturais	Satisfação pessoal	24	20,0%	
	Desejo de resgatar a tradição de criar Curraleiro	20	17,0%	
Subtotal		118	100%	

As raças bovinas locais do Brasil, de maneira geral, possuem características únicas que devem ser preservadas para atender demandas futuras e evitar o desaparecimento das mesmas. A conservação dessas raças, especificamente do bovino Curraleiro Pé-Duro, é importante não somente do ponto de vista científico, cultural e histórico, mas também econômico em função da sua capacidade de adaptação às condições ambientalmente desfavoráveis ou adversas (CARVALHO, 1997; EGITO et al., 2002).

Na manifestação dos criadores beneficiados com o Projeto, a reintrodução do Curraleiro Pé-Duro representa uma alternativa sustentável de geração de renda (22,0%) com melhoria da qualidade de vida e manutenção da identidade das famílias. Mais do que isso, estão conscientes que o Projeto trouxe outros benefícios (27,0%) como o projeto promovido pela Universidade Federal de Goiás denominado Kalunga Cidadão, que disponibilizou atendimento diversos tais como assistência em saúde, jurídica, educacional, entre outros.

Vários parceiros contribuíram para o projeto, dentre eles a FUNAPE, Associação Kalunga de Cavalcante, Associação da Comunidade Kalunga, Prefeitura Municipal de Cavalcante, Universidade de Brasília, Embrapa – Cenargen, Instituto Federal Goiano e CNPq. Vários trabalhos científicos alusivos ao bovino Curraleiro Pé-Duro, tendo como pano de fundo a região dos Kalungas, foram publicados dando visibilidade (7,0%) às questões sociais enfrentadas pela comunidade.

Os criadores beneficiados acreditam, também, que o bovino Curraleiro Pé-Duro, por ser uma raça local ameaçada de extinção e por ser utilizada para tração - carro-de-boi, que é uma tradição nas festividades religiosas e manifestações culturais; pode servir de atrativo para os visitantes da região atraídos pela atividade turística (8,0%) em franco crescimento.

A criação de raças locais possui uma forte ligação com a cultura. Durante séculos as raças têm sido formadas por seleção natural e artificial, de acordo com as condições ambientais e as necessidades humanas (EGITO et al., 2002; MAUDET et al., 2002). Entretanto, os sistemas comerciais de produção convergem para padronizar o uso de umas poucas raças ou linhagens, que atendam principalmente a critérios econômicos de produtividade. Nesse cenário, o valioso patrimônio genético representado por raças bovinas brasileiras locais tende a desaparecer irremediavelmente.

Com os Kalungas também não foi diferente. Contam que os ancestrais criavam o Curraleiro Pé-Duro que gradativamente foi sendo substituído por zebuínos. Porém, está impregnado no imaginário coletivo da comunidade o desejo de resgatar a tradição de criar a mencionada raça (17,0%), bem como a satisfação pessoal em tê-la nas suas propriedades (20,0%).

D) Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto

Essa categoria foi formada por 13,2% de todas as UCEs do *corpus*, sendo que, das 98 UCEs identificadas, emergiram duas subcategorias primárias e cinco subcategorias secundárias representadas pela porcentagem de frequência dentro desta categoria (Quadro 10).

Na fala dos entrevistados, ficou evidente a influência da infraestrutura, tanto de responsabilidade do Estado, como da unidade de produção na consolidação do Projeto. As estradas mal conservadas e, em muitos casos a ausência das mesmas, dificultam o deslocamento (39,0%) dentro da comunidade. Percorrem grandes distâncias a pé ou a cavalo quando necessitam de algum tipo de assistência veterinária ou para deslocarem os animais por ocasião da vacinação oferecida pelos técnicos da Universidade Federal de Goiás (MOURA et al., 2011).

QUADRO 10 - Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 4 referente à análise de conteúdo, relacionada à Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto

Categoria 4: Influência da infraestrutura da região na consolidação do Projeto				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	f	% Subtotal	% Total
Infraestrutura da região de responsabilidade do Estado	Vias de acesso	38	39%	13,2%
	Energia elétrica	16	16,0%	
	Saúde	4	4,0%	
Infraestrutura da unidade de produção	Condições de moradia	20	20,5%	
	Aspectos sanitários	20	20,5%	
Subtotal		98	100%	

A qualidade de vida e o bem-estar de uma população podem ser analisados pelas condições de moradia (20,5%) e pela infraestrutura existente no local. BARRETO et al. (2006) considera que o aspecto físico e sanitário (20,5%) da moradia sintetiza um importante elemento social, pois representa um lugar de proteção, humanização e socialização, onde as pessoas passam boa parte de suas vidas, influenciando diretamente na realização de seus projetos.

Todos os contemplados possuem currais em suas propriedades, porém oferecem riscos de acidente tanto para o criador como para o animal. Com exceção da Comunidade do Engenho II, as demais comunidades não possuem energia elétrica (16,0%) dificultando o preparo de silagem para alimentar o bovino na época da seca. Apesar das dificuldades que ainda vivenciam, como falta de água encanada em muitas residências; falta de atendimento médico e odontológico nas comunidades (4,0%); vias de difícil acesso e transporte escasso muitos moradores das comunidades ainda preferem viver na região. Percebem a paisagem de forma muito afetiva, sentindo-a como algo necessário, algo que sempre fez parte de suas vidas, tanto em seu aspecto material, no que diz respeito ao espaço rural e ao sustento que vem do cultivo da terra, quanto em seu aspecto imaterial e simbólico.

E) Ser Kalunga

Essa categoria foi formada por 13,2% de todas as UCEs do *corpus*, sendo que, das 98 UCEs identificadas, emergiram duas subcategorias primárias e três subcategorias secundárias representadas pela porcentagem de frequência dentro desta categoria (Quadro 11).

QUADRO 11 - Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 5 referente à análise de conteúdo, relacionada a Ser Kalunga

Categoria 5: Ser Kalunga				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	f	% Subtotal	% Total
Aspectos culturais	Manter a tradição	52	53,0%	13,2%
	Valorização da terra	10	10,0%	
Dificuldades dos remanescentes de quilombo	Perpetuação do sofrimento	36	37,0%	
Subtotal		98	100%	

Nas entrevistas, algumas questões norteadoras eram mencionadas com o intuito de instigar o investigado a falar sobre o objeto de pesquisa. Nenhuma dessas, porém, abordava o sentimento dos entrevistados no tocante a sua identidade Kalunga. Todavia, a análise de conteúdo deve respeitar o que foi dito e 98 UCEs relacionadas a esse assunto surgiram naturalmente.

A identificação como Kalunga para alguns dos entrevistados, antes do reconhecimento do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga era usada em sentido pejorativo e esses não gostavam de serem identificados dessa forma. Eram reconhecidos pelos agrupamentos de origem: Contenda, Vão do Moleque, Vão de Almas etc. Esse mal-estar começou a ser superado com o entendimento de que, para ter acesso a alguns bens da sociedade envolvente e lutar pela terra, a identificação enquanto Kalunga fazia sentido e tinha importância (BAIOCCHI, 2006).

No entanto, os entrevistados se mostraram muito orgulhosos e, sobretudo, satisfeitos com o estilo de vida que levam. Defendem a importância da manutenção da tradição (53,0%) para perpetuarem a cultura local e o

fortalecimento de sua identidade. Valorizam a terra (10,0%) como bem sagrados e formador de uma identidade étnica (GARAVELLO, 2008; SANTOS, 2010). Não obstante, defendem a necessidade de modernização em alguns aspectos da comunidade uma vez que, na sua maioria, encontram-se em situação de vulnerabilidade social.

F) Sistema de manejo

Essa categoria foi formada por 11,6% de todas as UCEs do *corpus*, sendo que, das 86 UCEs identificadas, emergiram duas subcategorias primárias e seis subcategorias secundárias representadas pela porcentagem de frequência dentro desta categoria (Quadro 12).

QUADRO 12 - Frequência e porcentagem das UCEs nas subcategorias da categoria 6 referente à análise de conteúdo, relacionada ao Sistema de manejo

Categoria 6: Sistema de manejo				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	f	% Subtotal	% Total
Manejo sanitário	Vacinação contra manqueira	18	21,0%	11,6%
	Vacinação contra aftosa	14	16,0%	
	Vacinação contra brucelose	10	11,5%	
	Suplementação mineral	10	11,5%	
	Vacinação contra raiva	6	7,0%	
Utilização dos saberes locais	Desverminação	28	33,0%	
Subtotal		86	100%	

Os entrevistados manifestaram dificuldade em controlar a situação sanitária dos animais oriundos do Projeto. Os maiores problemas mencionados estão relacionados à intoxicação alimentar, principalmente pela ingestão de plantas tóxicas. Em decorrência das visitas dos alunos, técnicos e pesquisadores da Universidade Federal de Goiás e, ainda, da realização de cursos teóricos e práticos, em parceria com o Instituto Federal Goiano, os criadores contemplados estão vacinando o gado contra as principais doenças.

As vacinas de uso em veterinária são importantes para a saúde e bem-estar animal, melhoram a eficiência da produção de alimentos e atuam em saúde pública por meio da prevenção da transmissão de zoonoses e de doenças transmitidas por alimentos (ROTH, 2011). No entanto, sozinhas não são eficientes. Para controlar e erradicar uma doença são necessárias ações conjuntas de manejo, saneamento ambiental, educação sanitária, quimioterapia profilática, vigilância epidemiológica e viabilidade de diagnóstico. São também necessárias infraestrutura adequada e recursos financeiros para que o controle das doenças seja efetivo, o que os criadores não estão conseguindo (THRUSFIELD, 2004).

Mesmo assim, para os contemplados com o Projeto, o bovino Curraleiro Pé-Duro apresenta grande potencial de utilização, pois além de fornecer carne, leite e animais de trabalho, apresenta baixo custo de produção e carne saborosa (SANTIN, 2008).

3.2. Resultados e discussão do polo de análise II

A avaliação de resultados é o processo de análise e interpretação sistemática e objetiva do grau de obtenção dos resultados previstos no projeto, suas razões e consequências. A finalidade principal da avaliação é o aperfeiçoamento contínuo do projeto (SEBRAE, 2009).

3.2.1 Avaliação dos objetivos

O Projeto teve como objetivo geral a preservação e utilização do bovino Curraleiro Pé-Duro e os seguintes objetivos específicos, metas e resultados esperados.

Os objetivos específicos estão listados a seguir:

- Reintrodução gradual de animais da raça Curraleiro Pé-Duro, machos e fêmeas, nas propriedades Kalungas;

- Estabelecimento de um Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga;
- Caracterização do sistema local de produção bovina;
- Estabelecimento das tecnologias apropriadas para região, para a criação e manejo de bovinos, considerando os conhecimentos tradicionais da comunidade Kalunga;
- Reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção;
- Determinar índices produtivos e reprodutivos bem como parâmetros genéticos e fenotípicos dos bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro.

A característica principal de uma avaliação centrada em objetivos é o fato de que os propósitos de uma atividade são especificados e a avaliação concentra-se na medida em que esses propósitos foram alcançados. Sendo assim, passa-se a demonstrar situações em que seja possível mostrar que os objetivos foram alcançados ou não (Quadro 13). Para tanto, utilizou-se da gradação de atendimento do objetivo em: baixa; média e alta.

QUADRO 13 - Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Reintrodução gradual de animais da raça Curraleiro Pé-Duro, machos e fêmeas, nas propriedades Kalungas

Objetivo específico	Reintrodução gradual de animais da raça Curraleiro Pé-Duro, machos e fêmeas, nas propriedades Kalungas
Perguntas de avaliação	Em que medida os animais da raça Curraleiro Pé-Duro foram introduzidos nas propriedades Kalungas?
Indicadores quantitativos	Número de famílias contempladas
	Evolução do rebanho
Fontes de informação	Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI
	Coordenadores do Projeto
Forma de coleta de dados	Análise documental
	Entrevista
Periodicidade	<i>Post-facto</i>

De acordo com o Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI, em julho de 2007, 86 bovinos, machos e fêmeas de diversas idades foram divididos em lotes e destinados a dez famílias (Figura 1). Em julho de 2008, houve a expansão do projeto com o aporte de 73 animais, perfazendo um total de 159 animais. Parte desses animais foi destinada a reposição dos lotes distribuídos em 2007 e o

restante destinado a mais sete famílias. Portanto, esse objetivo específico foi contemplado com gradação alta.



FIGURA 1 - Solenidade de entrega dos lotes de animais (A, B, C). Bovino Curraleiro Pé-Duro encaminhado às famílias da Comunidade Kalunga (D) – Cavalcante-GO, junho/2007

Fonte: Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI

Analisar a dinâmica do rebanho bovino passa a ser fundamental para a gerência de um sistema extensivo de produção de gado de corte. Tomando como parâmetro a "Planilha eletrônica para avaliação de decisões na bovinocultura de corte" elaborada pela Embrapa Gado de Corte e, classificando os animais adquiridos nas seguintes categorias: touros, machos com mais de quatro anos, machos de três a quatro anos, machos de dois a três anos, machos de um a dois anos, bezerros, bezerras, fêmeas de um a dois anos, fêmeas de dois a três anos, fêmeas de três a quatro anos e, fêmeas com mais de quatro anos; obtém-se uma projeção de inventário final de 225 animais, conforme gráfico abaixo (Figura 2) (FIORAVANTI et al., 2012).

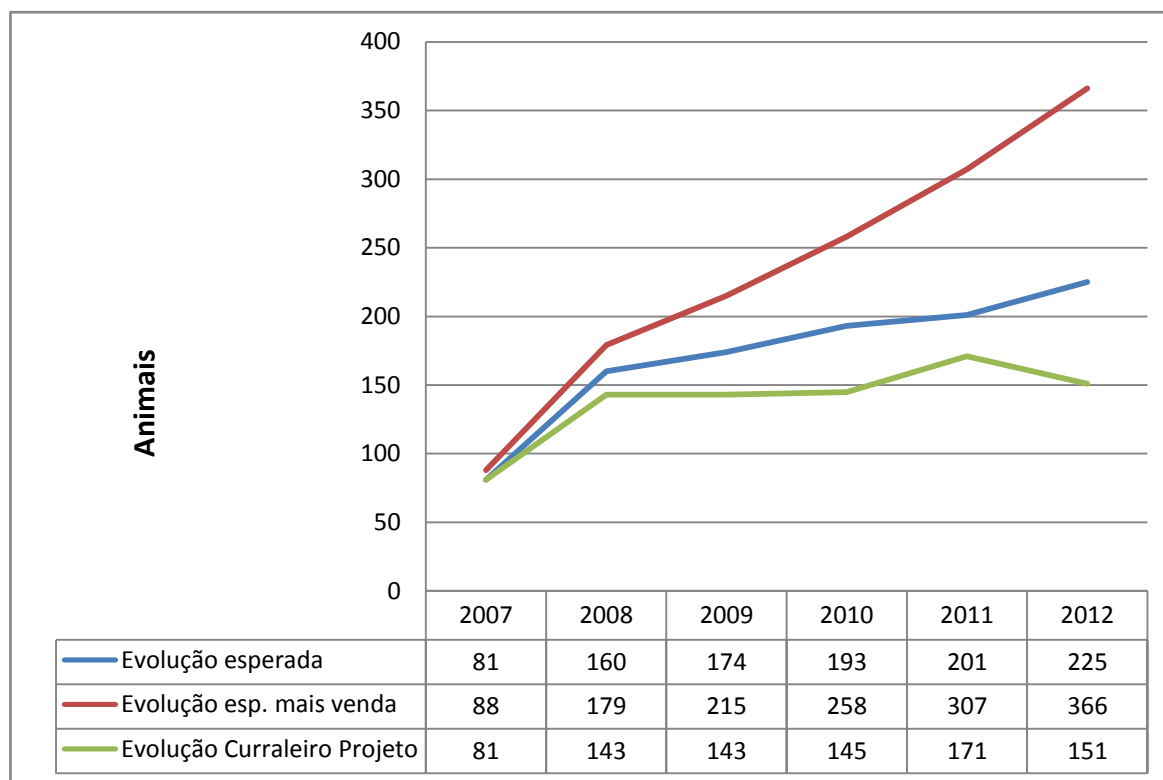


FIGURA 2 - Evolução do rebanho Curraleiro Pé-Duro reintroduzido no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga – Município de Cavalcante - GO

O Projeto reintroduziu 159 animais no biênio 2007/2008. Em 2012 havia 151 animais, demonstrando que o rebanho decresceu. O Projeto previa um esquema de divisão anual da produção. Levando-se em conta que foram contempladas 17 famílias com uma média de sete animais, em nível de ideal, haveria 225 animais. Desses, 74 poderiam contemplar mais dez famílias. A Planilha eletrônica elaborada pela Embrapa Gado de Corte, prevê a venda, anual, de animais machos com mais de quatro anos de idade e o descarte de fêmeas e reprodutores. Computando esses números, em nível de projeção, caso não houvesse o descarte, haveria 366 animais. Levando-se em conta que no cronograma de execução previa a aquisição de no mínimo 150 animais e a reintrodução de bovino dessa raça em pelo menos oito pequenas propriedades quilombolas, esse objetivo específico, em termos absolutos, foi contemplado com gradação alta.

O Núcleo de Criação do Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga foi implantado na Fazenda Santo Estevão, localizada

a aproximadamente 5km da Capela do Vão do Moleque, município de Cavalcante-GO. O Núcleo funcionou como local de capacitação dos produtores, onde foram realizados cursos de profissionalização, reuniões e onde se localizou o primeiro lote de animais. Em virtude da reduzida disponibilidade orçamentária, a única benfeitoria executada foi a construção de 4 Km de cerca (Quadro 14).

QUADRO 14 - Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Estabelecimento de um Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga

Objetivo específico	Estabelecimento de um Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga
Perguntas de avaliação	O Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro foi estabelecido?
Indicadores quantitativos	Núcleo estabelecido
Fontes de informação	Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI
	Coordenadores do Projeto
Forma de coleta de dados	Análise documental
	Entrevista
Periodicidade	<i>Post-facto</i>

Para melhor funcionamento, seriam necessárias reformas na casa para possibilitar a acomodação de pesquisadores; a realização futura dos cursos e finalmente a consolidação do local como centro de difusão das tecnologias apropriadas para a região (MOURA et al., 2011). Em 2011 optou-se pela extinção do núcleo em função da alta taxa de mortalidade de bovinos no núcleo. Os animais que restaram foram redistribuição entre as famílias. Portanto, esse objetivo específico foi contemplado com gradação baixa.

Em 2009, defendeu-se uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, onde realizou-se uma pesquisa que caracterizou o sistema local de produção bovina. Esta pesquisa demonstrou que há uma diversificação no sistema de produção animal, onde 27,8% dos estabelecimentos contam com criação de galinhas, bovinos e suínos, 44,4% criam galinhas e bovinos, 22,2 % criam apenas bovinos e 5,6% criam somente galinhas. A pesquisa demonstrou que o sistema de criação de bovinos na região teve um impacto positivo com o Projeto. Do total dos entrevistados, 17

(94,4%) criavam bovinos em suas propriedades e desses, nove (50%) foram em função do Projeto (NEIVA, 2009) (Quadro 15).

QUADRO 15 - Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico:
Caracterização do sistema local de produção bovina

Objetivo específico	Caracterização do sistema local de produção bovina
Perguntas de avaliação	Realizou-se a caracterização do sistema local de produção bovina?
Indicadores quantitativos	Publicação da caracterização do sistema local de produção bovina
Fontes de informação	Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI
	Coordenadores do Projeto
Forma de coleta de dados	Análise documental
	Entrevista
Periodicidade	<i>Post-facto</i>

Quanto às instalações, a pesquisa demonstrou serem bastante rústicas (Figura 3), com currais feitos pelos próprios moradores que utilizam os materiais disponíveis na região e o manejo dos animais normalmente é feito pelo chefe da família com a ajuda da esposa e dos filhos.



FIGURA 3 - Estrutura de currais utilizados para o manejo do bovino Curraleiro Pé-Duro na comunidade Kalunga

Observou-se, também, que a criação de bovinos na comunidade tem duplo propósito: criação de vacas para produção de leite e produção de bezerros para geração de renda. O leite é consumido pela família, especialmente na época

das águas. Os bezerros, normalmente, são vendidos ou trocados na região (NEIVA, 2009). Portanto, esse objetivo específico foi contemplado com gradação alta.

Algumas iniciativas foram realizadas com o intuito de levantar os conhecimentos tradicionais dos Kalungas sobre tecnologias apropriadas para região para a criação e manejo de bovinos, bem como comprová-los cientificamente. Os trabalhos ainda encontram-se em fase de levantamento de dados. Logo, esse objetivo específico não foi contemplado (Quadro 16).

QUADRO 16 - Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Estabelecimento das tecnologias apropriadas para região, para a criação e manejo de bovinos, considerando os conhecimentos tradicionais da comunidade Kalunga

Objetivo específico	Estabelecimento das tecnologias apropriadas para região, para a criação e manejo de bovinos, considerando os conhecimentos tradicionais da comunidade Kalunga
Perguntas de avaliação	Estabeleceu-se tecnologias apropriadas para região, para a criação e manejo de bovinos, considerando os conhecimentos tradicionais da comunidade Kalunga?
Indicadores quantitativos	Publicação de manual técnico sobre tecnologias apropriadas para região, para a criação e manejo de bovinos, considerando os conhecimentos tradicionais da comunidade Kalunga
Fontes de informação	Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI
	Coordenadores do Projeto
Forma de coleta de dados	Análise documental
	Entrevista
Periodicidade	<i>Post-facto</i>

Para o objetivo: Reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção (Quadro 17), a única ação implementada foi a alocação de alguns bovinos para este núcleo. Em junho de 2007, foram destinados à Fazenda Trijunção um reprodutor e cinco vacas paridas. Porém a Fazenda Trijunção exerceu uma importância fundamental na execução do Projeto. Em julho de 2008, em decorrência de uma doação realizada pela

referida fazenda, foram reintroduzidos mais 73 bovinos, 39 da raça Curraleiro Pé-Duro e 34 cruzados Curraleiro X Caracu. Essa ação possibilitou a expansão do Projeto, uma vez que os animais foram encaminhados ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, para reposição em alguns lotes (famílias que perderam animais) e inclusão de sete novas famílias no projeto (MOURA et al., 2011). Portanto, esse objetivo específico foi contemplado com gradação média.

QUADRO 17 - Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção

Objetivo específico	Reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção
Perguntas de avaliação	Houve a reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção?
Indicadores quantitativos	Estação Experimental
Fontes de informação	Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI
	Coordenadores do Projeto
Forma de coleta de dados	Análise documental
	Entrevista
Periodicidade	<i>Post-facto</i>

Com a criação de uma Estação Experimental de Estudo do Gado Curraleiro (EEEC), em 2001, após convênio firmado entre a UFG e as Fazendas Trijunção, foi possível implantar um núcleo de conservação, com animais adquiridos de rebanhos localizados em Goiás (Brasília, Goiânia e São Miguel do Araguaia) e Tocantins (Gurupi). Foi realizada a morfometria e caracterização fenotípica desse rebanho fundador, em 138 animais (101 fêmeas e 37 machos). Logo, esse objetivo específico foi contemplado com gradação alta (Quadro 18).

QUADRO 18 - Matriz de avaliação de resultados do objetivo específico: Determinar índices produtivos e reprodutivos bem como parâmetros genéticos e fenotípicos dos bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro

Objetivo específico	Determinar índices produtivos e reprodutivos bem como parâmetros genéticos e fenotípicos dos bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro
Perguntas de avaliação	Houve a determinação dos índices produtivos e reprodutivos bem como parâmetros genéticos e fenotípicos dos bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro?
Indicadores quantitativos	Dados de produção e reprodução, no mínimo cinco parâmetros para cada Núcleo/Estação
Fontes de informação	Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI
	Coordenadores do Projeto
Forma de coleta de dados	Análise documental
	Entrevista
Periodicidade	<i>post-facto</i>

3.2.2 Avaliação das metas

Foram estabelecidas três metas:

- META 1 - Estabelecimento de um Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga;
- META 2 - Reestruturação da Estação Experimental de Estudos do Gado Curraleiro Pé-Duro na Fazenda Trijunção;
- META 3 - Caracterização produtiva e reprodutiva do Curraleiro Pé-Duro mantidos em pastagens naturais.

A META 1 foi alcançada. O Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro foi implantado na Fazenda Santo Estevão, localizada a aproximadamente 5 km da Capela do Vão do Moleque e deveria funcionar como local de estabelecimento e difusão das técnicas de criação animal para a região e capacitação dos produtores (FIORAVANTI et al., 2008). Porém, em função da alta taxa de mortalidade no núcleo, optou-se por sua extinção em 2011, com a redistribuição dos animais que restaram entre as famílias. Como citado na análise dos objetivos, as METAS 2 e 3 foram alcançadas com êxito.

3.2.3 Avaliação dos resultados esperados

Os resultados esperados pelo projeto estão listados a seguir:

- Estabilizar o número de animais, evitando a sua extinção;
- Estabelecer um Núcleo de Criação de Curraleiro Pé-Duro no Sítio do Patrimônio Histórico e Reserva Cultural Kaluga;
- Fortalecer o Núcleo de Criação de bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro;
- Determinar os índices produtivos e reprodutivos dos animais Curraleiro Pé-Duro mantidos em pastagens naturais.

A) Estabilizar o número de animais, evitando a sua extinção

Esse resultado foi alcançado. O Projeto inseriu nos anos de 2007/2008, 159 animais. Porém no período de 2007 a 2012 foram registradas mortes bem acima do natural. Este resultado foi alcançado, porém ele poderia apresentar melhores impactos se reduzidos os índices de mortalidade. O bovino Curraleiro Pé-Duro é típico dos sertões do Brasil. Essa raça formou-se em regime de criação extensiva, praticamente sem cuidados sanitários e de alimentação, resultando em animais rústicos, constituindo um importante patrimônio genético do país, que se encontra ameaçado de extinção (FIORAVANTI et al., 2008; NEIVA, 2009; MOURA et al., 2011, FIORAVANTI et al., 2012).

O estabelecimento e manutenção de uma raça em processo de extinção apresenta-se como uma importante ação tendo em vista o recurso genético animal a ser conservado. Segundo SALLES et al. (2011) o bovino Curraleiro Pé-Duro é a primeira raça bovina a ser efetivamente formada nesse país a partir de raças portuguesas trazidas pelos colonizadores no século XV. Devido à sua importância socioeconômica e ao seu potencial para produção de carne, justifica-se o seu melhoramento e disseminação, principalmente para a região semiárida brasileira, onde é considerado patrimônio histórico e cultural, por ter sido decisivo para o povoamento da região.

Em dezembro de 2012 a Portaria 1.150, do Ministério da Agricultura reconheceu o bovino Curraleiro Pé-Duro como raça brasileira. O título autoriza a associação de criadores, que fica em Teresina, a efetuar os registros

genealógicos desses animais (BRASIL, 2012). O bovino Curraleiro Pé-Duro é considerado um animal de pequeno porte, rústicos e que se adapta bem a pastagens de baixa qualidade. É um gado que há séculos vem se adaptando às condições climáticas do país.

B) Estabelecer um Núcleo de Criação de Curraleiro no Sítio do Patrimônio Histórico e Reserva Cultural Kalunga

Apesar do Núcleo de Criação ter sido criado, apenas algumas ações iniciais foram feitas, tal como citado no objetivo três. Com isso, considera-se que este resultado não foi alcançado, necessitando ainda reformas na casa para possibilitar a acomodação de pesquisadores visando a realização futura dos cursos de qualificação dos criadores e, finalmente, a consolidação do local como centro de difusão das tecnologias apropriadas para a região. Em decorrência da ausência de aportes financeiros e da alta taxa de mortalidade no núcleo, o mesmo foi desativado em 2011.

C) Fortalecer o Núcleo de Criação de bovinos da raça Curraleiro

Como mencionado no parágrafo anterior, o Núcleo necessita de investimentos para que possa realmente se firmar como centro de difusão de tecnologias para a região.

D) Determinar os índices produtivos e reprodutivos dos animais Curraleiros mantidos em pastagens naturais

Este resultado também foi alcançado, sendo sua análise apresentada no objetivo seis.

4 Considerações finais

As ciências sociais sempre estiveram presentes nas universidades, entre outras ocorrências, pelo papel que lhes cabe na educação geral e na formação de professores, além da formação especializada nas diversas áreas do conhecimento. Essas passam a se comportar e ser avaliadas cada vez mais como as ciências naturais. Além disto, na medida em que aumenta a percepção de sua importância prática, em temas tão vastos como: conflitos étnicos, mobilidade social, minorias sociais, estigmatização, discriminação, desemprego, família, violência, sistemas urbanos, valores, recursos humanos, direitos humanos etc., elas começam a receber, também, apoio de instituições de pesquisa e desenvolvimento.

O prestígio e dominância das ciências naturais faz com que as ciências sociais procurem se organizar conforme as práticas das ciências naturais, não significando a obtenção, necessariamente, de resultados semelhantes uma vez que dentro de um mesmo tema, o objeto de estudo das ciências mencionadas, geralmente, não é o mesmo e nem tão pouco a abordagem. Importa-se, acima de tudo, é que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para elucidação do real.

As ciências sociais continuam na pauta da plausibilidade enquanto conhecimento científico. Os resultados de pesquisas sociais, certamente, são e serão impregnados por interpretações pessoais do pesquisador, assim como também ocorre com os trabalhos de teor das pesquisas naturais, simplesmente pelo fato de os conteúdos pessoais do observador não poderem ser eliminados, pois ele é, como sujeito conhecedor, eixo configuracional do conhecimento desenvolvido.

Reconhece-se assim, a importância da discussão a respeito do *status* “científico” das ciências sociais na formação profissional, principalmente, em uma academia com vieses predominantemente positivista. Este trabalho, em momento algum, quis valorar as ciências sociais em detrimento das naturais e vice-versa, mas tão pouco demonstrar que o labor científico caminha em direções várias na elaboração de suas teorias, seus métodos e seus princípios, com vistas ao estabelecimento de resultados. Porém, historicamente, esses caminhos têm

demonstrado que isso não é algo estanque, mas que inventa e ratifica essas trajetórias, abandona certas vias e encaminha-se para outras direções. Permanece a certeza de que o conhecimento é algo aproximado e construído.

Fica o reconhecimento da diversidade cultural, deixando a autoridade única do pesquisador para reconhecer a diversidade descritiva da vida e da cultura. Porém, não há como deixar de admitir que a experimentação representa uma das mais notáveis contribuições ao desenvolvimento da ciência. Logo, defende-se uma postura do investigador das ciências factuais embasada em um quadro teórico específico que lhe sirva de apoio para o estudo. Reconhece-se, assim, a pouca importância da separação entre as abordagens quantitativa e qualitativa na pesquisa científica, acreditando na compatibilidade entre esses dois focos metodológicos.

Para corroborar esse posicionamento, cita-se como argumento os resultados desta pesquisa baseados nas técnicas da análise de conteúdo. As categorias suscitadas, provavelmente seriam abrangidas, tanto em uma pesquisa quantitativa como em uma qualitativa. Porém, a percepção por parte dos contemplados de que o Projeto deu visibilidade à comunidade Kalunga, dificilmente seria contemplada em uma pesquisa quantitativa.

No que diz respeito à escolha das técnicas de análise de dados de pesquisa, múltiplas escolhas podem ser feitas e, em alguns casos, devem ser múltiplas para que se proporcione uma aproximação mais adequada ou abrangente ao tema a ser estudado. A análise dos dados realizada neste trabalho, mediante o conjunto de técnicas de análise de conteúdo, conforme modelo de Bardin, mostrou-se eficaz como ferramenta de avaliação e contribuiu para subsidiar o planejamento e formulação de intervenções necessárias no Projeto.

Quanto aos desafios dessa técnica de análise de conteúdo, ficou evidenciado que estes são contínuos. Porém, a sua potencialidade é certa, desde que os pesquisadores trabalhem com o método de forma coerente, ética, reflexiva, flexível e crítica, além de considerarem seriamente o contexto e a história nos quais a pesquisa se insere. Reitera-se, portanto, a análise de conteúdo como técnica de análise de dados rica, importante e com grande potencial para o desenvolvimento teórico no campo das ciências naturais, principalmente nos estudos com abordagem qualitativa.

Por fim, o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro teve uma avaliação muito positiva por parte dos criadores, mesmo esses apresentando muitas dificuldades para consolidarem-no. Em relação à avaliação de resultados, dos seis objetivos específicos, quatro foram alcançados com gradação alta; um com gradação média e, somente um, não foi contemplado. As três metas foram atingidas e dois resultados esperados não se consolidaram, sugerindo a uma avaliação positiva do Projeto.

Referências

1. ABRAMOVAY, R. Estratégias alternativas para a extensão rural e suas conseqüências para os processos de avaliação. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, 155, 2007, Londrina. **Anais...**Londrina: Sober, 2007.
2. ARMANI, D. **Como elaborar projetos?** Guia prático para a elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2003. 78 p.
3. ASSUMPÇÃO, J. J; CAMPOS, L. M. S. Avaliação de projetos sociais em ONGs da Grande Florianópolis: um estudo sobre modelos relacionados ao foco de atuação. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 209-249, 2011.
4. BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga**: povo da terra. Goiânia: UFG, 2006. 132 p.
5. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010. 281 p.
6. BARRETO, J. N. **Implantação de infraestrutura habitacional em comunidades tradicionais**: o caso da comunidade quilombola Kalunga. 2006. 107f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

7. BATALHA, M. O.; MARCHESINI, M. M. P.; COSTA, M. A. B. da; BERGAMASCHI, M. C. M.; RINALDI, R. M.; MOURA, T. L. de. **Recursos humanos para o agronegócio brasileiro**. Jaboticabal: Novos Talentos, 2005. 320 p.
8. BRACAGIOLI NETO, A. GEHLEN, I. OLIVEIRA, V. L. **Planejamento e gestão de projetos para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 82 p.
9. BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Portaria 1.150, de 17 de dezembro de 2012. Reconhece a raça de bovinos denominada Curraleiro Pé-Duro e estabelece outras medidas para sua conservação. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 dez. 2012. Seção 1, Edição 242, p. 2.
10. BRITTO, C. do M. de C. **Citogenética do gado Pé-Duro**. Teresina: EDUFPI, 1998, 94p.
11. CARVALHO, J. H. de. **Potencial econômico do bovino Pé-Duro**. n. 26, 1997, p. 1-3, Embrapa Meio Norte. Teresina (Documentos).
12. CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J., et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2008. 464 p.
13. EGITO, A. A.; MARIANTE, A. S.; ALBUQUERQUE, M. S. M. Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos Animais. **Archivos de Zootecnia**, Córdoba, v. 51, p. 39-52, 2002.
14. EGITO, A. A.; PAIVA, S. R.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; MARIANTE, A. S.; ALMEIDA, L. D.; CASTRO, S. R.; GRATTAPAGLIA, D. Microsatellite based genetic diversity and relationships among ten Creole and commercial cattle breeds raised in Brazil. **BMC Genetics**, London, v. 8, n. 83, p. 1-14, 2007.

- 15.FIORAVANTI, M. C. S.; SERENO, J. R. B.; NEIVA, A. C. G. R.; ABUD, L. J.; LOBO, J. R.; ANDRADE, D. F.; CARDOSO, W. S.; SILVA, F. X. da; MACHADO, J. R. L. Reintrodução do gado Curraleiro na comunidade quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: resultados parciais. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE SAVANAS TROPICAIS E II SIMPÓSIO NACIONAL DO CERRADO, 2008, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: EMBRAPA, 2008.

- 16.FIORAVANTI, M. C. S.; NEIVA, A. C. G. R., MOURA, M. I.; COSTA, F. O.; MONTEIRO, E. P.; SERENO, J. R. B. **Kalungas e Curraleiro Pé-Duro: o resgate de uma tradição.** **Revista UFG**, Goiânia, v.1, n. 13, p. 100-112, 2012.

- 17.GARAVELLO, M. E. P. E. Artesanía con fibra de banano en la perspectiva de la multifuncionalidad en comunidades quilombolas. **Interciencia**, Caracas, v. 33, n. 1, p. 34-40, 2008.

- 18.KENDAL, J.; KNAPP, M.; FORDER, J. Social care and the nonprofit sector in the western developed world. In: POWELL, W. W.; ESTEINBERG, R. **The nonprofit sector: a research handbook.** 2. ed. Yale: Yale University Press New Haven & London, 2006. p. 415-431.

- 19.LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Metodologia de trabalho científico.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004. 243 p.

- 20.MAUDET, C.; LUIKSRT, G.; TABERLET, P. Genetic diversity and assgntment tests among seven French cattle breeds based on microsatellites DNA analysis. **Journal of Animal Science**, Champaign, v. 80, p. 942-949, 2002.

- 21.MELO, T. V.; TAQUES, A. L. Perfil do produtor de leite da região de Fátima do Sul- MS. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 46, 2009, Maringá. **Anais....** UEM: Maringá, 2009.

- 22.MIRANDA, C.; COSTA, C.; BUAINAIN, A. M.; GUANZIROLI, C.; MELO, C. H.; NEDER, M. H.; SOUSA FILHO, H. M.; SILVEIRA, M. J. S.; BATALHA, M. O.; ARRECH, M.; ARTES, R. **Ações de combate à pobreza rural: metodologia para avaliação de impactos**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2007. 225 p.
- 23.MOURA, M. I.; TORRES, T. F.; MONTEIRO, E. P.; NEIVA, A. C. G. R.; CARDOSO, W. S.; FIORAVANTI, M. C. S. Evolução de um rebanho de bovino Curraleiro reintroduzido em cerrado nativo na região norte do Estado de Goiás, Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservacion Animal**, Córdoba, v. 1, p. 123-126, 2011.
- 24.NEIVA, A. C. G. R. **Caracterização socioeconômica da comunidade quilombola Kalunga e proposta de reintrodução do bovino Curraleiro como alternativa de geração de renda**. 2009. 138f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- 25.OLIVEIRA, V. L. **A impossível simetria: distinção, interdependência e poder na relação entre agricultores e ecologistas e mediadores sociais**. 2004. 94f. Dissertação (Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- 26.PALMEIRA, F. B. **Predação de bovinos por onças no norte do Estado de Goiás**. 2004. 65f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas) - Escola Superior de Agricultura, Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- 27.PELÁ M.; CASTILHO, D. (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2010. 182 p.
- 28.PEREIRA N. A.; PEREIRA S. M. N. Contribuição ao estudo de plantas tóxicas e seus antagonistas: erva de rato, a Rubiaceae *Palicourea marcgravii*, ST. Hill. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 86, n. 3, p. 109-111, 2005.

29. RAMOS, C. E. C. O.; DAMASCENO, J. C.; MARTINS, E. N.; PREVIDELLI, I. T. S.; SANTANA, R. G.; SANTOS FILHO, J. C.; BONDENMÜLLER FILHO A. A. gestão do rebanho e da reprodução e os perfis funcionais de propriedades leiteiras na região do pró-AMUSEP, Paraná. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 46, 2009, Maringá. **Anais...** UEM: Maringá, 2009.
30. ROTH, J. A. Veterinary vaccines and their importance to animal health and public health. **Procedia in Vaccinology**, Netherlands, v. 5, p. 127-136, 2011.
31. SALLES, P. A.; MEDEIROS, G. R.; COSTA, R. G.; RAMOS, C. T. C.; BORBUREMOA, J. B.; OLIVEIRA, M. J.; ROCHA, L. L. T.; WELLER, M. Programa de conservação e melhoramento de uma raça brasileira: Curraleiro(Pé-Duro). **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal**, Córdoba, v. 1, p. 453-456, 2011.
32. SANTIN, A. P. I. **Perfil sanitário de bovinos da raça Curraleiro frente a enfermidades de importância econômica**. 2008. 78 f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
33. SANTOS, Y. L. Escravidão, moradia e resistência. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates**, 2010, Puesto en línea el 10 enero 2010. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/58448>. Acesso em: 25 maio 2010.
34. SANTOS, C. C.; VOGEL, F. S. F. Resistência do carrapato *Rhipicephalus (Boophilus) micropulus* frente ao amitraz e cipermetrina em rebanhos bovinos no Rio Grande do Sul de 2005 a 2011. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, Lisboa, v. 111, n. 581-582, p. 121-124, 2012.
35. SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Gestão estratégica orientada para resultados**. Brasília DF: Gráfica Sebrae, 2009.

- 36.SERODIO, J. J. **Resistência das raças Nelore, Curraleiro-Pé-Duro e Panteneiro a intoxicação experimental por *Palicourea marcgravii* A. ST. Hil.** 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia.
- 37.THRUSFIELD, M. **Epidemiologia veterinária.** 2 ed., São Paulo: Roca, 2004. 556p.
- 38.XAVIER, C. M. S. **Gerenciamento de projetos:** como definir e controlar o escopo do projeto. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 255 p.

CAPÍTULO 4

A PESQUISA-AÇÃO COMO SUPORTE METODOLÓGICO PARA O PROJETO ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE NÚCLEOS DE CRIAÇÃO DE GADO CURRALEIRO

Resumo

Objetivou-se neste trabalho analisar a pesquisa-ação participativa como ferramenta capaz de minimizar as dificuldades encontradas pelos contemplados com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro Pé-Duro, bem como verificar a indissociabilidade entre pesquisa e a ação extensionista. Utilizaram-se duas metodologias: os processos de pesquisa-ação em campo e o método de estudo de caso, empregado para contar a história do Projeto e de seus resultados. As informações foram coletadas por meio da realização de Diagnóstico Rápido e Dialogado e permitiu levantar as informações a respeito do Projeto. A partir do diagnóstico, foram identificados os problemas e estabelecidas às possibilidades de diversas ações para solucioná-los. O grupo optou por qualificar os 17 contemplados, oferecendo três Cursos de Formação Inicial e Continuada: manejo prático de gado de corte; formação e manejo de pastagem e produção de artefatos em couro. Além disso, defendeu-se o agendamento de visita de uma equipe técnica multidisciplinar, semestralmente, para prestar assistência técnica e assessoria ao projeto. Deliberou-se, ainda, que ações seriam envidadas no sentido de conseguir patrocínio para a aquisição de arame para a construção de cercas e sal mineral. A execução da pesquisa-ação permitiu a identificação de uma série de fragilidades e limitações existentes na comunidades Kalungas. As ações foram coerentes com as necessidades e a efetivação da pesquisa, destacando que a pesquisa-ação pode colaborar como suporte na ação extensionista e na execução de projetos de desenvolvimento rural. Por fim, defendeu-se que a pesquisa-ação tem qualidade suficiente para ser inserida na academia.

Palavras-chave: ação extensionista, capacitação, comunidade quilombola, Kalungas, projetos de desenvolvimento rural

ACTION-RESEARCH AS METHODOLOGICAL SUPPORT FOR THE “ESTABLISHMENT AND MAINTENANCE OF CORRALLED CATTLE RAISING NUCLEI” PROJECT

Abstract

This study aimed at analyzing the participatory action-research as an appropriate tool to minimize the difficulties faced by the participants in the “Establishment and Maintenance of *Pé-Duro* Corralled Cattle Raising Nuclei” Project, as well as verifying the indissociability of research and extensionist action. Two methodologies were applied: the processes of field action-research and the case study method, employed to tell the story of the project and its results. Information was collected through the conduction of Quick and Dialogued Diagnosis, which enabled the gathering of information on the Project. In view of the diagnosis, problems were identified and several possible actions to solve them were established. The group decided to qualify all 17 participants, by offering three Initial and Continuous Training Courses: practical management of beef cattle; formation and management of pasture and production of leather goods. Moreover, the scheduling of a semi-annual visit from a multidisciplinary technical team to render technical assistance and advisement to the project was advocated. It was also decided that actions would be adopted in order to obtain financial support to purchase mineral salt and wire for the construction of fences. The conduction of action-research enabled the identification of a number of weaknesses and limitations existing within *Kalunga* communities. The actions were consistent with the necessities and the accomplishment of the research, and stressed that action-research can contribute as a support to the extensionist action and the execution of rural development projects. Finally, it was argued that action-research has quality enough to be inserted into academy.

Abstract: extensionist action, qualification, *quilombola* communities, *Kalungas*, rural development projects

1 Introdução

Em 2006, A Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio da Escola de Veterinária e Zootecnia, foi convidada pelo Ministério da Integração Nacional a elaborar um projeto que relacionasse o bovino Curraleiro Pé-Duro e os Kalungas. Assim, em 2007 teve início o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro, uma demanda dos moradores da comunidade Kalunga de Cavalcante, Goiás, na tentativa de resgatar a tradição pecuária da população, com a criação do bovino Curraleiro (FIORAVANTI et al., 2008; NEIVA, 2009; MOURA et al., 2011; FIORAVANTI et al., 2012).

De acordo com o Relatório Técnico Final nº. 240/2006-MI, em julho de 2007, 86 bovinos, machos e fêmeas de diversas idades, foram divididos em lotes e destinados a dez famílias da Comunidade Kalunga do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Em julho de 2008, houve a expansão do Projeto com o aporte de 73 animais, perfazendo um total de 159 animais. Parte desses foi destinada a reposição dos lotes distribuídos em 2007 e o restante destinado a mais sete famílias. Até 2012, 42 animais oriundos do esquema de divisão anual da produção já tinham sido doados às famílias que cuidavam dos bovinos.

Em 2011, os resultados do Projeto foram avaliados como promissores. No entanto, os índices de produção precisavam ser melhorados. Além disso, existiam alguns entraves que colocavam em risco a continuidade do Projeto no Sítio como: a questão fundiária; restrição de alimentação para os animais na época da seca; pouca disponibilidade de água para as pessoas e animais; ausência de jovens para o trabalho; além da falta de infraestrutura para o manejo dos animais, como cercas e currais (MOURA et al., 2011).

Neste contexto, a pesquisa-ação surgiu como uma estratégia metodológica da pesquisa social. Constituiu-se em uma ferramenta na qual o pesquisador empenhou-se em solucionar ou minimizar alguns problemas ou entraves suscitados na implantação do Projeto que poderiam ser mitigados por meio de uma ação. Portanto, para este tipo de pesquisa, o problema a ser solucionado tornou-se objeto de estudo.

Para THIOLENT (2008, p.16), "a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação

com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo". Destaca, ainda, que tanto o pesquisador quanto o grupo pesquisado interagem de modo participativo, desenvolvendo as ideias propostas no plano de pesquisa.

Na pesquisa-ação, é preciso que ao final do processo haja algum tipo de transformação do grupo envolvido, gerando assim a solução para o problema em questão, conforme os objetivos específicos da pesquisa. Por esse motivo, durante um determinado estudo, houve ajustes progressivos nos planejamentos da investigação, com o intuito de fortalecer a questão da pesquisa com ação” (FRANCO, 2005, p. 496).

Sendo assim, a pergunta que se colocou foi: em que medida a pesquisa-ação pode contribuir para a consecução dos objetivos propostos no Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro, levando em conta a participação dos contemplados com o Projeto nos processos decisórios, em especial no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga?

Tomando-se por base a pergunta de pesquisa apresentada, derivou-se o objetivo deste trabalho de analisar a metodologia pesquisa-ação participativa como ferramenta capaz de minimizar as dificuldades encontradas pelos contemplados com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro, bem como verificar a indissociabilidade entre pesquisa e a própria ação extensionista, assim como a aplicabilidade, vantagens e limitações como delineamento de pesquisa, na execução de projetos de desenvolvimento rural e, ainda, tentar verificar como a pesquisa-ação poderia contribuir para escolhas e decisões mais consistentes e pertinentes para a consecução do Projeto.

Para THIOLLENT (2008), um aspecto crucial da pesquisa-ação é a participação das pessoas que vivem na situação pesquisada ou que podem ser afetadas pelos resultados da ação. Defende que a pesquisa-ação deve ser desenvolvida incluindo, como participantes, os membros da associação, da comunidade e, nesse caso, os contemplados com o Projeto.

2 Revisão da literatura

2.1 A pesquisa-ação

A pesquisa-ação é uma modalidade de pesquisa frequentemente utilizada no âmbito das ciências sociais aplicadas, mas praticamente ausente no campo da Zootecnia e Veterinária. Talvez porque a perspectiva positivista - ainda predominante nas ciências agrárias - hesite em aceitar pesquisas em que o autor esteja comprometido com propostas transformadoras da realidade. Em pesquisas desenvolvidas no âmbito de outras ciências aceita-se que os pesquisadores se empenhem, assumidamente, na realização de pesquisas que visem, não apenas conhecer a realidade vivenciada, mas também, modificá-la. Especialmente quando se depara com situações em que os integrantes dos grupos em estudo são muito carentes (THIOLLENT, 2008; NOVAES & GIL, 2009).

As alegações contra a interferência do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa na realidade pesquisada vêm sendo questionada. Sobretudo, porque nas agrárias há campos em que a participação dos sujeitos da pesquisa, tanto na sua elaboração quanto na condução, análise e interpretação dos resultados é recomendável. Um desses campos é o projeto de desenvolvimento rural que se insere dentro de uma modalidade de projetos chamados sociais, em especial, quando se trata de estudos envolvendo comunidades carentes, minorias socialmente fragilizadas ou comunidades quilombolas (DEHLER & EDMONDS, 2006).

Com efeito, os trabalhos de pesquisa desenvolvidos nesses campos visam à promoção e melhoria de condições da população que passa a ser o objeto da pesquisa. Assim, as pesquisas que envolvem a participação dos sujeitos são recomendadas nesse campo, já que durante o seu processo se desenvolve o aprendizado conjunto, a interdisciplinaridade e a interação multicultural (REASON & BRADBURY, 2008).

Dentre as formas de pesquisas qualitativas, a pesquisa-ação possui grandes possibilidades de aplicação, contribuindo em diversas áreas como, por exemplo, a extensão universitária. Considerando-se a pesquisa para projetos de

extensão, THIOLENT (2000) alega que um pressuposto primordial para a reflexão sobre a extensão está na proposta de vinculá-la com a pesquisa. Não somente como área de aplicação do conhecimento já elaborado, como ocorre na pesquisa convencional, mas sim como contexto a ser investigado de modo participativo e ativo para descobrir novos temas ou problemas e propor soluções inovadoras.

Em várias universidades, a extensão deixa de ser atividade "menor", adquirindo valor como forma de compromisso social, fonte de conhecimento e de capacitação para alunos, professores e técnicos administrativos. A extensão, nessa perspectiva, propicia à universidade acesso a informações científicas e tecnológicas em áreas diversas de atuação, cooperando, de certo modo, na construção de novos conhecimentos (THIOLENT, 2003).

THIOLENT (2008) reconhece, entretanto, que a pesquisa-ação ainda está em fase de discussão e não é objeto de unanimidade entre cientistas sociais e profissionais das diversas áreas. O autor acrescenta que a pesquisa-ação procede de uma busca por alternativas ao padrão de pesquisas convencionais visando facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. Afirma, ainda, que alguns grupos vêem na pesquisa-ação o perigo do rebaixamento do nível de exigência acadêmica.

BARBIER (2007, p. 19) argumenta que a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa na qual há uma ação deliberada de transformação da realidade, possuindo um duplo objetivo: "transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações". O autor afirma que na pesquisa-ação não se trabalha sobre os outros, mas sim com os outros. Ela requer do pesquisador ser mais que um especialista: "por meio da abertura concreta sobre a vida social, política, afetiva, imaginária e espiritual, ela faz um convite para que ele seja verdadeiramente, e talvez, tão simplesmente, um ser humano".

Cria-se uma dinâmica social diferente daquela da pesquisa tradicional, sendo o processo o mais simples possível e se desenrola, frequentemente, em um tempo mais curto, onde os colaboradores envolvidos tornam-se coparticipantes da pesquisa. Ainda, o autor classifica a pesquisa-ação como "libertadora", pois os grupos que a utilizam são responsabilizados pela sua própria

emancipação. Para o autor:

A pesquisa ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ato social. Esse processo é relativamente libertador quanto às imposições dos hábitos, dos costumes e da sistematização burocrática. A pesquisa-ação é libertadora, já que o grupo de técnicos se responsabiliza pela sua própria emancipação, auto-organizando-se contra hábitos irracionais e burocráticos de coerção (BARBIER, 2007, p. 59).

Já TRIPP (2005, p. 447) prefere uma definição mais restrita. Para o autor a “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Defende, ainda, que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica, enfrentando a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc. Isso posto, embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente, porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática.

Também, conforme FRANCO (2005), o ambiente onde a pesquisa é realizada deve ser o próprio ambiente onde as práticas já acontecem, seja na sala de aula ou em um curral de pau-a-pique ou, na Comunidade Engenho Il no nordeste goiano. Além disso, os indivíduos participantes da pesquisa, incluindo os pesquisadores e pesquisados, devem estar envolvidos na criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos críticos-reflexivos sobre a realidade e com o desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permitam o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção, uma vez que a pesquisa-ação:

[...] encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores

pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 2008, p. 18).

O quadro 1 a seguir mostra as principais diferenças metodológicas entre a pesquisa-ação e a pesquisa "tradicional", baseadas nas ideias de BARBIER (2007).

QUADRO 1 - Diferenças metodológicas entre a pesquisa clássica e a pesquisa-ação

QUESTÕES	PESQUISA CLÁSSICA	PESQUISA-AÇÃO
Formulação dos problemas	Necessária a formulação de hipóteses e problemas que nortearão a pesquisa	Não precisa formular hipóteses e preocupações teóricas. Os problemas nascem, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador constata-os e não os provoca
Coleta de dados	Realizadas de forma controlada. Utilizam-se critérios de reprodutibilidade e confiabilidade	As questões são pertinentes à coletividade inteira e não as de uma amostra representativa. Os instrumentos são mais interativos e implicativos
Avaliação	É dada de forma predominantemente quantitativa	Os dados são retransmitidos à coletividade, a fim de conhecer sua percepção da realidade e de orientá-la de modo a permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados
Análise e interpretação dos dados	Os resultados são adquiridos por meio dos procedimentos de coleta de dados	Os resultados são produtos de discussões de grupo. Exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa ação impõe a comunicação dos resultados da investigação aos membros nela envolvidos, objetivando a análise de suas reações
Resultados	Visa submeter os resultados encontrados a fim de divulgá-los	Submete os resultados, previamente negociados dia a dia entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, a toda a coletividade para provocar a avaliação. A coletividade passa, então, à determinação das "possibilidades de melhoria"

Fonte: Adaptado BARBIER (2007)

Assim sendo, a metodologia da pesquisa-ação tem a intenção de resolver as questões/problemas na prática, de forma ativa e interativa e com a

participação de todos os envolvidos com a pesquisa. Dessa forma, os dados coletados em uma pesquisa-ação podem ser adaptados, perfeitamente, a projetos de extensão universitária, em comunidades rurais.

3 Processo de pesquisa-ação e metodologia

Uma proposta de pesquisa que se concentra no próprio processo de pesquisa-ação, tem notória dificuldade de ser concebida com etapas rígidas a serem seguidas, uma vez que não é possível especificar com antecedência qual conhecimento será obtido nem quais resultados práticos serão alcançados. Isso, porque os resultados de cada ciclo da pesquisa-ação determinarão o que acontecerá a seguir e não há como dizer, de saída, aonde o processo levará. Além disso, ao se idealizar um projeto de pesquisa-ação, não se pode especificar os tópicos sobre os quais se trabalhará, pois esses surgirão da análise da situação e selecionados pelos participantes (TRIPP, 2005).

Esse entendimento direcionou a adoção, nesta pesquisa, de duas metodologias que foram descritas e justificadas: os processos de pesquisa-ação utilizados em campo e o método de estudo de caso (narrativo) que foi empregado para contar a história do projeto e de seus resultados. A proposta da pesquisa concentrou-se na questão: em que medida a pesquisa-ação pode contribuir para a consecução dos objetivos propostos no Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro?

Para compor o delineamento, utilizou-se o estudo exploratório da região realizado em abril de 2011 por ocasião de uma visita técnica promovida pela Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás aos contemplados pelo Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. O estudo teve como objetivo fazer um diagnóstico socioeconômico e o levantamento do campo de possibilidade e projeto de vida dos contemplados como o Projeto supracitado. A partir desse estudo e com dados secundários da pesquisa: "Caracterização socioeconômica da comunidade quilombola Kalunga e proposta de reintrodução do bovino Curraleiro como alternativa de geração de renda" (NEIVA, 2009), foi possível pensar na co-

construção de uma proposta de intervenção.

Na referida visita, realizou-se um diagnóstico para colher informações diversas sobre a comunidade, chamado de Diagnóstico Rápido e Dialogado (DRD). Segundo SANTOS et al. (2004), o DRD é uma metodologia que consiste no conhecimento, análise e interpretação dinâmica do modo como se estrutura e se viabiliza o espaço rural por meio de seus componentes: sistemas de produção; sistemas naturais e organização social da comunidade. Para sua aplicação, considerou-se a participação efetiva dos contemplados com o Projeto no processo de análise da problemática e na reflexão de alternativas.

A técnica utilizada permitiu levantar informações a respeito do Projeto, tais como: os recursos naturais de cada "propriedade"; benfeitorias; os cultivos; as criações; dificuldades encontradas na consolidação do Projeto; a avaliação, por parte dos contemplados, do bovino Curraleiro Pé-Duro e a importância do Projeto para os Kalungas. Essa constituiu a primeira atividade visando mobilizar os 17 atores envolvidos no processo, os quais foram escolhidos por conveniência e disponibilidade, uma vez que eram os patriarcas das famílias contempladas com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro.

A participação da coordenadora do Projeto, do presidente da Associação Kalunga de Cavalcante e do presidente da Associação do Quilombo Kalunga foi fundamental na realização da pesquisa-ação. Esses são chamados por RICHARDSON (1999) de *stakeholder*. São participantes que podem influenciar a decisão da ação e sua participação é fundamental, uma vez que estão familiarizados com a situação e podem identificar, claramente, os principais elementos; conhecem a história do Projeto; podem dizer o que foi feito e o que pode ser culturalmente problemático; são capazes de avaliar a adequação de possíveis soluções a determinados problemas; continuarão na comunidade ou apoiando-a após a conclusão da pesquisa-ação e possuem um relacionamento com o grupo que contribuirá com a implementação das ações.

A partir do diagnóstico, foram identificados os problemas e estabelecidas às possibilidades de diversas ações para solucioná-los. Também, foram determinados os princípios epistemológicos que iriam orientar a ação, ou seja, como seria produzido o conhecimento e qual seria a posição dos sujeitos da

pesquisa, ressaltando a importância de planejar as atividades a serem desenvolvidas na comunidade, onde, os próprios membros da comunidade seriam os atores que elegeriam as atividades que deveriam ser desenvolvidas na localidade (THIOLLENT, 2008).

Para evitar os efeitos do excesso de subjetividade do pesquisador, combinaram-se três técnicas de coleta de informação: resumo de reuniões; anotações feitas pelo pesquisador e entrevistas semi-estruturadas. Esta triangulação entre opiniões do pesquisador, do grupo e informações mais objetivas, visou contribuir para o rigor da pesquisa e confiabilidade dos resultados. Iniciou-se a interpretação das informações desde o primeiro contato com os colaboradores, com o intuito de disponibilizar mais tempo e mais ciclos para testar essas informações, à medida que se avançava o projeto e, ainda, na possibilidade de rever as metas e os objetivos construídos pelos colaboradores.

LIÈVRE (2002) propõe três tipos de abordagem para a avaliação de uma ação social: pelos objetivos, pelos atores e pelos meios ou resultados. A avaliação adotada nesta pesquisa centrou-se na abordagem pelos meios, na tentativa de considerar o que efetivamente aconteceu durante o desenvolvimento da ação e identificar os processos desencadeados, assim como os seus obstáculos e pontos fortes.

4 Discussão dos resultados

O Projeto “Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro”, permitiu a execução das atividades iniciais de estabelecimento do Núcleo de Criação no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. O objetivo geral do Projeto foi a preservação e utilização do bovino pelos Kalungas com vistas à valorização do modo de vida dessa comunidade, bem como a preservação de um importante recurso genético brasileiro, a raça bovina local Curraleiro Pé-Duro (FIORAVANTI et al., 2008; NEIVA, 2009; MOURA et al., 2011, FIORAVANTI et al., 2012).

4.1 Planejamento

A pesquisa-ação é um processo cíclico envolvendo o diagnóstico do problema, o planejamento das soluções, a implementação e a avaliação dos seus resultados. Em abril de 2011 realizou-se uma visita técnica, promovida pela Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás, aos 17 contemplados pelo Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. Durante a visita, aplicou-se um diagnóstico para colher informações diversas sobre a comunidade, chamado de Diagnóstico Rápido e Dialogado (DRD). Constatou-se que houve um baixo desempenho produtivo do rebanho e alta taxa de mortalidade em consequência de uma disponibilidade limitada de alimentos e água, somada ao manejo deficitário dos bovinos. É importante ressaltar que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) do Instituto Federal Goiano, conforme parecer consubstanciado referente ao projeto de pesquisa, Protocolado no CEP sob n. 007/2011.

Esse diagnóstico possibilitou suscitar elementos de análise dos principais problemas encontrados na efetivação do Projeto, visualizados pelos contemplados, que foram: falta de cercas; pouca disponibilidade de alimentos para o rebanho; falta de investimentos para ampliar o Projeto; gerenciamento deficitário do Projeto; falta de assistência técnica; condições edafoclimáticas desfavoráveis; contemplados descapitalizados; presença de predadores naturais e falta de regularização fundiária.

Posteriormente, fez-se uma reunião com os *stakeholders*, (coordenadora do Projeto, presidente da Associação Kalunga de Cavalcante e presidente da Associação do Quilombo Kalunga) uma vez que estavam familiarizados com a situação e poderiam ajudar no ranqueamento dos problemas e identificar as principais ações a serem implementadas para minimizá-los. O grupo discutiu o planejamento da ação, analisando diversas possibilidades de condutas que contribuiriam para a solução do problema e alternativas a seguir.

Dentre os nove problemas suscitados, quatro fugiam ao controle dos envolvidos no processo e dos *stakeholders*, uma vez que dependiam de financiamento externo, intervenções do Estado ou eram consequências das

condições edafoclimáticas da região. Os demais foram ranqueadas e a solução ou redução dos mesmos influenciaria positivamente na efetivação do Projeto, a saber: pouca disponibilidade de alimentos para o rebanho; falta de assistência técnica; gerenciamento deficitário do Projeto; falta de cercas e presença de predadores naturais (onça).

Ao analisar as diversas possibilidades de ações que contribuiriam à solução do problema, o grupo optou por qualificar os 17 contemplados, oferecendo três Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC): manejo prático de gado de corte; formação e manejo de pastagem e produção de artefatos em couro. Além disso, defendeu-se o agendamento de visita de uma equipe técnica multidisciplinar, semestralmente, para prestar assistência técnica e assessoria ao Projeto. Deliberou-se, ainda, que ações seriam envidadas no sentido de conseguir patrocínio para a aquisição de arame para a construção de cercas e sal mineral.

4.2 A ação

Para viabilizar a oferta dos cursos de formação inicial e continuada foi firmado uma parceria com o Instituto Federal Goiano - Câmpus Ceres (IF Goiano). O IF Goiano é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicâmpus, sem fins lucrativos e especializado na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Consta em seus objetivos ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores (FIC), objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica.

O IF Goiano, por meio do termo de cooperação técnico-científica firmado como a Associação Quilombo Kalunga, ofertou três cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores na área de bovinocultura, forragicultura e selaria. Na justificativa do referido termo constava a intenção de proporcionar alternativas de geração de renda, via pesquisa-ação, à comunidade Kalunga, visando a manutenção e expansão da atividade agropecuária. Para o IF Goiano, as iniciativas pretendiam contemplar não somente a geração de trabalho e renda

na comunidade, mas também, a inclusão social por meio da valorização da identidade cultural, da capacitação e do desenvolvimento de novos produtos.

O primeiro curso, Manejo Prático de Gado de Corte foi realizado no período de 06 a 10 de junho de 2011, com a presença de dez participantes. Teve uma carga horária de 40 horas e foi oferecido no Câmpus Ceres. O IF Goiano disponibilizou um micro-ônibus que fez o traslado de ida e volta dos participantes, indicados pela Associação Quilombo Kalunga, da Cidade de Cavalcante (GO) até a Cidade de Ceres (GO), cerca de 530 km. Os "alunos" (Figura 1) ficaram hospedados no Instituto durante os cinco dias de curso, tendo para isso cinco refeições por dia.



FIGURA 1 - Estudantes do Curso Manejo Prático de Gado de Corte em aula prática

Os instrutores procuraram respeitar a cultura dos participantes, acreditando que é um dos caminhos para ajudar a melhorar a capacidade de aprender, uma vez que a incorporação de saberes com os quais os alunos convivem, ajuda a dar sentido ao que se quer ensinar. Houve a participação de três médicos veterinários, como instrutores, sendo dois do IF Goiano e um da UFG. A ementa do curso foi montada com a participação dos alunos e contemplava os seguintes assuntos:

- Criação orgânica de bovinos – 2h.
- Aspectos fundamentais no comportamento de bovinos – 2h.
- Contenção de bovinos – 4h.
- Importância da suplementação mineral – 4h.
- Manejo de fêmeas – 4h.

- Manejo de bezerros ao nascer – 4h.
- Calendário e práticas de vacinação – 4h.
- Importância e métodos de desinfecção de materiais 2h.
- Controle de endo e ectoparasitas – 4h.
- Atividades práticas – 10h.

O IF Goiano certificou os participantes (Figura 2) pela realização do curso e a UFG, por meio da Escola de Veterinária e Zootecnia, distribuiu um estojo em caixa de madeira contendo: seringa automática de 50 ml para vacinação de bovinos; 12 agulhas hipodérmicas e jogo de borrachas vulcanizadas. Ainda, a Médica Veterinária, bolsista de pós-doutorado vinculada a UFG organizou o registro de cinco participantes como vacinadores na Unidade Operacional Local da AGRODEFESA, uma vez que foram treinados/capacitados para realização do procedimento de vacinação e poderiam desempenhar essa atividade na comunidade Kalunga.



FIGURA 2 - Participantes do Curso Manejo Prático de Gado de Corte com seus respectivos certificados

O segundo curso, Formação e Manejo de Pastagem foi realizado no período de 17 a 21 de outubro 2011 e contou com a presença de 14 participantes. Teve uma carga horária de 40 horas e foi oferecido nos mesmos moldes do

primeiro. Ressalta-se a preocupação em pautar a oferta do referido curso em princípios participativos, que levem em conta os aspectos culturais do público alvo.

O curso foi ministrado por cinco professores do IF Goiano, uma médica veterinária da UFG e um pesquisador da Embrapa Pantanal. A ementa do curso foi montada com a participação dos alunos e contemplava os seguintes assuntos:

- Conservação de nascentes – 4h.
- Sistema e manejo de pastagem ecológica – 4h.
- Recursos forrageiros regionais para alimentação de bovinos – 4h.
- Tecnologia de ensilagem adaptada ao pequeno produtor rural – silo tipo cincho – 4h.
- Plantio de mudas de *Cynodon* (Jiggis) para formação de banco de mudas – 4h.
- Produção de mudas arbóreas – 4h.
- Áreas de produção de volumosos – 4h.
- Calendário e prática de vacinação – 4h.
- Atividades programadas – 8h.

Destacou-se o módulo: Recursos forrageiros regionais para alimentação de bovinos. O pesquisador da Embrapa Pantanal demonstrou para os alunos (Figura 3) o resultado de três anos de pesquisas sobre forrageiras de alto teor de proteína para alimentação de bovinos em período de seca. Utilizando-se de metodologias participativas, levantou os recursos forrageiros da região do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, cujo aproveitamento poderia ser uma alternativa viável para maximizar o uso da terra; reduzir o custo da suplementação alimentar do bovino Curraleiro Pé-Duro; melhorar a nutrição dos animais durante o período seco; incrementar a geração de renda dos contemplados com o Projeto e diminuir a necessidade de formar novas áreas de pastagem (LISITA et al., 2007).



FIGURA 3 - Produção de feno para a alimentação de bovinos, a partir de recursos forrageiros regionais e espécies arbóreas presentes no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga

A produção de feno para fornecimento ao gado durante a estação seca, com o uso de espécies arbóreas com ampla distribuição no Sítio, apresentou-se como uma grande novidade e os participantes demonstraram muito interesse nessa técnica de produção. Principalmente por representar uma alternativa simples e economicamente viável para alimentar os animais.

Outras técnicas de produção e armazenamento de forrageiras foram apresentadas como o uso de capineira, silagem, reserva de pasto e concentrados, inclusive a conservação das forrageiras e dos seus excessos nos períodos de fartura bem como das sobras de culturas existentes na propriedade. Essas foram apresentadas como um processo seguro, de baixo custo e capaz de amenizar o problema da seca.

Em decorrência do desconhecimento dos processos de conservação de forragens e dos altos custos para confecção de silos ou na dificuldade de aquisição de maquinário necessário, os participantes se viram na impossibilidade de armazenar o excedente de suas forrageiras. Como alternativa foi apresentado

o silo cincho que, segundo o instrutor, apresentava vantagens como: baixo custo de produção; menor necessidade de máquinas e mão de obra durante a confecção e uma maior rapidez durante o enchimento e a vedação, ideal para os contemplados com o Projeto (Figura 4).



FIGURA 4 - Tecnologia de ensilagem adaptada aos Kalungas - silo cincho e suas etapas: corte manual de cana (A), picagem da forrageira (B), prensagem do material (C, D), vedação da massa ensilada (E, F).

A dificuldade poderia centrar-se na necessidade de utilização de formas sem fundas na forma de arco para o uso desse silo. Essa foi sanada com

a doação das formas à Associação do Quilombo Kalunga que facultaria a utilização aos seus associados.

Em decorrência de uma solicitação dos alunos, justificada na necessidade de fornecer alimentos para equinos e muares, muito utilizados para a locomoção e serviços na Comunidade Kalunga, uma vez que em certas regiões do Sítio não é possível à utilização de veículos motorizados e, no caso dos participantes, não possuem recursos para adquirir um carro, um caminhão ou um trator, foi acrescentado um módulo sobre o plantio de mudas de *Cynodon (Jiggis)* para formação de banco de mudas objetivando formação de pastagem (Figura 5). Cada aluno foi contemplado com duas bandejas de mudas. O gênero *Cynodon* é conhecido pelo caráter colonizador da espécie, capaz de proporcionar elevadas quantidades de forragem de alta qualidade, tanto na forma de pastejo, quanto de feno e de resistirem aos fatores adversos do clima tropical (ZANINE et al., 2007).



FIGURA 5 - Plantio de mudas de *Cynodon (Jiggis)* para formação de banco de mudas (A, B, C); estudantes participantes do segundo curso

O terceiro curso, Produção de Artefatos em Couro Ecológico foi realizado no período de 30/07 a 03/08 de 2012 com a participação de 22 pessoas. Teve uma carga horária de 40 horas e foi oferecido na Comunidade Engenho II, no município de Cavalcante (GO). Os participantes, juntamente com os pesquisadores, colaboradores e instrutores, permaneceram na Comunidade do Engenho II durante todo o curso. Para tanto, foi viabilizado hospedagem e alimentação (Tabela 1)

TABELA 1 - Planilha de custos do Curso de Artefatos em Couro Ecológico com os valores financiados pelos parceiros

Discriminação	Qtde	Unitário (R\$)	Total (R\$)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG			
Diárias e transporte			
Combustível	150L	2,89	433,50
Diárias (02 pesquisadores e 01 motorista)	15	177,00	2.655,00
Subtotal 1			R\$ 3.088,50
SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE			
Compras e passagens			
Camiseta	40	16,90	R\$ 676,00
Diárias pesquisador	5	177,00	R\$ 885,00
Passagens instrutor	2	358,95	R\$ 717,90
Pagamento instrutor	1	1.300,00	R\$ 1.300,00
Pagamento instrutor Kalunga	1	400,00	R\$ 400,00
Agulhas seleiro	30	2,00	R\$ 60,00
Cozinheiras	2	206,27	R\$ 412,54
Compras verduras		239,50	R\$ 239,50
Compras (cola e linha)		57,27	R\$ 57,27
Compras		199,12	R\$ 199,13
Combustível carro	190	380,00	R\$ 380,00
Subtotal 2			R\$ 5.027,34
EMBRAPA PANTANAL			
Diárias e passagens			
Passagem aérea	01	1.300,00	1.300,00
Diárias (01 jornalista)	07	177,00	1.239,00
Subtotal 3			R\$ 2.539,00
PROJETO KALUNGAS E CURRALEIRO – UFG e AKC			
Bovinos para esfolia	01	960,00	960,00
Subtotal 2			R\$ 960,00
INSTITUTO FEDERAL GOIANO – IFGoiano			
Argolas de ferro e Fivelas			301,00
Sola tanino	40	7,00	320,00
Reservatório de polietileno para água – cap. 200L	01	450,00	450,00
Despesas com alimentação – compra de mantimentos	32 pessoas 5 dias		2.000,00
Subtotal 4			R\$ 3.071,00
TOTAL GERAL			R\$ 14.685,84

O Curso foi fruto de uma parceria entre o IF Goiano – Campus Ceres, a UFG, o Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas (SEBRAE), a Embrapa Pantanal, o Projeto Kalungas e Curraleiro - UFG e a AKC. Vislumbrou-se com o Curso Produção de Artefatos em Couro Ecológico proporcionar uma fonte adicional de renda, representada pelo processamento e transformação do couro dos bovinos Curraleiro Pé-Duro. Essa estratégia contribuiu na manutenção da identidade e dos saberes locais sobre essa arte, já quase não mais praticada pelos jovens da comunidade, além de ter sido uma estratégia de conservação e de agregação de valor ao bovino Curraleiro Pé-Duro.

Outra particularidade que chamou atenção foi a possibilidade da produção de artefatos em couro constituir-se como artesanato. Os participantes citaram a possibilidade de geração de interface junto ao turismo, uma vez que a competitividade de um destino muitas vezes está relacionada à diversificação e qualificação de produtos associados que valorizam suas manifestações culturais e tradicionais. A participação dos alunos foi vista como um instrumento importante para promover a articulação entre os atores sociais. A troca de saberes buscou fortalecer a coesão da comunidade e resgatar uma tradição que vem sendo esquecida no meio dos Kalungas.

O curso foi realizado em duas etapas. Na primeira, os participantes aprenderam a lidar com o couro: como prepará-lo, como fazer a limpeza e quais os tipos de tratamentos naturais que poderiam ser feitos. Esse processo de curtimento do couro baseou-se na utilização de substâncias alternativas, como os taninos vegetais. Portanto, obteve-se a produção de um "couro ecológico", isento de aditivos poluentes ao meio ambiente e nocivos ao ser humano.

A tecnologia adaptada para a produção de “couro ecológico” (Figura 6) dispensa a utilização de cromo, um metal pesado, que traz elevados índices de contaminação ao ecossistema. No processo adotado foi utilizado, como curtente, o tanino vegetal, um extrato de casca de algumas árvores nativas como os angicos (*gênero Anadenanthera*) (MALUF & HILBIG, 2010).



FIGURA 6 - Etapas de preparo e curtimento de couro utilizando tanino contido em extrato vegetal: esfolia (A); lavagem (B, C); descarte e salga (D); caleiro (E); depilação (G) e curtimento (H)

Na segunda etapa, os participantes iniciaram o trabalho com o couro, cortando os tentos que compuseram as tranças e tramas. Para tanto, utilizou-se de couros previamente preparados, uma vez que o curtimento do couro demanda um tempo maior do que o de duração do curso. Nessa etapa, os participantes aprenderam a confeccionar cabrestos, rédeas, laços, cabeçadas de freio, bainha, loro, testeira, peia, barrigueira e peiteiras (Figura 7).



FIGURA 7 - Artefatos em couro produzidos pelos Kalungas

Em decorrência da presença da UFG durante a execução do Projeto e do IF Goiano durante a realização dos cursos na Comunidade do Engenho II na cidade de Cavalcante (GO), muitos jovens foram despertados para conhecer

essas instituições. Fizeram-se, então, reuniões com autoridades políticas locais juntamente com representantes dessas instituições, no intuito de verificar como os jovens Kalungas poderiam ser alcançados por elas, uma vez que a exclusão do negro na universidade pública é latente. Mesmo com a adoção de cotas nas universidades públicas, argumenta-se que os exames vestibulares continuam sendo flagrantemente injustos: a maioria dos universitários é constituída por membros da classe média alta que puderam cursar o ensino médio em instituições particulares (FRIAS, 2012). Sem questionar o mérito da questão, até mesmo porque não é o objeto da pesquisa, o certo é que nas comunidades visitadas, empiricamente, foi visível que os jovens, em sua grande maioria, quando muito, concluíram o Ensino Médio.

Aires Fernandes dos Santos
 Sou do quilombola Aires. Tenho 18 anos sou
 quilombola estou no Instituto Federal Goiano aqui
 aqui muito legal sou interno não pago aluguel
 eles lavam minhas roupas também me dão comida
 dentista física escolinha de futebol as aulas
 legais muito boa.
 Tive um pouco de dificuldade para mim adaptar
 aqui mas já acostumei pretendendo fazer curso de
 Zootecnia quando termina o 3º ano faço curso em Agropecuária
 no primeiro ano "C" e gosto de minha sala. Espero
 que seja um lugar melhor pra mim e minha família.

FIGURA 8 - Depoimento de um jovem Kalunga estudante do IF Goiano

Os representantes foram convencidos que ações concretas deveriam ser tomadas com o intuito de aproximar essas instituições dos Kalungas. Para tanto, equipes do IF Goiano, juntamente com lideranças locais, visitaram, em setembro de 2012, algumas comunidades divulgando o Instituto. No edital de seleção para os cursos técnicos integrados da referida instituição, foi previsto reservas de vagas para os estudantes oriundos de comunidades quilombolas e,

ainda, que os mesmos teriam prioridade no alojamento em consonância com suas condições sociais.

Convencionou-se que a Secretaria Municipal de Educação realizaria as inscrições dos alunos interessados em cursarem ensino profissional de nível médio. As provas foram aplicadas na Cidade de Cavalcante (GO) e dos 39 candidatos inscritos, 20 foram aprovados. Em fevereiro de 2013, 12 fizeram matrícula no Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IF Goiano - Campus Ceres (Figura 9). Ficou assegurado para o exame de seleção de 2013 todas essas conquistas.



FIGURA 9 - Jovens Kalungas estudantes do IF Goiano

Foi intensificada a visita a todas as famílias beneficiadas, para avaliação e acompanhamento dos animais. Várias atividades foram desenvolvidas como: verificação das instalações e do manejo dos animais; treinamento para que pudessem ser efetivadas as medidas nos recém-nascidos; vacinação dos animais; distribuição de 6.690 kg de sal mineral; entrega de 9.500 m arame farpado e 15kg de prego para cerca (aréstia). Nas etapas anteriores do projeto, foi distribuído 139 sacos de sal mineral (Fosbovi 30-S); 276 sacos de sal comum; aplicadas 160 doses de vacina (Polistar) e 150 doses de vacina contra raiva.

4.3 Avaliação da pesquisa-ação

A Avaliação, aqui pretendida, procurou considerar o que efetivamente

aconteceu durante o desenvolvimento da ação, sem se preocupar com o que foi previsto inicialmente. Intencionou-se, também, verificar se os meios utilizados permitiram, aos atores, a condução da ação de forma satisfatória até a sua conclusão e identificar os obstáculos ao bom desenvolvimento da ação, assim como os seus pontos fortes.

A pesquisa-ação tem sido defendida como um método participativo. Isso não implica envolver ou não outras pessoas, mas sim o modo como elas são envolvidas e como elas podem participar melhor do processo. O modo como as pessoas participam de um projeto depende de seus interesses e capacidades (TRIPP, 2006). Nesta pesquisa, os envolvidos no processo trabalharam juntos, como copesquisadores, demonstrado o nível de interesse dos participantes e a importância dessas ações nos seus cotidianos, sendo uma referência positiva de avaliação.

A pesquisa-ação, ora realizada, foi baseada na prática dos participantes. É possível afirmar que ela conseguiu, em grande parte, fazer uma ligação entre a teoria e a prática, contribuindo para a melhoria da última. A realização de dois cursos no IF Goiano - Câmpus Ceres teve uma repercussão muito positiva entre os participantes. Esses relataram não imaginar a existência de instituições de ensino com tamanha infraestrutura e nem tão pouco que essas poderiam ser utilizadas por eles gratuitamente.

As grandes distâncias que os instrutores e participantes tiveram que percorrer para ministrar e participar dos cursos, as condições desfavoráveis das estradas, bem como a dificuldade de alguns em encontrar uma pessoa para substituí-los na lida em suas "propriedades" contribuíram para a não participação dos 17 contemplados com o Projeto em todos os cursos oferecidos.

Percebeu-se, ainda, que houve mudança no manejo dos animais, principalmente, quando essa não dependia de recursos financeiros a serem despendidos por parte dos contemplados. A quantidade de sal mineral e arame foi insuficiente para satisfazer a expectativa dos participantes. Esse fato confirma que o aporte financeiro se faz preponderante na realização de qualquer projeto. Avalia-se que as ações foram adequadas e de grande utilidade para os participantes.

5 Considerações finais

A inserção social não pode ser entendida como o acesso de pessoas ou coletivos a uma oferta preestabelecida de benefícios, empregos ou recursos. Na concepção defendida, a inclusão se apresenta como uma dinâmica que se apoia na capacitação das pessoas, aguçando suas competências. Para tanto, nutre-se da ativação das relações sociais dos afetados e daqueles ao seu redor, ganhando sentido quando consegue proporcionar uma saída a um ou a outro indivíduo e, quiçá, melhorar o bem-estar social do coletivo em geral.

A execução da pesquisa-ação permitiu a identificação de uma série de fragilidades e limitações existentes na comunidade Kalunga, que vão desde os recursos naturais até o ambiente organizacional. O conhecimento dessas limitações permite elencar subsídios para a elaboração de estratégias de ações. Essas irão nortear decisões em projetos que busquem contornar as dificuldades existentes para que se consiga a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais.

Deste modo, intervenções baseadas no conhecimento da realidade local, com suas limitações e potencialidades, têm maior chance de alcançar os objetivos pretendidos, uma vez que serão propostas ações coerentes com a situação real. Isso posto, a realização desta pesquisa destacou que a pesquisa-ação pode colaborar como suporte na ação extensionista e na execução de projetos de desenvolvimento rural. As idas e vindas entre ações na comunidade e a reflexão provocada pela pesquisa nos atores cria condições para reformulação e adaptação das próprias ações.

Assim, embora a pesquisa-ação como proposta metodológica não deixe de ter suas críticas, os resultados desta pesquisa corroboram a inscrição dessa metodologia na academia com referências a uma versão da investigação-ação que atende claramente aos critérios da pesquisa acadêmica. Defende-se uma pesquisa na qual se empregam técnicas de pesquisa, de qualidade suficiente, para enfrentar a crítica dos pares na universidade, para informar o planejamento e a avaliação das melhoras obtidas.

Referências

1. BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Brasília: Liber, 2007. 476 p.
2. DEHLER, G. E.; EDMONDS, R. K. Using action research to connect practice to learning: a course project for working management students. **The International Journal of Management Education**, v. 30, n. 5, p. 636-669, 2006.
3. FIORAVANTI, M. C. S.; SERENO, J. R. B.; NEIVA, A. C. G. R.; ABUD, L. J.; LOBO, J. R.; ANDRADE, D. F.; CARDOSO, W. S.; SILVA, F. X. da; MACHADO, J. R. L. Reintrodução do gado Curraleiro na comunidade quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: resultados parciais. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE SAVANAS TROPICAIS E II SIMPÓSIO NACIONAL DO CERRADO, 2008, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: EMBRAPA, 2008.
4. FIORAVANTI, M. C. S.; NEIVA, A. C. G. R., MOURA, M. I.; COSTA, F. O.; MONTEIRO, E. P.; SERENO, J. R. B. **Kalungas e Curraleiro Pé-Duro: o resgate de uma tradição**. **Revista UFG**, Goiânia, n. 13, v.1, p. 100-112, 2012.
5. FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 22 set. 2013.
6. FRIAS, L. As cotas raciais e sociais em universidades públicas são injustas? **Direito, Estado e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 41, p. 130-156, 2012.
7. LIÈVRE, P. Evaluer une action sociale. **Rennes: ENSP**. Santé Canada: Publique, 2002. 128 p.
8. LISITA, F. O.; TOMICH, T. R.; CAMPOLIN, A. I.; FEIDEN, A.; CONCEIÇÃO, C. A. da; NASCIMENTO, V. R. do; TRINDADE, L. L. Tecnologia de conservação e uso de recursos regionais para a sustentabilidade de bovinocultura leiteira nos

- assentamentos rurais de Corumbá. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 145-148, 2007.
9. MALUF, M. L.; HILBIG, C. C. Curtimento ecológico de peles de animais para agregação de valor através de confecção de artesanato. **Revista Varia Scientia**, Cascável, v. 9, n. 15, p. 75-79, 2010.
 10. MOURA, M. I.; TORRES, T. F.; MONTEIRO, E. P.; NEIVA, A. C. G. R.; CARDOSO, W. S.; FIORAVANTI, M. C. S. Evolução de um rebanho de bovino Curraleiro reintroduzido em cerrado nativo na região norte do Estado de Goiás, Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservacion Animal**, Córdoba, v. 1, p. 123-126, 2011.
 11. NEIVA, A. C. G. R. **Caracterização socioeconômica da comunidade quilombola Kalunga e proposta de reintrodução do bovino Curraleiro como alternativa de geração de renda**. 2009. 138f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
 12. NOVAES, M. B. C.; GIL, A. C. A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas. RAM, **Revista de Administração do Mackenzie**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 45-67, 2009.
 13. REASON, P.; BRADBURY, H. **Handbook of action research: participative inquiry and practice**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2008. 230 p.
 14. RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.
 15. SANTOS, F. C.; OLIVEIRA, S. S.; MORAES, B. L. **Projeto Forter: diagnóstico rápido e dialogado e comunidades tradicionais de Natividade, Tocantins**. Planaltina, DF: EMBRAPA, 2004. 31 p.

16. THIOLENT, M. A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária. In: _____; ARAÚJO FILHO, T.; SOARES, R. L. S. **Metodologias e experiências em projetos de extensão**. Niterói: EdUFF, 2000. p. 19-28.
17. THIOLENT, M. Metodologia participativa e extensão universitária. In: _____. **Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 57-67.
18. THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 136 p.
19. TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.
20. ZANINE, A. M.; DIAS, P. F.; SOUTO, S. M.; FERREIRA, D. J.; SANTOS, E. M.; PINTO, L. F. B. Uso de funções discriminantes para comparação de cultivares dos gêneros *Cynodon* e *Digitaria* quanto à produção de matéria seca e teores de macronutrientes. **Associação Latinoamericana de Produção Animal**, Viçosa, v. 15, n. 4, p.152-156, 2007.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da população pluriétnica no Brasil é decorrente, dentre outras, de nações africanas trazidas como mão de obra, que denotam, nos tempos atuais, peculiaridades, identidades e representações próprias, em alguns grupos específicos. No Estado de Goiás, os Kalungas representam remanescentes de escravos fugitivos e convertem-se em importante opção de organização social da população negra. Lutam por um espaço de resgate de suas humanidades e cultura com o intuito de se constituírem como sujeitos de suas próprias histórias. Porém, no atual contexto, continuam em uma trajetória de lutas e resistências de uma comunidade que sofre a dupla opressão, enquanto camponesa e parte de um grupo racial que precisa garantir um futuro mais digno.

É impossível conviver com os Kalungas e não se tornar sensível as suas lutas, resistências e reivindicações. No entanto, séculos de opressão, dificuldades e a sensação do muito a fazer inibem qualquer iniciativa e deixa um sentimento de não saber por onde começar. Sendo assim, achou-se por bem arriscar algumas elucubrações sobre as experiências advindas durante a realização deste trabalho, respaldado na crença que o conhecimento, sobre qualquer fenômeno, é uma construção a partir de indícios, pistas e sinais os quais conectados entre si, segundo regras de proximidade, ressonância ou mesmo causalidades, passam a oferecer sentido ao fenômeno.

A primeira diz respeito à sensação de que os Kalungas são uma estatística, um número e que se sabe pouco sobre eles. Paradoxalmente, são visíveis como número, mas invisíveis enquanto conhecimento da sociedade. O que pensam, como vivem, como se viram para fazer frente às necessidades e anseios que possuem, as estratégias que desenvolvem, o que desejam e sonham são questões pouco exploradas e, aos leitores alheios a essa realidade, configuram-se como "paisagem social" ou se tem a sensação de que as questões referem a um lugar longínquo e não no Nordeste do Estado de Goiás.

Os Kalungas possuem um potencial de transformação e experimentam um campo de possibilidades diante da coexistência de diferentes oportunidades.

São alcançados por ocasiões favoráveis e "todos" querem e gostariam de trabalhar. Valorizam-no enquanto oportunidade para terem uma vida menos penosa. Porém, a dura realidade com que se defrontam é que, objetivamente, não há emprego para todos e, quando os têm, são os mais precários em todos os sentidos. Há, também, situações em que eles optam por não trabalharem durante um período para se dedicarem a outras atividades, sem fins econômicos, mas que lhes dão sentido e reconhecimento social.

Percebe-se a presença de instituições oportunizando ações e promovendo "qualificação" dos Kalungas. Alguns integrantes, principalmente da Comunidade Engenho II, possuem vários certificados e os exibem com certo orgulho. Porém, o que se intui é que essas ações se sobrepõem com frequência e são descontinuadas; não alcançam as comunidades mais isoladas e quase sempre não se materializam em melhoria da qualidade de vida dos Kalungas. Vários entrevistados mostraram-se céticos em relação aos impactos práticos de se ter mais um certificado. Analisam que os cursos de qualificação ajudam, mas não são suficientes para tirá-los da situação em que se encontram.

Outra constatação é a presença de pesquisadores, 11 somente em 2012, nas comunidades Kalungas. Em conversa com lideranças locais foi relatado que a forma mais usual de retorno do saber construído, pelos pesquisadores, a partir das informações obtidas na comunidade, quando acontece, tem sido a devolução dos dados da pesquisa na forma de entrega de cópias de artigos formalmente publicados, dissertações e teses. Não desmerecendo a importância das pesquisas, mas essa postura tem contribuído para um descrédito, por parte dos Kalungas, em relação a essas ações. O que fazer? Infelizmente não se tem essa resposta. O relatório final de pesquisa é uma exigência legal da academia. Não seria interessante vincular, também, a pesquisa a uma necessidade social da comunidade?

Para mudar situações claras de desigualdade social e econômica são necessárias medidas voltadas à promoção do grupo que se encontra em posição de desvantagem. Como exemplo cita-se o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro. Esse, dentro de seu limite de abrangência, é visto pelos Kalungas como uma ação afirmativa concreta. O fato do Projeto ter surgido de uma demanda dos quilombolas e não por uma sugestão

externa contribuiu para uma adesão sólida dos participantes e despertou, na comunidade, o desejo de fazer parte do mesmo. Criou-se, inclusive, uma "classe social" segundo critérios econômico dos que tem "gado Curraleiro" e os que não o tem. Intervenções com metodologias participativas sinalizam um caminho?

A realização da pesquisa proporcionou uma aproximação do IF Goiano com os Kalungas. Já no ano de 2011, houve a tentativa de oportunizar, aos jovens da comunidade, o Curso Técnico em Agropecuária. Porém, a mobilização não levou em consideração que, por se tratar de jovens carentes, não era suficiente despertar o interesse dos estudantes. No ano seguinte, a mobilização previu a descentralização do processo seletivo bem como políticas de permanência para os aprovados. Os quatro alunos que permanecem na instituição demonstram interesse em fazer uma graduação. No mínimo, o campo de possibilidade desses jovens será ampliado consideravelmente. Quatro alunos em um universo de 1.018 jovens, somente em Cavalcante, justificaria o investimento. O que pensam os gestores dessa instituição?

Essas reflexões demonstram que é muito complexo o contexto que envolve um dos segmentos mais empobrecidos da população brasileira: as comunidades negras rurais. Muito pouco tem sido feito para atender as suas demandas. O certo é que os Kalungas necessitam de políticas públicas específicas para corrigir as desigualdades e que procurem reparar a discriminação sofrida no passado, evitando que o passado se reproduza interminavelmente no presente e se projete para o futuro.

Por fim, esta investigação contribuiu para a evolução dos saberes do pesquisador, assim como para produzir conhecimento. Propiciou uma aproximação com a cultura Kalungas e, ainda, apresentou-se como uma importante ferramenta para a extensão universitária. Possibilitou o aguçamento da capacidade reflexiva via conhecimento filosófico e cultural e o domínio instrumental da investigação.

Esta pesquisa, viabilizada pelo doutorado interinstitucional (DINTER), celebrado entre a Universidade Federal de Goiás (UFG) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, proporcionou um amadurecimento conceitual teórico-metodológico, constatado pelo pesquisador ao escrever as últimas linhas deste trabalho. Destaca-se a rica contribuição dos professores da

UFG que não mediram esforços para compartilharem seus conhecimentos. Diante do exposto, aponta-se para as inúmeras contribuições que um DINTER pode proporcionar na formação acadêmica, bem como no desenvolvimento de um quadro de pesquisadores para o IF Goiano, frutificadas por meio da determinação, persistência, paciência e acima de tudo da reflexão.

Reflexão essa que, via relações sociais, oportunizou conhecer os Kalungas e a defender os direitos das comunidades tradicionais, porque chega a hora em que não basta apenas protestar: após a filosofia, a ação torna-se indispensável.

ANEXO 1 - Questionário para caracterização socioeconômica.

Data: ____/____/____ Entrevistador: _____

IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR

Nº do Questionário _____

Nome: _____ Apelido: _____

Município: _____ Comunidade: _____

Roteiro de acesso: _____

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua/Av: _____ Bairro: _____

Município: _____ Cep: _____

Fone: _____ Cel: _____ e-mail: _____

I - CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR E DE SUA FAMÍLIA

1.1 Sexo

() masculino () feminino

1.2. Idade _____ anos

1.3. Estado civil

() solteiro () casado
() separado/desquitado/divorciado () viúvo

1.4 Grau de instrução.

() sem escolaridade () ensino fundamental completo
() ensino fundamental incompleto () ensino médio completo
() ensino médio incompleto
() curso superior incompleto /qual: _____
() curso superior completo /qual: _____

1.5 Nasceu na comunidade?

() sim () não

1.5.1 Se não, há quanto tempo reside na comunidade? _____ (anos)

1.5.2 Local de origem _____

1.6 Quantas pessoas residem no domicílio? _____

1.7 Qual a área total da propriedade? _____ ha

II - QUALIDADE DE VIDA DO PRODUTOR

2.1 Condições de moradia

2.1.1 Situação de posse de sua residência

() alugada () cedida/doadada
() própria () outros (especifique) _____

2.1.2 Tipo de construção do domicílio

() taipa () tijolo/sem reboco
 () tijolo/com reboco () outros _____

2.1.3 Tipo de piso do domicílio

() barro () tijolo
 () cimento () cerâmica
 () outros _____

2.1.4 Tipo de iluminação do domicílio

() lamparina a querosene (velas) () rede elétrica
 () lâmpião a gás () outros
 (especificar) _____

2.2 Aspectos sanitários

2.2.1 Destino dado aos dejetos humanos:

() céu aberto/enterrado () fossa

2.2.2 Destino dado ao lixo domiciliar:

() céu aberto () enterrado/queimado () coleta

2.2.3 Origem da água para consumo humano:

() diretamente do rio () poço ou cacimba () outro
 () chafariz () rede pública

2.2.4 Tratamento dado à água para consumo humano:

() não tratada () tratada (cloro, filtro, fervida)

2.3 Bens duráveis

2.3.1 Acesso a bens duráveis

Descrição do item	Quantidade	Ano de compra	Valor (R\$)
Carro			
Motocicleta			
Bicicleta			
Antena parabólica			
Aparelho de som			
Fogão a gás			
Forno de microondas			
Geladeira			
Freezer			
Máquina de costura			
Rádio			
Sofá			
Cadeira/mesa			
TV (em cores)			
Liquidificador			
Ferro de passar			
Telefone celular			

2.4 Educação

2.4.1 Grau de instrução dos componentes da família

Posição da Família	Sexo	Idade	Anos de estudo	Local (escola)

Posição na família: (1)esposa; (2)filho(a); (3)irmão; (4)agregado; (5)outros.
 Sexo: (1)masculino; (2)feminino; Idade: (anos); Instrução: (1)sem escolaridade; (2) ensino fundamental completo; (3) ensino fundamental incompleto; (4) ensino médio completo; (5) ensino médio incompleto; (6) curso superior incompleto; (7) curso superior completo; Local da escola: (1)na comunidade; (2)fora da comunidade.

2.5 Comunicação e Lazer

2.5.1 Meios de comunicação

- () não escutam rádio, não lêem revistas/jornais e nem assistem televisão.
 () escutam rádio, mas não tem acesso a televisão e/ou jornais e revistas.
 () escutam rádio, assistem televisão, mas não tem acesso a jornais ou revistas.
 () escutam rádio, assistem televisão e tem acesso as informações de jornais e revistas, mas não tem acesso a informações da internet.
 () escutam rádio, assistem televisão e tem acesso as informações de jornais, revistas e internet.

2.5.2 Locais de lazer

- () inexistência de locais para lazer, como centro comunitário, clube social e campo de futebol.
 () existência de pelo menos um dos locais acima citados.

2.5 Saúde

2.5.1 Prestação de serviços de saúde à comunidade

- () ausência de um posto de saúde na comunidade.
 () atendimento por agente de saúde.
 () posto de saúde onde são oferecidos apenas os serviços básicos (primeiros socorros e vacinação).
 () existência de um posto de saúde equipado, oferecendo os serviços de primeiros socorros e consultas médicas.

2.5.2 No caso de ausência, qual a distância do serviço prestado _____

III- ASPECTOS CULTURAIS

3.1 Acha importante a preservação dos costumes, tradições e hábitos da comunidade?

() sim () não

Por quê?

3.2 Existe algum grupo de dança ou folclórico na comunidade?

() sim () não

3.3 O Sr participa? ()sim ()não

Por que?

3.4 Existe interesse por parte dos jovens em preservar as tradições da comunidade?

() sim () não

Por que?

IV - RENDA FAMILIAR

4.1 Qual a renda familiar mensal? R\$

4.2 COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR (fora da atividade agropecuária)

[illegible]

*Inclusive aposentadoria, bolsa e ajuda de parentes

4.3 COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR (com a atividade agropecuária)

[illegible]

V - PRODUÇÃO ANIMAL (BOVINOS)

5.1 Possui bovinos

() Sim () Curraleiro () outros _____
() Não

5.1.1 Se não, mas já possuiu? (ou seus antepassados)
() sim () não (em caso negativo passe para o item 6.4)

5.1.1.1 Se sim, por que não cria mais?

5.2 Quais as vantagens da criação do gado Curraleiro em relação as demais raças?

() rusticidade
() baixo custo
() aptidão mista
() outros _____

5.3 Quais as desvantagens da criação do gado Curraleiro em relação as demais raças?

() baixa valorização
() baixa produtividade
() desenvolvimento lento
() dificuldade de comercialização
() outros _____

ESPECIFICAÇÃO	QTDA (CABEÇAS)	VALOR UNITÁRIO (R\$/CAB)
Reprodutor		
Vaca em lactação		
Vaca falhada (seca)		
Fêmea até 1 ano		
Fêmea de 1 a 2 anos		
Fêmeas de 2 a 3 anos		
Machos até 1 ano		
Machos de 2 a 3 anos		
Rufião		
Total		

5.4 Cria mais de uma raça?

() Sim () Não

5.5 Qual o índice de natalidade do rebanho? _____

5.6 Utiliza controle reprodutivo?

() sim. () não.

5.7 Sistema de reprodução utilizado.

- () monta natural a solta (O touro permanentemente com as fêmeas)
() monta controlada (As vacas são levadas ao touro que fica em piquetes).
() inseminação artificial.

5.8 Período em meses que as vacas são ordenhadas (lactação):_____.

5.9 Faz corte e cura do umbigo?

- () Sim. Como? _____
() Não. Por que? _____

5.10 Em média, quanto tempo de vida útil apresenta cada animal? _____

5.11 Qual o destino das crias?

- () abate () reposição do rebanho () venda () outros _____

5.12 Qual a finalidade da criação?

- () consumo () leite
() venda () carne

5.13 Se a atividade é p/ leite, qual a produção diária e o preço do litro?

5.14 Local de venda do leite e/ou outros produtos?_____

5.15 Esta é sua principal fonte de renda?

- () Sim
() Não

5.16 Esta atividade representa que porcentagem na sua renda mensal?

5.17 O que o motiva a criar estes animais?_____

5.18 Quem geralmente cuida dos animais?

- () Homem () Mulher () Adolescente () Criança () Outros

5.19 Qual o tipo de alimentação dada aos animais?

- () Pastagem () Ração () Outros _____

5.20 Faz algum tipo de suplementação alimentar?
Qual? _____

5.21 Qual a principal forma de mineralização do rebanho?

- () não usa.
 () mistura completa pronta para uso.
 () Produto (premix) para ser misturado ao sal comum.
 () mistura completa feita na propriedade.
 () Farelo de Ossos e/ou fosfato Bicálcio + sal comum.
 () sal comum.
 () Outro. Qual? _____

5.22 Os animais dormem em local determinado (curral)?

- ()sim () não

5.23 Se não, onde dormem? _____

5.24 Existem predadores naturais atacando a criação?

- ()sim () não

5.25 Se sim, quais? _____

5.26 Qual o manejo sanitário utilizado na atividade?

- () vacinação apenas () vermifugação () nada () outros

5.27 Prevenção sanitária, marcar as que faz:

Enfermidade	Sim	Não
Febre aftosa		
Manqueira		
Brucelose		
Paratifo		
Raiva		
Enterotoxemia		
Vermifugação		
Outro (_____)		

5.28 Quais os tipos de doenças mais freqüentes na criação?

5.29 Principais causas de mortalidade de bezerros.

5.30 Como faz para renovar o plantel?

5.31 Compra animais de outros proprietários da região?

() sim () não

() Outro _____

5.32 Com que frequência renova os reprodutores?

() 6 meses () 1 Ano () mais de 1 ano

5.33 Pensa em aumentar a criação?

() sim () não

5.34 Se sim, de que forma?

5.35 Se não, por quê?

5.36 Quais os principais motivos para permanecer ou expandir a criação?

5.37 Aproveita o couro dos animais para fabricação de arreios e outros artefatos?

() sim. Como _____

() não. Por que? _____

5.38 Teria interesse em aprender a aproveitar o couro dos animais para fabricação de arreios e outros artefatos?

() sim () não

Por que?

6. Qual a maior dificuldade enfrentada pela comunidade? Por quê?

7 Espaço livre para outras opiniões e observações não contempladas neste questionário e de fundamental importância para caracterização do sistema de produção e sócio-econômico da comunidade

OBS.: Qual o melhor horário e dia da semana para participar de reuniões?

Horário _____ Dia(as) da semana _____

ANEXO II Roteiro de entrevista semiestruturada

Data

Circunstância da entrevista

Um pouco sobre o entrevistado

1. Como era o tempo antigo?
2. Conte a história do povoado e da sua família?
3. O que significa ser um Kalunga para o senhor(a)?
4. Quais são os seus projetos de vida?
5. O(a) senhor(a) está satisfeito em morar no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga? Por quê?
6. O que falta para que aqui seja um lugar melhor para se viver?
7. Os filhos (O que fazem? Onde estão? O que pensam?)
8. Conte qual é o seu envolvimento com o Projeto Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro?
9. Quais foram os critérios utilizados para eleger as famílias contempladas?
10. De quem foi a idéia desse projeto?
11. O(a) senhor(a) sabe como foi a implantação do projeto e por que foi escolhido o gado curraleira?
12. Qual é a sua opinião sobre esse projeto?
13. Em sua opinião, o que deveria ser feito para a consolidação deste projeto?
14. O senhor conhece outras ações que visam ajudar a comunidade?
15. A comunidade recebe apoio de alguma instituição ou do governo?
16. Quanto tempo o(a) senhor(a) mora aqui?
17. O que o(a) senhor(a) entende por política pública?
18. O(A) senhor(a) acredita que já foi alcançado por alguma política pública? Qual?